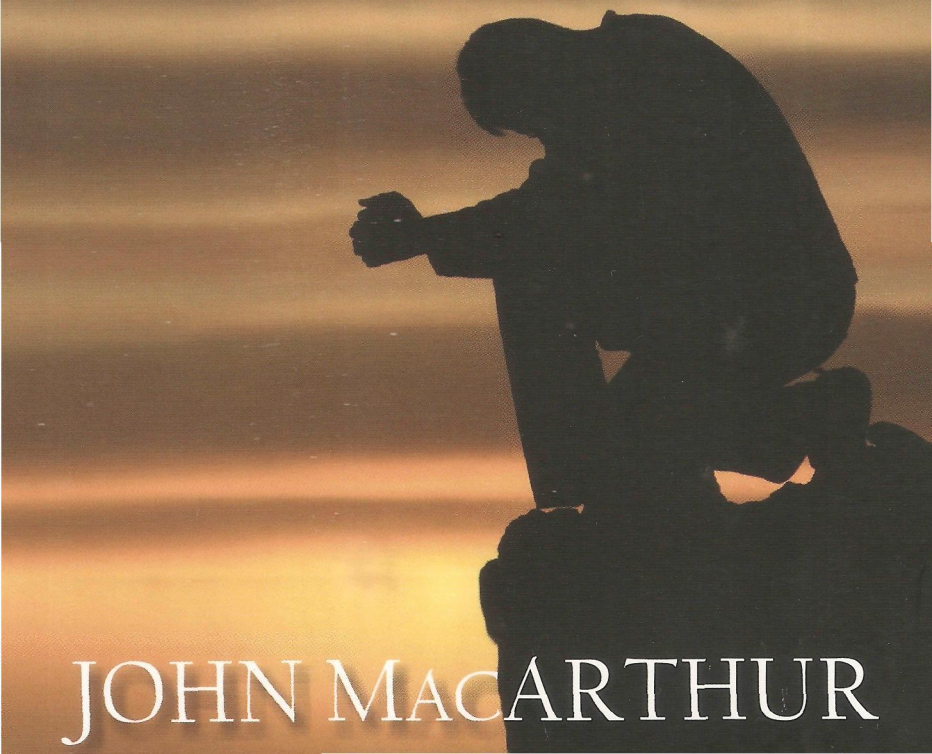
A SÓS COM DEUS

O poder e a paixão pela oração



JOHN MACARTHUR

"A oração é sem sombra de dúvida a mais elevada atividade da alma humana. O homem encontra-se no seu melhor e mais elevado estado quando, de joelhos, fica face á face com Deus". (Martyn Lloyd-Jones)

A essência da oração é simplesmente falar com Deus como você faria com um amigo querido, sem qualquer fingimento ou petulância. A oração é a linguagem do céu e a chave para desatar o poder de Deus em nossas vidas. É também uma batalha difícil, complexa e solitária que pode ser ganha ou perdida de uma hora para outra. Mas vale a pena lutar essa batalha!

John MacArthur, em A Sós Com Deus, explora a anatomia da oração eficaz e apresenta um modelo reanimador e bíblico que você pode começar a seguir hoje mesmo. Uma ferramenta poderosa para obter mais fervor e frequência na sua comunhão com o Pai.

Ao debruçar sobre esta obra, você redescobrirá o poder e a paixão que o tempo gasto com Deus pode trazer. Compreenderá que oração não é uma tentativa de fazer com que Ele concorde com você ou venha atender aos seus desejos, mas que ela é tanto uma afirmação da Sua soberania, retidão e majestade, quanto um exercício para conformar seus desejos e propósitos à Sua vontade e glória.

ISBN 978-85-60387-22-9

editora PALAVRA

John MacArthur, Jr.

A SÓS COM DEUS

Tradução
Maria Lúcia Godde Cortez (Idiomas & Cia)

editora
PALAVRA
Brasília 2009

A SÓS COM DEUS

© 2009 Editora Palavra
© 1995 by John MacArthur, Jr

Cook Communications Ministries, 4050 Lee Vance View,
Colorado Springs, Colorado 80918 U.S.A.

Título original:
ALONE WITH GOD

1ª edição brasileira:
Maio de 2009

Coordenação editorial
Jerry Gaspar

Tradução
Idiomas & Cia – por Maria Lúcia Godde Cortez

Revisão
Idiomas & Cia

Capa
Rodrigo Robinson

Projeto Gráfico e Diagramação
Adilson Proc

Impressão
Imprensa da Fé

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida sem permissão por escrito, exceto para breves citações, com indicação da fonte.

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada (Sociedade Bíblica do Brasil) © 1997. Todos os direitos reservados.

CIP-Brasil. Catalogação na fonte – Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

M113s MacArthur, John, 1939-
A sós com Deus / John MacArthur, Jr. ; [tradução Maria Lúcia Godde Cortez]- Brasília, DF : Palavra, 2009.
200 p.
Tradução de: Alone with god
ISBN 978-85-60387-22-9
1. Oração – Cristianismo. 2. Pai-nosso – Meditações. 3. Pai-nosso – Comentários. I. Título.
09-2119 CDD: 248.32
CDU: 243
07.05.09 11.05.09 012480

editora
PALAVRA

Todos os direitos reservados no Brasil pela: Editora Palavra - CLN 201 Bloco "C", subsolo, CEP 70832-530, Brasília - DF Fone: (61) 3213-6975, Fax: (61) 3213-6976
e-mail: atendimento@editorapalavra.com.br - site: www.editorapalavra.com.br

ÍNDICE

INTRODUÇÃO 7

PARTE UM: A ATITUDE DA ORAÇÃO

1. Um Coração Firmado em Deus 13
2. Buscando a Deus em Secreto 29

PARTE DOIS: O PADRÃO DA ORAÇÃO

3. "Pai Nosso" 47
4. "Santificado Seja o Teu Nome" 57
5. "Venha o Teu Reino" 71
6. "Seja Feita a Tua Vontade" 81
7. "O Pão Nosso de Cada Dia, dá-nos Hoje" 97
8. "Perdoa-nos as nossas Dívidas" 107
9. "Livra-nos do Mal" 123

PARTE TRÊS: A ORAÇÃO EM AÇÃO

10. Orando pelas Coisas Certas 133
11. Orando pelos Perdidos 145

Guia de Estudo Individual e em Grupo 163

CULTURA CRISTÃ

INTRODUÇÃO

Martyn Lloyd-Jones certa vez escreveu: "A oração é sem sombra de dúvida a mais elevada atividade da alma humana. O homem encontra-se no seu melhor e mais elevado estado quando, de joelhos, fica face a face com Deus"[1]. O comentarista J. Oswald Sanders nos oferece ainda esta sublime visão sobre a oração:

> Nenhum exercício espiritual possui uma tão grande mistura de complexidade e simplicidade. É a forma mais simples de verbalização que os lábios infantis podem pronunciar, e, ao mesmo tempo, representa os mais sublimes esforços que atingem a Majestade nas alturas. É tão apropriada ao velho filósofo quanto à criancinha. É ao mesmo tempo a expressão de um momento e a atitude de toda uma vida. É a expressão do descanso da fé e do combate da fé. É agonia e êxtase. É submissa, e ao mesmo tempo, importuna. Em um só momento, ela nos aproxima de Deus e amarra o diabo. É capaz de focalizar um único objetivo, mas também pode percorrer todo o mundo. Pode ser uma humilde confissão ou uma arrebatada adoração. A oração reveste o homem insignificante de uma espécie de onipotência[2].

---

[1] Martyn Lloyd-Jones. *Studies in the Sermon on the Mount, 2 vols.* Grand Rapids: Eerdmans, 1979, 2:45.

[2] J. Oswald Sanders. *Effective Prayer.* Chicago: Moody, 1969, 7.

A essência da oração é simplesmente falar com Deus como você faria com um amigo querido, sem qualquer fingimento ou petulância. No entanto, é com relação a essa mesma atitude para com a oração que tantos crentes têm problemas.

Pelo fato da comunhão com Deus ser tão vital e a oração tão eficaz no cumprimento do plano divino, o inimigo tenta constantemente disseminar enganos sobre o nosso entendimento da oração e sobre o nosso compromisso em orar. A cada nova geração nos deparamos com a necessidade de redefinir e corrigir uma percepção errônea ou confusa acerca da oração. Para muitos, a oração foi substituída pela ação pragmática. A função põe de lado a comunhão com Deus; a atividade congestiona a comunicação. Para outros, falta à oração um senso de respeito e temor reverente. Seus esforços são petulantes, desrespeitosos e irreverentes. E ainda há aqueles que acreditam que a oração destina-se a fazer exigências e reivindicações a Deus. Eles tentam forçá-lo a fazer o que acham que Ele deve fazer por eles. Finalmente, para alguns, a oração não é nada mais do que um ritual de rotina.

Você pode ter o maior respeito pela oração, e ainda assim descobrir que a sua própria prática individual carece de propósito e vitalidade, e assim você também não passa tempo com Deus como sabe que deveria. Embora haja muitos motivos pelos quais os cristãos têm dificuldade para orar, creio que há um fator que supera todos os outros. Martin Lloyd-Jones escreveu:

> Por ser a mais elevada atividade da alma humana, a oração é ao mesmo tempo o teste definitivo da real condição espiritual do homem. Não há nada que reflita tanto a verdade a nosso respeito como povo cristão quanto nossa vida de oração... Assim, o homem finalmente descobre a real condição de sua vida espiritual quando examina a si mesmo em particular, quando está a sós com Deus... E todos nós sabemos como é constrangedor descobrir que, de algum modo, temos menos a dizer a Deus quando estamos a sós do que quando estamos na presença de outros! Não deveria ser assim; mas, em geral, é. Por esse motivo, quando deixamos o domínio das atividades e dos contatos externos

> com outras pessoas, e estamos a sós com Deus, é que realmente sabemos qual a nossa real condição, espiritualmente falando[3].

Estar a sós com Deus! Esse deveria ser o maior desejo do cristão. Como é triste que tantos crentes passem um tempo tão breve com Ele, ou que absolutamente não se dirijam ao Senhor, pois têm tão pouco a dizer...

Há cerca de quinze anos atrás, quando preguei sobre o Evangelho de Mateus na Igreja Grace Community, especificamente sobre o capítulo 6 e a passagem mais comumente conhecida como a "Oração do Pai-nosso", isso revolucionou de tal modo a forma de orar do povo que aproveitei a oportunidade para escrever um livro sobre o assunto. Intitulado *O Padrão de Oração de Jesus*, ele tratava exclusivamente do padrão estabelecido por Jesus para a oração em Mateus 6, um modelo fundamental para todo o nosso entendimento a respeito da oração. A editora original gentilmente cedeu os direitos de publicação do livro, e isso me deu a oportunidade de revisá-lo e publicá-lo como parte de uma série de estudos que lancei por uma editora americana.

Mas este livro é mais do que uma simples revisão dos capítulos do original. Também acrescentei vários capítulos constituídos de diversas passagens do Novo Testamento que ampliarão e aperfeiçoarão a sua compreensão acerca da oração. Embora o padrão de Jesus para a oração ocupe a parte central do livro, creio que você também precisa entender o que os escritores do Novo Testamento, inspirados pelo Espírito Santo, construíram sobre o fundamento representado por esse padrão.

A primeira parte do livro examinará a atitude que todos os crentes deveriam ter com relação à sua comunicação com Deus. Todos os cristãos devem ter necessariamente seus corações focados em Deus de modo que a comunhão com Ele seja uma atividade diária e natural de suas vidas. O primeiro capítulo definirá e examinará esta necessidade vital de orarmos sem cessar. Ao mesmo tempo,

[3] Martyn Lloyd-Jones. *Studies in the Sermon on the Mount, 2 vols*. Grand Rapids: Eerdmans, 1979, 2:45.

todos precisamos nos guardar contra orar com a atitude errada. Era isso que afligia os fariseus, que viam a oração como um meio de exibir sua espiritualidade ao invés de vê-la como uma humilde oportunidade de glorificar a Deus.

A fim de corrigir a corrompida perspectiva sobre a oração que os discípulos haviam recebido daqueles líderes religiosos hipócritas, Jesus ofereceu um padrão que dava uma visão abrangente de todos os elementos essenciais de uma oração correta, estando todos eles centralizados em Deus. Essa parte central do livro abordará cada frase do padrão de oração do nosso Senhor. Do princípio ao fim, você descobrirá que Jesus focaliza a nossa atenção em Deus – na Sua adoração, dignidade, e glória.

A fim de ajudá-lo a aplicar o que aprendeu, os últimos dois capítulos do livro examinarão os motivos específicos pelos quais todos os crentes deveriam orar. O que você vai ler poderá surpreendê-lo, pois assim como um pai deve corrigir as prioridades de seu filho na vida, Deus deve fazer o mesmo com relação à nossa prática da oração.

Oro para que ao terminar sua jornada de leitura deste livro, você redescubra o poder e a paixão que o tempo gasto com Deus pode trazer. Também espero que você compreenda que a oração não é uma tentativa de fazer com que Deus concorde com você ou venha atender aos seus desejos egoístas, mas que ela é tanto uma afirmação da Sua soberania, retidão e majestade, quanto um exercício para conformar seus desejos e propósitos à Sua vontade e glória.

PARTE UM

A ATITUDE DA ORAÇÃO

Capítulo 1

Um Coração Firmado em Deus

Para os cristãos, orar é como respirar. Você não tem de pensar em respirar porque a atmosfera exerce pressão sobre os seus pulmões e o força a fazer isso. É por isso que é mais difícil prender a respiração do que respirar. Semelhantemente, quando você nasce na família de Deus, você entra em uma atmosfera espiritual onde a presença e a graça de Deus exercem pressão ou influência sobre sua vida. A oração é a resposta normal a essa pressão. Como crentes, todos entramos na atmosfera divina para respirar o ar da oração. Somente dessa forma poderemos sobreviver nas trevas do mundo.

Infelizmente, muitos cristãos "prendem" a respiração espiritual por longos períodos, pensando que breves momentos com Deus serão suficientes para sua sobrevivência. Entretanto, o fato é que cada crente deve estar continuamente na presença de Deus, respirando constantemente das Suas verdades, para viver em plenitude. E sabemos que tal restrição a essa provisão espiritual é causada pelos desejos pecaminosos.

Pelo fato de nossa sociedade ser tão livre e próspera, é mais fácil para os Cristãos se sentirem seguros fazendo conjecturas sobre

a graça de Deus em lugar de depender de Sua graça. Muitos crentes se satisfazem com as bênçãos físicas e têm pouco desejo por bênçãos espirituais. Por terem se tornado tão dependentes de seus recursos físicos, sentem pouca necessidade de recursos espirituais. Quando programas, métodos e dinheiro produzem resultados impressionantes, há uma tendência de se confundir sucesso humano com bênção divina. Os cristãos podem realmente se comportar como humanistas práticos, vivendo como se Deus não fosse necessário. Quando isso acontece, o anseio apaixonado por Deus e o anelo por Sua ajuda estarão em falta – assim como o Seu revestimento de poder. Por causa desse grande e comum perigo, Paulo incentivou os crentes a "orar sem cessar" (Ef 6.18) e a "dedicarem-se à oração" (Cl 4.2). A oração contínua, persistente e incessante, é parte essencial da vida cristã e flui da dependência total de Deus.

A FREQUÊNCIA DA ORAÇÃO

O ministério de Jesus na terra foi notadamente breve, com no máximo três anos de duração. Ainda assim, naqueles três anos, como também deve ter sido nos anos anteriores de Sua vida, Ele gastou longos períodos em oração. Os Evangelhos relatam que Jesus costumava se levantar cedo pela manhã, em geral antes do nascer do dia, para ter comunhão com Seu Pai. À noite, Ele frequentemente ia ao Monte das Oliveiras ou a algum outro lugar quieto para orar, geralmente só. A oração era o ar espiritual que Jesus respirava todos os dias de Sua vida. Ele praticava uma comunhão constante com o Pai.

Ele incentivou Seus discípulos a fazerem o mesmo. Ele disse: "Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder" (Lc 21.36).

A igreja primitiva aprendeu essa lição e levou adiante o compromisso de Cristo com a oração contínua e incessante. Até mesmo antes do Dia de Pentecostes, os 120 discípulos reunidos no cenáculo "perseveravam unânimes em oração" (At 1.14). Isso não mudou mesmo quando 3.000 foram acrescentados ao número deles no Dia de Pentecostes (2.42). Quando os apóstolos foram levados a estru-

turar a igreja de forma que o ministério pudesse ser cumprido com eficácia, disseram: "Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da Palavra" (6.4).

Durante o curso de sua vida, o apóstolo Paulo exemplificou esse compromisso com a oração. Leia as saudações de muitas de suas epístolas e você descobrirá que orar por seus companheiros crentes era sua prática diária. Aos crentes de Roma ele disse: "Deus... é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós, em todas as minhas orações, suplicando" (Rm 1.9-10; cf. 1 Co 1.4; Ef 5.20; Fp 1.4; Cl 1.3; 1 Ts 1.2; 2 Ts 1.3, 11; Fp 4). Suas orações pelos crentes em geral o ocupavam "noite e dia" (1 Ts 3.10; 2 Tm 1.3).

Ao orar por eles com tanta freqüência, Paulo podia exortar seus leitores a orarem desse modo também. Ele incentivou os tessalonicenses a "orar sem cessar" (1 Ts 5.17). Ele ordenou aos Filipenses que parassem de andar ansiosos e, em vez disso os aconselhou: "Em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças" (Fp 4.6). Ele encorajou os colossenses a perseverar na oração, vigiando com ações de graças (Cl 4.2; cf. Rm 12.12). E para auxiliar os efésios a se armarem para combater as trevas espirituais no mundo à sua volta, ele disse: "Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos" (Ef 6.18). A oração incessante, ininterrupta, é essencial à vitalidade do relacionamento de um crente com o Senhor e à sua capacidade de atuar no mundo.

Um Modo de Vida

Quando criança, eu costumava me perguntar como alguém poderia orar sem cessar. Eu imaginava cristãos andando de um lado para o outro com as mãos postas, cabeças curvadas e olhos fechados, esbarrando em tudo. Embora certas posturas e horários específicos separados para a oração tenham uma relação importante com a nossa comunicação com Deus, "orar sem cessar" obviamente não significa

que devemos orar de modo formal ou perceptível a cada instante do dia. E não significa que devemos nos dedicar a recitar padrões ritualísticos ou modelos de oração.

"Orar sem cessar" se refere basicamente à oração periódica, e não a um falatório constante. Assim deve ser o nosso modo de vida – devemos estar continuamente em atitude de oração.

O famoso pregador do século dezenove, Charles Haddon Spurgeon, oferece-nos este vívido quadro do que significa orar em todo tempo:

> Devemos ser como os antigos cavaleiros das constantes batalhas de guerra: nem sempre em seus cavalos arremetendo para a frente com suas lanças em repouso para desmontar um adversário, mas sempre portando suas armas onde facilmente as pudessem alcançar, e sempre prontos a encontrar ferimentos ou morte em benefício da causa que patrocinavam. Esses guerreiros cruéis freqüentemente dormiam com suas armaduras; nós também, mesmo quando dormimos, ainda assim devemos estar em espírito de oração, de modo que, se, por acaso, despertarmos durante a noite, ainda assim estejamos com Deus. Nossa alma, tendo recebido a influência divina que a leva a buscar o seu centro celestial, deve estar cada vez mais subindo naturalmente para o próprio Deus. Nosso coração deve ser como aqueles faróis e torres de vigia que eram preparados ao longo da costa da Inglaterra, quando a invasão da Armada era esperada de hora em hora, nem sempre em chamas, mas com a madeira sempre seca, e os fósforos sempre à mão, toda a pilha pronta para entrar em combustão no momento indicado. Nossas almas devem estar de tal forma que a oração imediata seja muito freqüente em nós. Não há necessidade de abandonar o trabalho, sair do balcão e cair de joelhos; o espírito deve enviar suas petições silenciosas, curtas e breves até o trono da graça...
>
> Um cristão deve portar a arma da oração como uma espada desembainhada em sua mão. Nunca devemos embainhar

> nossas súplicas. Que nossos corações nunca sejam como uma arma desengatada, que precise de uma série de procedimentos antes de poder disparar contra o inimigo; mas que sejam como uma peça de canhão, carregada e preparada, apenas necessitando do fogo para ser disparada. A alma não precisa estar sempre no *exercício* da oração, mas deve estar sempre na *energia* da oração; nem sempre realmente orando, mas sempre intencionalmente orando[4].

Penso em orar sem cessar como viver na contínua consciência da presença de Deus, quando tudo que vemos e experimentamos se converte em uma espécie de oração, vivida em profunda consciência e rendição ao nosso Pai Celestial. É algo que compartilho com o meu Melhor Amigo – algo que instantaneamente comunico a Deus. Obedecer à Sua exortação significa que, quando somos tentados, apresentamos a tentação diante de Deus e pedimos Sua ajuda. Quando experimentamos algo bom e belo, imediatamente agradecemos ao Senhor por aquilo. Quando vemos o mal ao redor de nós, pedimos a Deus que o transforme e que nos permita ajudá-lo a fazê-lo, se estiver de acordo com a Sua vontade. Quando encontramos alguém que não conhece a Cristo, oramos a Deus para que Ele atraia aquela pessoa a Si e que nos use como testemunha fiel. Quando nos deparamos com problemas, nos voltamos para Deus como nosso Libertador.

Assim, a vida se torna uma oração que sobe continuamente a Deus: todos os pensamentos, ações e circunstâncias se tornam uma oportunidade de comunhão com o nosso Pai Celestial. Deste modo, colocamos nossas mentes constantemente "nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra" (Cl 3.2).

Comunhão com Deus

O propósito definitivo da nossa salvação é glorificar a Deus e nos trazer à íntima e rica comunhão com Ele, mas nós negamos esse propósito quando fracassamos em buscar a Deus em oração. "O

[4] Charles Haddon Spurgeon. *The Parables of Our Lord*. Grand Rapids: Baker, reimpressão 1979, 434-35.

que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros", diz o Apóstolo João, "para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora, a nossa comunhão é com o Pai, e com Seu Filho, Jesus Cristo" (1 Jo 1.3).

Imagine passar todo um dia de trabalho com o seu melhor amigo ao seu lado. Você sem dúvida reconheceria a sua presença ao longo do dia, apresentando-o aos seus amigos ou colegas de trabalho e falando com ele sobre as várias atividades do dia. Mas como o seu amigo se sentiria se você nunca falasse com ele ou reconhecesse a sua presença? É exatamente assim que tratamos o Senhor quando deixamos de orar. Se nos comunicássemos com nossos amigos tão raramente quanto alguns de nós se comunicam com o Senhor, esses amigos logo desapareceriam.

Nossa comunhão com Deus não deve esperar até que estejamos no céu. O maior desejo de Deus, e a nossa maior necessidade, é estar em constante comunhão com Ele agora, e não existe maior expressão ou experiência de comunhão do que a oração.

Em uma de suas clássicas obras sobre oração, *Purpose in Prayer* [Propósito na Oração], o pastor do século dezenove E.M. Bounds nos dá este lembrete de como devemos cultivar nossa comunhão com o Senhor:

> A oração não é uma função ou dever sem sentido a ser empurrada para dentro dos nossos finais de dia ocupados ou fatigados, e não estamos obedecendo à ordem do nosso Senhor quando nos contentamos com alguns minutos de joelhos na pressa da manhã, ou tarde da noite, quando nossas mentes, cansadas pelas tarefas do dia, gritam por descanso. Deus está sempre pronto a atender, é verdade; Seus ouvidos estão sempre atentos ao clamor de Seus filhos, mas nunca poderemos chegar a conhecê-lo se utilizarmos o veículo da oração do mesmo modo que utilizamos o telefone, para algumas poucas palavras de conversa apressada. Intimidade requer desenvolvimento. Nunca poderemos conhecer Deus, como é nosso privilégio co-

> nhecê-lo, através das repetições breves, fragmentadas e desatenciosas de intercessões que não passam de pedidos de favores pessoais e nada mais. Essa não é a forma pela qual podemos entrar em comunicação com o Rei dos céus. "O alvo da oração é o ouvido de Deus", um alvo que só pode ser alcançado esperando-se por Ele pacientemente, perseverantemente e continuamente, derramando nosso coração perante Ele, e permitindo que Ele nos fale. Somente agindo assim podemos esperar conhecê-lo, e ao conhecê-lo melhor passaremos mais tempo em Sua presença e descobriremos nessa presença um prazer constante e sempre crescente[5].

As Formas de Oração

Em Efésios 6.18, Paulo diz que devemos orar com "toda oração e súplica". A palavra grega traduzida como "oração" nesse versículo (também em 1 Ts 5.17) é a palavra mais comumente usada no Novo Testamento para descrever a oração, e ela se refere a pedidos gerais. A palavra traduzida como "súplica" se refere a orações específicas. O uso de Paulo de ambas as palavras sugere a necessidade de nos envolvermos em todos os tipos de oração, e em todas as formas que forem apropriadas.

A Posição

Orar sem cessar exige que se esteja em diversas posições, porque você nunca vai estar na mesma posição durante todo o dia. Na Bíblia, as pessoas oravam de pé (Gn 24.12-14), levantando as mãos (1 Tm 2.8), sentadas, de joelhos (Mc 1.40), olhando para cima (Jo 17.1), prostrando-se (Ex 34.8), colocando a cabeça entre os joelhos (1 Rs 18.42), batendo no peito (Lc 18.13), e de janelas abertas voltadas para o templo (Dn 6.10).

---

[5] E.M. Bounds. *Purpose in Prayer*. Chicago: Moody, n.d. 53-54.

As Circunstâncias

Embora muitos de nós pensemos que a oração deveria ser algo muito formal, a Bíblia documenta que as pessoas oravam em circunstâncias variadas. Elas oravam usando pano de saco (Sl 35.13), sentando-se sobre cinzas (Jó 1.20-21; 2.8), batendo no peito (Lc 18.13), chorando (Sl 6.6), jogando pó sobre a cabeça (Js 7.6), rasgando as vestes (1 Rs 21.27), jejuando (Dt 9.18), suspirando (Ed 9.4-15), gemendo (Sl 6.4-6), clamando em alta voz (Hb 5.7), transpirando sangue (Lc 22.44), agonizando com o coração partido (Sl 34.18), fazendo votos (At 18.18), fazendo sacrifícios (Sl 20.1-3), e cantando canções (At 16.25).

O Lugar

A Bíblia também registra pessoas orando em todo tipo de lugar: em batalha (2 Cr 13.14-15), na caverna (1 Rs 19.9-10), no quarto, (Mt 6.6), no jardim (Mt 26.36-44), no monte (Lc 6.12), junto ao rio (At 16.13), junto ao mar (At 21.5-6), na rua (Mat 6.5), no templo (1 Rs 8.22), na cama (Sl 4.3-4), em uma casa (At 9.39-40), no estômago de um peixe (Jn 2.1-10), no eirado (telhado de uma casa) (At 10.9), na prisão (At 16.23-26), no deserto (Lc 5.16), e na cruz (Lc 23.33-34, 46). Em 1 Timóteo 2.8, Paulo diz: "Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar". Para o cristão fiel e cheio do Espírito, todo lugar se torna lugar de oração.

A Hora

Em uma conferência para pastores da qual participei há alguns anos atrás, um homem pregou sobre o tema da oração matinal. Para sustentar sua tese, ele leu várias passagens que mostram pessoas orando pela manhã. Enquanto ele fazia isso, dei uma olhada em todas as passagens bíblicas que mostram pessoas orando três vezes ao dia (Dn 6.10), à noite (1 Rs 19.9), antes das refeições (Mt 14.19), após as refeições (Dt 8.10), à hora nona (15:00 horas; At 3.1), à hora de dormir (Sl 4.4), à meia-noite (At 16.25), noite e dia (Lc 2.37; 18.7), freqüentemente (Lc 5.33), quando são jovens (Jr 3.4), quando

são velhos (Dn 9.2-19), quando estão com problemas (2 Rs 19.3-4), todos os dias (Sl 86.3), e sempre (Lc 18.1; 1 Ts 5.17).

A oração pode ser feita em qualquer hora, posição, lugar, circunstância, e com qualquer roupa. Deve ser um modo de vida, uma comunhão aberta e contínua com Deus. Nunca se esqueça que mesmo depois de ter recebido todos os recursos infinitos que são seus em Cristo, você ainda será totalmente dependente do poder de Deus a cada momento de sua vida.

Atitudes Coincidentes

Ao longo de sua vida, o crente sente sua insuficiência, e assim vive em total dependência de Deus. Quando você sentir essa insuficiência e dependência, você orará sem cessar. Ao mesmo tempo, você também sabe que é o beneficiário das tremendas bênçãos de Deus. Foi por isso que Paulo instruiu os Tessalonicenses "regozijai-vos sempre" e "em tudo daí graças" nas suas incessantes orações (1 Ts 5.16-18). Isso reflete um belo equilíbrio em nossa comunhão com Deus. Enquanto oferecemos súplicas específicas por nossas necessidades e pelas necessidades de outros, ao mesmo tempo podemos nos regozijar e dar graças, não apenas pelas Suas respostas específicas, mas também pelas bênçãos abundantes que Ele derrama sobre nós a cada dia.

FERVOR NA ORAÇÃO

De fato, a comunicação com Deus deve ocorrer ao longo de todo o dia, mas não imagine que isso nos exime da necessidade de ter paixão em nossas orações. Paulo ordenou aos colossenses, "Perseverai na oração, vigiando" (Cl 4.2) e advertiu os efésios "vigiando com toda perseverança e súplica ao orar" (Ef 6.18). Para que a oração cumpra com o que Deus deseja em nossas vidas, ela deve ser uma prática que consome tudo, fazendo da vigilância e da perseverança seus bens mais preciosos.

Vigilância

Em seu sentido mais básico, a ordem de Paulo para mantermos vigilância significa "ficar alerta e não cair no sono durante a oração". No Getsêmani, imediatamente antes de ser traído, Jesus pediu a Pedro, Tiago e João para vigiarem enquanto Ele orava (Mt 26.38). Ele voltou logo em seguida e os encontrou já adormecidos, de modo que disse a Pedro: "Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca" (vv. 40-41). É impossível orar enquanto dormimos! Você deve estar desperto e alerta para falar com Deus, assim como está quando fala com qualquer outra pessoa.

A instrução de Paulo, porém, tanto em Colossenses 4.2 quanto em Efésios 6.18, envolve mais do que a mera vigilância física. Os crentes devem também procurar as coisas pelas quais devem estar orando. Evidentemente Pedro aprendeu esta verdade mais profunda a partir de sua própria falha em permanecer acordado, por isso ele escreveu em sua primeira epístola: "Sede, portanto, criteriosos e sóbrios, a bem das vossas orações" (4.7).

Os cristãos às vezes oram de forma vaga, fazendo orações gerais que são difíceis para Deus responder porque na verdade não pedem nada específico. É por isso que a oração específica é tão importante. Enquanto os pedidos gerais podem ser apropriados em certos casos, é através das respostas a orações específicas que vemos Deus colocar o Seu amor e poder à mostra. Jesus prometeu: "E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, Eu o farei" (Jo 14.13-14).

Os cristãos que buscam o Senhor continuamente têm preocupações específicas. Se você não estiver alerta aos problemas e necessidades específicos de outros crentes, não poderá orar por eles de maneira específica e sincera. Mas quando você o faz, você pode aguardar a resposta de Deus, regozijar-se quando ela chegar, e depois oferecer a Ele o seu grato louvor.

Perseverança

Infelizmente, a maioria dos crentes nunca encara a oração seriamente até que ocorra um problema em sua vida ou na vida de alguém que amam. Então, são inclinados a orar frequentemente, especificamente e persistentemente. Mas Paulo diz que devemos orar desse modo sempre, "vigiando com toda perseverança" (Ef 6.18). A palavra grega traduzida por "perseverança" é a mesma usada na ordem "perseverai" (Cl 4.2) e vem de *proskartereö*, uma palavra composta de *kartereö* ("ser decidido" ou "resistir") e de uma preposição que, acrescentada a ela, intensifica seu sentido. Assim, esse verbo significa literalmente "ser corajosamente persistente", "segurar firme e não soltar". É usado para falar da perseverança fiel de Moisés, quando conduziu os Filhos de Israel para fora do Egito (Hb 11.27). Ser dedicado à oração é trazer tudo à presença de Deus, principalmente as necessidades dos outros, de forma sincera, corajosa e perseverante. A sensibilidade aos problemas e necessidades dos outros, inclusive de outros crentes que enfrentam provas e privações, nos levará a orar por eles "dia e noite" como Paulo fez por Timóteo (2 Tm 1.3).

O Exemplo do Nosso Senhor

Jesus era, Ele próprio, o maior exemplo da perseverança na oração. Hebreus 5.7 diz: "Ele, Jesus, nos dias da sua carne, tendo oferecido, com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte". Esse versículo é um comentário sobre a vida de oração do nosso Senhor enquanto estava na terra; uma vida caracterizada por orações apaixonadas feitas com grande intensidade e agonia. Embora as Escrituras não relatem os detalhes de suas orações, podemos estar certos de que Ele perseverava nelas, ainda que levassem toda a noite (Lc 6.12).

A maior ilustração de Sua intensidade na oração aconteceu no Getsêmani, antes de Sua morte. Lucas escreve: "Ele... de joelho, orava, dizendo: Pai, se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se faça a minha vontade, e sim a Tua.'... E, estando em agonia, orava mais intensamente. E aconteceu que o seu suor se tornou como

gotas de sangue caindo sobre a terra" (Lc 22.41-42, 44). Na versão de Mateus sobre o mesmo evento, vemos que Jesus suplicou a Deus por três vezes (Mt 26.36-46). Foi uma experiência de oração fervorosa e prolongada, a ponto dos discípulos adormecerem por diversas vezes durante esse tempo.

Nosso Senhor realizou muitas obras poderosas enquanto esteve na terra, porém em nenhuma delas há qualquer desgaste aparente de energia. Embora as Escrituras digam que saiu virtude dele, não há registro que indique que Ele tinha de fazer qualquer esforço para realizar Seus milagres. Somente quando Ele orava é que O vemos agonizar e esforçar-se por Suas petições, a ponto de suar grandes gotas de sangue. Para nós, essa persistência tão exagerada é estranha, mas é exatamente esse tipo de intensidade que Cristo queria que os discípulos aprendessem através de duas parábolas que Ele lhes ensinou.

As Parábolas do Nosso Senhor

Entre as muitas parábolas do nosso Senhor, duas se destacam por serem diferentes das demais. Enquanto as outras parábolas se relacionam com Deus por comparação, aquelas que Ele relatou em Lucas 11 e 18 se relacionam a Deus por contraste. Elas ilustram pessoas que são diferentes de Deus, e ao fazê-lo enfatizam o valor da oração perseverante.

> Disse-lhes ainda Jesus: Qual dentre vós, tendo um amigo, e este for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: Amigo, empresta-me três pães, pois um meu amigo, chegando de viagem, procurou-me, e eu nada tenho que lhe oferecer. E o outro lhe responda lá de dentro, dizendo: Não me importunes; a porta já está fechada, e os meus filhos comigo também já estão deitados. Não posso levantar-me para tos dar; digo-vos que, se não se levantar para dar-lhos por ser seu amigo, todavia, o fará por causa da importunação e lhe dará tudo o de que tiver necessidade. Por isso, vos digo: Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, abrir-se-lhe-á (Lc 11.5-10).

> Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça (Lc 18.1-8).

O contraste entre Deus e os personagens das parábolas (o amigo relutante e o juiz injusto) é óbvio. Se seres humanos de tamanha má vontade e tão pecadores honram a perseverança, quanto mais o nosso santo e amoroso Pai Celestial? Caso você não obtenha uma resposta imediata à sua petição, ou se os acontecimentos não saírem exatamente ou tão rapidamente quanto você esperava, a palavra do nosso Senhor para nós é "não desanime". Apenas continue orando sem cessar e não desista. Continue batendo. Continue pedindo. Continue buscando.

Spurgeon nos oferece uma grande revelação com relação à importância da nossa perseverança:

> Se quisermos prevalecer, temos de persistir; temos de continuar incessantemente e constantemente, e não dar tréguas à nossa oração até que tenhamos alcançado o máximo de misericórdia. "Os homens deveriam orar sempre". Semana após semana, mês após mês, ano após ano; a conversão daquele filho querido deve ser a principal petição do pai. A aproximação de Deus daquele marido não convertido deve estar no coração da esposa dia e noite até que ela o alcance; ela não deve considerar nem dez ou vinte anos de oração sem sucesso como um motivo para parar; não deve

> estabelecer para Deus nem o tempo nem a ocasião, mas enquanto houver vida em si e enquanto houver vida no querido objeto de sua solicitude, ela deve continuar ainda a pedir diante do poderoso Deus de Jacó. O pastor não deve buscar a bênção sobre o seu povo ocasionalmente, e depois, ao receber uma certa medida dela, desistir de prosseguir com a intercessão. Na verdade, ele deve continuar veementemente sem pausa, sem conter suas energias, a clamar em voz alta sem se poupar, até que as janelas do céu sejam abertas e a bênção seja dada de uma forma tão grande que ele não a possa conter. Irmãos, muitas vezes pedimos algo a Deus e não recebemos porque não esperamos o bastante à Sua porta! Batemos uma vez ou duas às portas da misericórdia, e como nenhum mensageiro amigável abre a porta, seguimos nosso caminho. Muitas orações são como as batidas na porta daquelas crianças que tocam a campainha e saem correndo; elas são feitas, e em seguida aquele que bate desaparece antes que a porta seja aberta. Ah, que Deus nos dê graça para permanecermos lado a lado com o anjo de Deus, e nunca, nunca, nunca relaxarmos; sentindo que a causa pela qual rogamos é algo em que teremos êxito, pois as almas dependem dela, a glória de Deus está relacionada a ela, o estado de nossos irmãos encontra-se em perigo. Se pudéssemos desistir de orar por nós mesmos e pelas vidas daqueles a quem amamos, ainda assim, das almas dos homens *não poderíamos* desistir, devemos insistir e pedir incessantemente até obtermos resposta[6].

Quando Paulo nos ordena a orar sem cessar, ele está simplesmente apoiando o princípio que Jesus ensinou em Lucas 11 e 18 de que a oração deve ser incessante. Não somos ouvidos por nossas muitas palavras, mas pelo clamor de nossos corações. O homem que foi até seu amigo e pediu pão, não recitou a fórmula de um pedido, ele pediu o que precisava. O mesmo aconteceu com a viúva: ela clamou por proteção a alguém que tinha o poder de responder ao seu pedido.

---

[6] Charles Haddon Spurgeon. *The Parables of Our Lord*. Grand Rapids: Baker, reimpressão 1979, 436-37.

A oração persistente e contínua que vem do mais íntimo do seu ser é que move o coração do nosso Deus amoroso e compassivo.

Poder

O pensamento mais importante e penetrante que Paulo emite sobre a oração é que ela deve ser feita "no Espírito" (Ef 6.18; cf. Jd 20). Esta qualificação não tem nada a ver com o falar em línguas nem com qualquer outra atividade estática ou sobrenatural. Orar no Espírito é orar em nome de Cristo – isto é, orar em conformidade com a Sua natureza e vontade. Orar no Espírito é orar em total concordância com o Espírito, que "nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis [palavras reais impronunciadas, e não palavras irreais pronunciadas]. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos" (Rm 8.26-27). Zacarias 12.10 chama o Espírito Santo de o "Espírito de graça e súplicas". Assim como devemos orar continuamente, saiba que o Espírito Santo ora continuamente por nós. Quando oramos no Espírito, alinhamos nossas mentes e desejos com a Sua mente e desejos, que são compatíveis com a vontade do Pai e do Filho.

Como tornar as nossas orações compatíveis com o Espírito? Andando na plenitude do Espírito. Quando sua vida é cheia do Espírito (Ef 5.18) e você anda em obediência a Ele, Ele governará seus pensamentos de modo que suas orações estejam em harmonia com as dele. Quando você se submeter ao Espírito Santo, obedecer à Sua Palavra e depender da Sua direção e força, você será atraído à comunhão íntima e profunda com o Pai e com o Filho.

Nossas vidas devem refletir um compromisso contínuo com o exercício constante da oração. Tudo o que você aprender sobre Deus deve levá-lo à Sua presença. Esse deve ser o seu alvo quando você apresentar cada aspecto de sua vida a Ele em oração.

Capítulo 2

"Buscando a Deus em Secreto"

O maior perigo para a oração perseverante e eficaz é o hábito de exercê-la sem paixão. Um puritano do século XVII, o pastor John Preston, capturou a essência desse perigo nas seguintes palavras:

> Se for desempenhada de maneira formal ou costumeira e excessiva, é melhor omiti-la totalmente, pois o Senhor recebe as nossas orações não por seu número, mas por seu peso. Quando é uma pintura externa, uma carcaça morta de oração, quando não há vida ou qualquer fervor nela, Deus não a considera. Não se deixe enganar quanto a isso, pois é um engano muito comum. Pode ser que a consciência do homem o acuse, caso ele a omita inteiramente. Assim, quando ele faz algo, seu coração fica satisfeito, e assim ele vai de mal a pior. Portanto, considere que não é o simples ato de realizar a tarefa que o Senhor vê, mas Ele deseja que ela seja desempenhada de tal modo que o fim possa ser atingido e o motivo da sua oração possa ser alcançado.

Se um homem envia seu empregado a um determinado lugar, não é a sua ida e a sua volta que lhe interessam; ele deseja que o assunto para o qual o servo foi enviado seja resolvido. Assim acontece com todos os outros negócios. Ele não se importa com a formalidade do desempenho, mas deseja ter a coisa feita na forma que lhe seja útil. Se você envia um empregado para fazer fogo para você, e ele junta madeira verde e coloca alguns pedaços de carvão por baixo, não conseguirá fazer fogo para você. Ele deve pegar madeira seca, ou soprá-la até que ela queime e esteja apta para o uso.

Assim, quando seu coração está indisposto, quando está como madeira verde e você vem esquentá-lo e vivificá-lo orando a Deus, pode ser que você desista desta tarefa e deixe seu coração tão frio e indisposto quanto estava antes. Amado, não é assim que se realiza essa tarefa. Essa tarefa é realizada eficazmente quando o seu coração está inflamado por ela, quando ele é levado a uma melhor entonação e disposição do que havia antes.

Se você descobrir que o pecado da lascívia está dominando seu coração, sua tarefa é trabalhar nisso em oração, meditar no assunto, debater a questão diante de Deus e não parar até que tenha acertado todas as questões em sua alma, até que tenha aperfeiçoado seu coração diante de Deus. E, caso você descubra que seu coração está tendendo demais para o mundo, você deve fazê-lo desapegar-se e tirá-lo de lá. Se descobrir uma ausência de vida e uma incapacidade, uma indisposição em você, deve erguer a sua alma ao Senhor e não parar até que tenha sido vivificado. E isso significa realizar a tarefa de modo aceitável ao Senhor, do contrário, será apenas um desempenho hipócrita; pois isto é hipocrisia, quando o homem não está disposto a abandonar inteiramente a tarefa, nem está disposto a executá-la com fervor, de forma viva e zelosa.

> Aquele que a omite inteiramente é uma pessoa profana, e aquele que a desempenha com zelo e com propósito, é um santo; mas o hipócrita fica entre esses dois. Ele gostaria de fazer algo a respeito, mas não o fará completamente. Portanto, se você descobrir que tem desempenhado essa tarefa descuidadamente dia a dia, que a tem desempenhado de modo negligente e superficial, saiba que você está tendo um desempenho hipócrita. Sendo assim, além de passarmos todo esse tempo exortando-o a ser constante na tarefa da oração, lembre-se ainda que você deve desenvolvê-la de forma a que tenha calor e vida, para que seja aceitável a Deus[7].

Infelizmente, todos os crentes podem se identificar, em certa medida, com as palavras acusadoras de Preston. Nada é tão sagrado que Satanás não venha a invadi-lo. Na verdade, quanto mais sagrada alguma coisa é, mais ele deseja profaná-la. Certamente poucas coisas lhe agradam mais do que se colocar entre os crentes e o seu Senhor durante a sagrada intimidade da oração. O pecado nos seguirá até à presença de Deus; e nenhum pecado é mais poderoso ou destrutivo que o orgulho. Naqueles momentos em que entramos na presença do Senhor em adoração e pureza de coração, podemos ser tentados a adorar a nós mesmos. Martyn Lloyd-Jones escreve:

> Tendemos a pensar no pecado como o vemos, em trapos e nas sarjetas da vida. Olhamos para um bêbado (pobre homem!) e dizemos: "ali sim existe pecado!". Mas essa não é a essência do pecado. Para ter um retrato e uma compreensão real do pecado, você deve olhar para um grande santo, um homem extraordinariamente fervoroso e dedicado, e vê-lo de joelhos na presença de Deus. Até mesmo ali o ego se intromete, e a tentação é que ele pense em si mesmo, pense alegremente e agradavelmente em si mesmo e que esteja realmente adorando a si mesmo em vez de Deus. Esse, e não o outro, é o quadro real do pecado. O outro é pecado, naturalmente, mas ali você não o vê em seu auge, você não o vê na sua essência. Ou, em outras

[7] John Preston. *The Puritans on Prayer*. Morgan, Pa., Soli Deo Gloria, 1995, 25-26.

> palavras, se você quer realmente entender algo sobre a natureza de Satanás e suas atividades, o ponto não é ir até à escória ou às sarjetas da vida. Se você quer realmente saber algo a respeito de Satanás, vá até aquele deserto onde o nosso Senhor passou quarenta dias e quarenta noites. Esse é o retrato real de Satanás, onde você pode vê-lo tentando o próprio Filho de Deus[8].

O pecado nos leva a tomar atalhos em todas as disciplinas cristãs, e quando sucumbimos à sua tentação com freqüência suficiente, sem que percebamos a hipocrisia passa a ser o padrão de nossa vida. Por ser a hipocrisia um perigo tão sutil e destrutivo para a vida cristã, o nosso Senhor foi rápido em condenar seus muitos adeptos. Durante Sua vida terrena, o grupo mais culpado desse pecado eram os líderes religiosos judeus – aqueles de quem normalmente se esperaria que fossem Seus maiores partidários foram Seus maiores inimigos. Isto porque as palavras e atos de justiça de Jesus condenavam as suas próprias práticas injustas. A fim de proteger Seus seguidores de sua má influência, Jesus disse "Acautelai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia" (Lc 12.1).

Os fariseus, através de sua tradição rabínica, tinham obtido êxito em corromper e perverter todas as coisas boas que Deus havia ensinado à nação de Israel, inclusive a prática da oração. Nenhuma religião jamais tivera um padrão e uma prioridade mais elevados para a oração que o judaísmo. Como o povo escolhido por Deus, os judeus foram os recebedores de Sua Palavra escrita, a quem foram "confiados os oráculos de Deus" (Rm 3.2). Nenhum outro povo, raça ou nação, jamais fora tão favorecido por Deus ou tivera uma comunicação tão direta com Ele.

A PERSPECTIVA JUDAICA SOBRE A ORAÇÃO

Os judeus do Antigo Testamento desejavam orar porque acreditavam que Deus queria que eles se aproximassem dEle. Eles não temiam a Deus como os pagãos temiam aos seus deuses. Na verdade, os rabinos

[8] Martyn Lloyd-Jones. *Studies in the Sermon on the Mount, 2 vols.* Grand Rapids: Eerdmans, 1979, 2:22-23.

diziam que Aquele que é Santo anseia pelas orações dos justos. Eles sem dúvida extraíram essa verdade do Salmo 145.18, que diz: "Perto está o Senhor de todos os que o invocam" (cf. Sl 91.15). Nenhum judeu verdadeiro, que tivesse um espírito correto, jamais duvidou da prioridade que Deus dava à oração. Os rabinos estavam certos em acreditar que a oração era não apenas uma comunicação com Deus, mas também uma arma poderosa capaz de liberar o Seu poder.

A Essência do Entendimento Judaico

A Palavra de Deus esclarece que o Senhor queria ouvir as orações do povo. O Salmo 65.2 diz: "Ó tu que escutas a oração, a ti virão todos os homens". O *Midrash*[9], um comentário judaico sobre trechos do Antigo Testamento, diz o seguinte a respeito do Salmo 65.2: "Um mortal não pode compreender uma conversa em que duas pessoas diferentes estão falando ao mesmo tempo, mas com Deus não é assim. Todos oram diante dEle, e Ele entende e recebe todas as suas orações" (Rabbah 21.4). Os homens podem se cansar de ouvir as pessoas, mas os ouvidos de Deus nunca se saciam. Ele nunca fica entediado com as orações dos homens.

Os professores judeus foram ainda mais longe, ensinando as pessoas a orar constantemente e a evitar o hábito de orar somente quando estavam desesperadas. O Talmud, a compilação das tradições rabínicas, diz: "Honre o médico *antes* de precisar dele... Aquele que é Santo diz, Assim como é meu ofício fazer cair a chuva e o orvalho, e fazer crescerem as plantas para o sustento do homem, assim sois vós obrigados a orar perante Mim, e a louvar-Me consoante as Minhas obras; não deveis dizer, estou em prosperidade, por que razão deveria orar? Mas quando o infortúnio cair sobre mim, então virei e suplicarei" (Sanhedrin 44b). Essa é a perspectiva correta. A oração não deveria ser usada somente para pedidos de emergência; ela deveria ser uma conversa interrupta, construída com base em uma comunhão viva e amorosa com Deus.

[9] *Midrash* (do hebraico מדרש) é uma forma narrativa criada por volta do século I a.C. na Palestina pelo povo judeu. Esta forma narrativa desenvolveu-se através da tradição oral até ter a sua primeira compilação apenas por volta do ano 500 d.C. no livro Midrash Rabbah. N. E. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Midrash)

Os Elementos das Orações Judaicas

Os judeus acreditavam que suas orações deviam incorporar os seguintes elementos:

Louvor Amoroso

O salmista disse: "Bendirei o Senhor em todo o tempo, o seu louvor estará sempre nos meus lábios" (Sl 34.1). O Salmo 51.15 diz: "Abre, Senhor, os meus lábios, e a minha boca manifestará os teus louvores".

Gratidão e Ações de Graças

Jonas disse: "Mas, com a voz do agradecimento, eu te oferecerei sacrifício" (Jn 2.9). Quando estamos vivendo um relacionamento com um Deus de recursos celestiais, sempre haverá algo pelo qual devemos agradecer a Ele.

Reverência

Os santos do Antigo Testamento não entravam desrespeitosamente na presença de Deus, tratando-O como se Ele fosse um homem. Eles entravam diante dEle com reverência, reconhecendo que quando oravam ficavam face a face com o Deus Todo Poderoso. O profeta Isaías viu o Senhor em uma visão, "assentado sobre um alto e sublime trono, e as abas de suas vestes enchiam o templo" (6.1). A resposta dele foi: "Sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o Senhor dos Exércitos" (v.5).

Obediência Paciente

Os judeus do Antigo Testamento acreditavam que era errado orar se seus corações não estivessem corretos. O Salmo 119 afirma isso no decorrer dos seus 176 versículos. Um verdadeiro judeu não tinha reservas, ele se aproximava de Deus com um espírito de obediência, desejando agradá-lo.

Confissão

Os judeus piedosos do Antigo Testamento sabiam que eram impuros, e que quando entravam na presença de Deus em oração, precisavam expurgar a si mesmos do pecado. Essa também era a perspectiva de Davi quando disse: "Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar? O que é limpo de mãos e puro de coração" (Sl 24.3-4). Somente aqueles que foram purificados de seu pecado têm direito a entrar na presença de Deus.

Altruísmo

Os judeus tinham um senso de solidariedade que nós não conseguimos compreender. A forma de governo da nação era a teocracia – governo dirigido por Deus. O fato de Israel ainda existir como nação mostra a vitalidade com que eles se agarraram à preservação daquela identidade nacional. Por causa desse sentimento, suas orações incluíam o bem da comunidade e não estavam limitadas ao indivíduo. Por exemplo, os rabinos pediam a Deus para não ouvir a oração de um viajante. Isso porque ele poderia orar por uma boa jornada com bom tempo e céus abertos, enquanto o povo dos arredores na verdade precisava de chuva para suas colheitas.

Muitos de nós vamos à presença de Deus com pronomes pessoais em nossas orações: Eu, mim e meu. Falamos ao Senhor sobre as nossas necessidades e problemas sem pensar nos outros membros do corpo de Cristo. Mas precisamos estar dispostos a sacrificar o que parece ser melhor para nós porque Deus tem um plano maior para o todo.

Humildade

Um verdadeiro judeu comparecia diante do Senhor em oração para submeter-se à Sua vontade. A maior ilustração dessa submissão vem do coração do judeu mais verdadeiro que já existiu: Jesus. Em Sua oração no Jardim do Getsêmani, Ele disse ao Pai: "não se faça a minha vontade, e sim a tua" (Lc 22.42). Quando oramos, em vez de pedir ao Senhor para fazer a nossa vontade, devemos nos conformar à vontade dEle. Devemos pedir-lhe para operar a Sua vontade através de nós e nos dar a graça para usufruir dela.

Perseverança

Os judeus realmente cristãos do Antigo Testamento ensinavam que a oração deveria ser persistente. Depois que os Filhos de Israel adoraram o bezerro de ouro, Moisés orou por quarenta dias seguidos para que Deus os perdoasse (Dt 9.25-26). Ele perseverou em oração.

A DETURPAÇÃO RABÍNICA DA ORAÇÃO

Apesar dessa tão grande herança, diversos erros penetraram sutilmente na vida de oração do povo de Israel. Alguns deles foram identificados por William Barclay em seu útil comentário em *The Gospel of Matthew* [O Evangelho de Mateus][10].

A Oração Se Tornou um Ritual

As palavras e as formas de oração foram estabelecidas, passando simplesmente a serem lidas ou repetidas de cor. As orações facilmente se tornaram uma rotina, um exercício religioso semi-consciente, capaz de ser recitado sem qualquer envolvimento mental ou apaixonado por parte do indivíduo.

As orações formalizadas mais comuns eram a *Shema* (um composto de frases selecionadas de Deuteronômio 6.4-9; 11.13-21; e Números 15.37-41) e o *Shemoneh 'esray* ("As Dezoito"), que incorporava dezoito orações para várias ocasiões. Ambas as orações deviam ser oferecidas todos os dias, independente de onde o povo estivesse ou do que estivessem fazendo. Os judeus fiéis oravam todas as dezoito orações do *Shemoneh 'esray* todas as manhãs, tardes e noites.

Três atitudes básicas caracterizavam o povo que oferecia orações formalizadas. Os judeus de corações sinceros usavam o tempo da oração para adorar e glorificar a Deus. Alguns judeus se aproximavam dEle de modo indiferente, murmurando superficialmente as palavras o mais rápido possível. Outros, como os escribas e fariseus, recitavam as orações meticulosamente, certificando-se de pronunciar com perfeição cada palavra e sílaba.

[10] William Barclay. *The Gospel of Matthew*. Philadelphia: Westminster, 1958, 1:191-98.

Orações Prescritas

Os judeus desenvolveram orações para cada objetivo e ocasião: luz, trevas, fogo, chuva, lua nova, viagens, boas novas e más notícias. Estou certo de que sua intenção original era trazer cada aspecto de suas vidas à presença de Deus, mas eles subverteram esse objetivo nobre ao subdividirem as orações.

Limitando a oração a horas e ocasiões específicas, os judeus transformaram-na em um hábito cujo foco estava concentrado em um tema ou situação, e não no desejo ou na necessidade genuínos. Apesar disso, alguns judeus fiéis como Daniel (Dn 6.10) usaram esses momentos como lembretes para aproximar-se de Deus em sinceridade e com um coração puro.

Orações Longas

Os líderes religiosos admiravam as orações longas, acreditando que a santidade e a eficácia de uma oração estavam em proporção direta ao seu comprimento. Jesus advertiu quanto aos escribas, que "para justificar, fazem longas orações" (Mc 12.40). Embora uma oração longa não seja necessariamente insincera, ela empresta a si mesma tendências perigosas como a pretensão, a repetição, e a rotina. Estamos sujeitos às mesmas tentações nos dias de hoje, quando frequentemente confundimos verbosidade com significado, e comprimento com sinceridade.

Repetições sem Sentido

Um dos piores erros dos judeus foi adotar as práticas das religiões pagãs de repetição sem sentido, assim como os profetas de Baal em sua competição com Elias "clamaram pelo nome de Baal desde a manhã até o meio-dia", até delirarem, "até à hora do sacrifício da tarde" (1 Rs 18.26, 29). Hora após hora eles repetiam a mesma frase, tentando, pela quantidade de suas palavras e pela intensidade com que eram ditas, fazer com que o seu deus ouvisse e respondesse.

Para Ser Visto e Ouvido pelos Homens

Se por um lado as demais faltas citadas anteriormente não são necessariamente erradas em si, tendo simplesmente sido levadas a extremos e usadas de formas sem sentido, por outro lado o desejo de usar a oração como uma oportunidade de exibir a espiritualidade de alguém diante dos homens é intrinsecamente má, pois se origina no orgulho e destina-se a satisfazê-lo. Como observamos anteriormente neste capítulo, o pecado de orar motivado pela própria glória é a principal deturpação da oração. Ele rouba da oração o seu propósito maior: glorificar a Deus (Jo 14.13).

ATITUDES CONDENADAS POR CRISTO

Em Mateus 6.5-8, em meio à discussão sobre o contraste entre a verdadeira justiça e a falsa, Jesus condena a prática de oração dos fariseus em duas áreas específicas: a oração centrada em si mesmo e a oração sem significado. Cada uma dessas áreas manifesta um ou mais dos erros que haviam corrompido a verdadeira oração na vida da nação.

A Oração Centrada em Si Mesmo

O nosso Senhor tratou primeiro com aqueles que oravam para exibir a sua suposta espiritualidade diante dos homens, pois o orgulho estava presente na raiz dessa atitude. "E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa" (Mt 6.5). A oração que focaliza o eu é sempre hipócrita, já que toda verdadeira oração deve estar focalizada em Deus.

O termo *hipócrita* era usado originalmente para se referir aos atores gregos que usavam máscaras para retratar de forma exagerada os papéis que eles dramatizavam. Sendo assim, podemos dizer que os

hipócritas são enganadores, pessoas que desempenham um papel. A única coisa que você realmente conhece sobre eles é a falsa imagem que disfarça as suas verdadeiras crenças e sentimentos.

A Falsa Audiência: Os Homens

Os escribas e os fariseus hipócritas oravam pela mesma razão pela qual faziam todas as outras coisas – para atrair a atenção e trazer honra sobre si mesmos. Essa era a essência da sua justiça, sobre a qual Jesus disse não ter parte no Seu Reino (Mt 5.20).

Olhando superficialmente, a condenação de Jesus sobre a prática de oração dos judeus não parecia ter muito sentido. Certamente não havia nada de errado em se levantar e orar nas sinagogas. A posição de pé era a mais comum para se orar nos tempos do Novo Testamento, e as sinagogas eram os lugares mais apropriados e lógicos para as orações públicas serem oferecidas. Desde que a oração fosse sincera, era conveniente orar dessa forma. Até a prática de orar nas "esquinas das ruas" não era errada em si mesma – aquele era na verdade um lugar normal de oração. Na hora indicada para a oração, judeus fervorosos paravam onde estivessem, mesmo se estivessem andando pela rua.

O verdadeiro mal desses adoradores hipócritas, porém, não era o local de suas orações, mas sim o seu desejo de se exibirem "para serem vistos pelos homens". A palavra grega para "rua" se refere a uma rua principal ampla, à esquina de uma rua. Ou seja, os escribas e fariseus certificavam-se de fazer suas orações no local mais provável onde a multidão se reuniria. Qualquer lugar que pudesse ter uma grande audiência – ali se encontrariam esses hipócritas.

Em seu desejo de se exaltarem diante de seus companheiros judeus, os escribas e fariseus caíam no pecado do orgulho. Eles eram como o fariseu da parábola de Jesus, que "posto em pé, orava de si para si mesmo" (Lc 18.11). Deus não tinha qualquer participação em sua atividade piedosa. Como resultado, eles tiveram a "sua recompensa", e por estarem preocupados apenas com a recompensa que os homens podiam lhes dar, isso foi tudo o que receberam.

Precisamos pensar seriamente sobre o aviso de Jesus em Mateus 6.5. Para se desenvolver intimidade com alguém é necessário abertura e sinceridade, e isso certamente se aplica ao nosso relacionamento com Deus. Se você deseja experimentar poder e paixão na sua comunicação com o Senhor, deve começar certificando-se de que os seus motivos são como os do publicano em Lucas 18.13-14, que se aproximou de Deus com uma atitude humilde e penitente.

A Verdadeira Audiência: Deus

Em contraste com a prática hipócrita da época, Jesus instruiu Seus seguidores a agirem de modo diferente: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará" (Mt 6.6). Observe que o Senhor não determina um tempo ou ocasião para a oração. Tudo o que Ele diz é, "Quando você orar", dando-nos assim uma grande indicação de que devemos orar em todo o tempo.

Para estabelecer o maior contraste possível entre o padrão de Deus para a oração e o modelo praticado pelos escribas e fariseus, Jesus disse que quando você orar deve "entrar no teu quarto". Essa expressão pode se referir a qualquer quarto pequeno ou câmara, até mesmo um armário de despensa. Esses quartos em geral eram secretos e usados para armazenar e proteger coisas de valor. Mas o local da oração não era o foco de Jesus nessa afirmação, e sim a atitude. Se o verdadeiro adorador achasse necessário, deveria encontrar o local mais isolado e privado disponível, para evitar a tentação de se exibir. Ao chegar lá, ele deveria "fechar a porta" para eliminar todas as distrações para que pudesse se concentrar em Deus e orar a Ele, e somente a Ele.

Nunca me esquecerei do que aconteceu um dia com meu filho mais velho, Matthew, quando ele tinha apenas cinco anos de idade. Eu estava caminhando no corredor de nossa casa quando ouvi sua voz vindo do nosso quarto. Eu não podia discernir de maneira alguma o que ele dizia, por isso me posicionei em um lugar do lado de fora do quarto para tentar vê-lo. Ninguém estava no quarto com ele. Ele estava deitado em nossa cama orando. Ele tinha algo em seu

coração que queria dizer a Deus, então foi para um quarto sozinho e começou a orar. Não lhe importava que ninguém pudesse vê-lo porque ele não estava falando para uma platéia, ele estava falando honestamente com Deus.

Muitos momentos de nossa vida de oração deveriam ocorrer literalmente "em secreto". Jesus regularmente deixava Seus discípulos para poder encontrar um lugar para estar a sós enquanto orava. Nossa família e amigos podem ter conhecimento das horas em que estamos orando, mas o que dizemos destina-se a Deus, não a eles. Certamente há ocasiões em que a oração pública também edifica aqueles que ouvem porque ela representa seus sentimentos e necessidades. Mas até mesmo essas orações passam uma certa intimidade porque Deus é o foco dos pedidos. Quando o coração de uma pessoa é reto e concentrado em Deus, a oração pública, de uma forma profunda, levará a pessoa a estar a sós na presença de Deus, tornando essa oração em nada diferente, no que diz respeito ao motivo, de uma oração feita no lugar mais particular de todos.

Quando oramos com a atitude correta, "o [nosso] Pai que vê em secreto, [nos] recompensará" (v.6). O segredo mais importante que Ele vê não são as palavras que dizemos na privacidade do nosso quarto, mas os pensamentos que temos na privacidade do nosso coração. São esses os segredos com os quais Ele está mais preocupado. E quando Ele vê que está no verdadeiro foco de nossas orações, recebemos a recompensa que só Ele pode dar. Jesus não nos diz qual será essa recompensa, mas sabemos que Deus abençoará fiel e infalivelmente aqueles que vêm a Ele em sinceridade e humildade.

Orações Vãs

As orações hipócritas dos escribas e fariseus eram feitas não somente com um espírito errado, mas também com palavras sem sentido. Elas não tinham substância ou qualquer conteúdo significativo. Para serem aceitáveis a Deus, as orações devem ser expressões genuínas da adoração e dos pedidos e petições sinceros.

O Conteúdo Falso: Vãs Repetições

A prática de utilizar repetições sem sentido nas orações era comum em muitas religiões pagãs nos dias de Jesus, assim como acontece em muitas religiões hoje. Por isso, Sua advertência era clara: "E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos" (Mt 6.7). A frase "não useis de vãs repetições" é a tradução do texto grego de uma palavra que se refere a "indolência, tagarelice desatenta".

Os judeus haviam tomado essa prática dos gentios, que acreditavam que o valor da oração era uma questão de quantidade, supondo que "pelo muito falarem serão ouvidos" (Mt 6.7). Eles acreditavam que suas deidades primeiramente precisavam ser despertadas, depois bajuladas, intimidadas e finalmente importunadas para que pudessem ouvir e responder.

Para os gentios, a oração era simplesmente uma questão de "cerimônia religiosa", e foi o que se tornou para os judeus também. Uma vez que nenhum esforço é exigido nesse tipo de oração, aqueles que seguiam essa prática podiam ser totalmente indiferentes ao seu conteúdo. O pior de tudo, porém, é que eles eram indiferentes à real comunhão com Deus.

Cada um de nós faria bem em dar ouvidos à advertência do nosso Senhor nesse versículo. Todos somos culpados por repetirmos as mesmas orações uma refeição após a outra, um culto após o outro, dando pouca ou nenhuma atenção a Deus ou ao que estamos dizendo. A oração desatenta e desligada é uma ofensa ao Senhor e deveria ser uma ofensa a nós também.

Contudo, é preciso destacar uma qualidade em relação à repetição. Jesus não está proibindo a repetição de pedidos genuínos. No primeiro capítulo, observamos aqueles versículos que declaram o valor da oração perseverante. A repetição honesta das necessidades ou do louvor, com a motivação adequada, não é errada. Mas a repetição indiferente e desatenta de encantamentos ou fórmulas mágicas de aparência espiritual sim.

O Conteúdo Verdadeiro: Petições Sinceras

Em contraste com aqueles que usam repetições sem sentido, Jesus diz: "Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais" (Mt 6.8). O propósito de Deus para a oração não é que façamos dela uma maneira de O informarmos sobre nossas necessidades ou persuadi-lo a respondê-las, mas sim abrir linhas de comunicação sinceras e contínuas com Ele. A oração, mais do que tudo, é compartilhar as necessidades, fardos e anseios do nosso coração com um Deus que se importa. Ele quer nos ouvir e ter comunhão conosco mais do que nós poderíamos querer ter comunhão com Ele porque o Seu amor por nós é infinitamente maior do que o nosso amor por Ele.

Como você deve responder a essas palavras tão importantes do nosso Senhor? Se você quiser experimentar poder e paixão em sua vida de oração, você precisa orar com um coração fervoroso e com um motivo puro, buscando somente a glória de Deus. Você também precisa orar com um coração humilde, buscando somente a atenção de Deus e não a dos homens. Finalmente, você precisa orar com um coração confiante, sabendo muito bem que Deus já sabe do que você precisa. Se você se aproximar do Senhor nessas condições, Ele o recompensará de um modo que você jamais poderia imaginar, e você aprenderá o valor de estar a sós com Deus.

PARTE DOIS

O PADRÃO DA ORAÇÃO

Capítulo 3

"Pai Nosso"

O pastor e autor do século XIX, E.M. Bounds, grandemente conhecido por seus escritos sobre o tema da oração, disse acertadamente: "A oração honra a Deus e desonra o eu"[11]. Os escribas e fariseus nunca entenderam essa verdade, e temo que o mesmo aconteça com a maioria das igrejas de hoje.

As ondas da nossa sociedade indulgente, egoísta e materialista banharam as praias da teologia cristã de muitas formas, trazendo entre tantas correntes a do *Evangelho da prosperidade*. Embora a Bíblia ensine que Deus é soberano e o homem é Seu servo, o Evangelho da prosperidade implica no oposto. Ensinar que podemos exigir coisas de Deus é uma justificação espiritual para a auto-indulgência. Esse conceito perverte a oração e toma o nome do Senhor em vão. É anti-bíblico, impiedoso e não é algo guiado pelo Espírito Santo.

A oração começa e termina não com as necessidades do homem, mas com a glória de Deus (Jo 14.13). Ela deve se preocupar primeiramente com quem Deus é, o que Ele quer, e como Ele

[11] E.M. Bounds. *Purpose in Prayer*. Chicago: Moody, n.d. 43.

pode ser glorificado. Aqueles que ensinam algo diferente disso não estão preocupados com a extensão do reino de Cristo ou com a glória do nome de Deus, mas com o crescimento do seu próprio império e com o cumprimento de seus próprios desejos egoístas. Tal ensino ataca o coração da verdade cristã – o próprio caráter de Deus.

Acreditar que Deus é realmente algum tipo de gênio da lâmpada, à espera para conceder cada desejo nosso, foge do ensinamento claro das Escrituras. Muitos santos do Antigo Testamento certamente tinham motivos justos para pedir a Deus que os livrasse de circunstâncias perturbadoras, no entanto, eles buscavam glorificar a Deus e seguir a Sua vontade.

Lembrando-se do que acontecera enquanto ele estava dentro de um grande peixe, Jonas disse: "Eu me lembrei do Senhor; e subiu a ti a minha oração, no teu santo templo... com a voz do agradecimento, eu te oferecerei sacrifício; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação!" (Jn 2.7,9). Quando Jonas aparentemente tinha um bom motivo para pedir a Deus para tirá-lo de dentro do peixe, ele simplesmente exaltou o caráter de Deus.

Daniel geralmente encontrava-se em situações perigosas por causa de seu papel estratégico dentro da sociedade pagã da Babilônia. Em sua preocupação com o cativeiro de Judá, ele orou: "Ah! Senhor! Deus grande e temível, que guardas a aliança e a misericórdia para com os que te amam e guardam os teus mandamentos; temos pecado e cometido iniqüidades" (Dn 9.4-5). Ele começou a sua oração afirmando a natureza e o caráter de Deus.

O profeta Jeremias viveu a maior parte de sua vida frustrado e confuso, enquanto chorava com o coração partido pelo seu povo. Embora pudesse facilmente ter se desesperado por causa de seu ministério, ele nunca se preocupou com a sua própria situação de dor. Em vez disso, orava e engrandecia a glória, o nome e as obras de Deus (Jr 32.17-23).

Esses santos do Antigo Testamento sabiam que deviam reconhecer o lugar que era devido ao Senhor e colocar a sua vontade em conformidade com a dEle. E foi exatamente isso que Jesus ensinou aos discípulos quando disse: "Vós orareis assim" (Mt 6.9). Em menos

de setenta palavras encontramos uma obra prima da mente infinita de Deus, que foi capaz de condensar isoladamente todos os elementos concebíveis da verdadeira oração em uma forma tão breve e simples que até uma criancinha pode entender, enquanto o mais maduro dos crentes pode chegar a nunca compreender seu total significado:

> Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome; venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu; o pão nosso de cada dia dá-nos hoje; e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores; e não nos deixes cair em tentação; mas livra-nos do mal pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém (vv. 9-13).

Jesus apresentou essa oração como uma forma ousada de comparação com as orações inferiores e inaceitáveis, próprias dos líderes religiosos de Seu tempo, mencionadas no último capítulo. Depois de advertir os discípulos sobre a perversão que havia corrompido de tal forma a vida de oração dos judeus, o nosso Senhor agora nos dá um padrão divino para que todos os crentes possam orar de modo agradável a Deus.

O PADRÃO DE JESUS PARA A ORAÇÃO

Essa oração, geralmente chamada de "O Pai-nosso", poderia ser mais precisamente intitulada como "A Oração dos Discípulos". Contudo, ela não é um determinado grupo de palavras para serem repetidas. Quando Cristo disse "Vós orareis assim", Ele não queria dizer que os discípulos deveriam orar exatamente com essas palavras exatas; sua intenção era dar-lhes um padrão para a estrutura de suas próprias orações, principalmente após ter lhes advertido acerca dos perigos das vãs repetições. Isso não quer dizer que você não deve recitá-la, como fazemos com tantas passagens das Escrituras. Memorizá-la é na verdade útil para que você possa meditar nas suas verdades enquanto formula seus próprios pensamentos. A oração do Pai-nosso é, sobretudo, um modelo que podemos usar para dar direção ao nosso

próprio louvor, adoração e petições. Ela não é um substituto para as nossas próprias orações, mas um guia para elas.

O primeiro benefício dessa oração é a forma como ela exibe o relacionamento do crente com Deus. "Pai Nosso" apresenta o relacionamento pai/filho; "santificado seja o Teu nome", o relacionamento divindade/adorador; "Venha o Teu Reino", o relacionamento soberano/súdito; "Seja feita a Tua vontade", o relacionamento mestre/servo; "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje" o relacionamento benfeitor/beneficiário; "perdoa-nos as nossas dívidas", o relacionamento Salvador/pecador; e "não nos deixe cair em tentação", o relacionamento guia/peregrino.

Essa oração também define a atitude e o espírito que devemos ter. "Pai" reflete devoção familiar; "Nosso" reflete altruísmo; "santificado seja o Teu nome", reverência; "Venha o Teu Reino", lealdade; "Seja feita a Tua vontade", submissão; "o pão nosso de cada dia dá-nos hoje", dependência; "perdoa-nos as nossas dívidas", penitência; "não nos deixes cair em tentação", humildade; "Teu é o Reino", triunfo; "e a glória", exultação; e "para sempre", esperança.

Do mesmo modo, essa oração pode ser esboçada para enfatizar o equilíbrio entre a glória de Deus e a nossa necessidade. Ela também pode indicar os três propósitos da oração: santificar o nome de Deus, introduzir o Seu Reino, e fazer a Sua vontade. E ela ainda detalha a nossa atual provisão (o pão de cada dia), o nosso perdão passado (perdão dos pecados), e a nossa proteção futura (segurança contra a tentação).

Não importa o quão perfeito seja este padrão, devemos nos lembrar das advertências anteriores do nosso Senhor quanto à nossa atitude na oração. Se nossos corações não estiverem retos, até mesmo a "Oração dos Discípulos" pode cair em desuso. Então, como ter certeza de que temos a atitude correta no coração? Apenas certifique-se de ter seu foco em Deus. É por isso que essa oração é um modelo tão útil. Cada frase e petição têm seu foco em Deus – na Sua pessoa, nos Seus atributos e nas Suas obras. Impedimos nossas orações de serem hipócritas ou mecânicas quando colocamos o foco em Deus, e não em nós mesmos.

A verdadeira oração vem de pessoas humildes que expressam absoluta dependência de Deus. É isso que o nosso Senhor quer de nossas orações. Quanto mais tivermos pensamentos verdadeiros acerca de Deus, mais buscaremos glorificá-lo em nossas orações. O comentarista John Stott disse: "Quando nos dirigimos a Deus em oração, não chegamos hipocritamente como atores buscando o aplauso dos homens, nem mecanicamente como tagarelas pagãos, cuja mente não está naquilo que resmungam, mas atentamente, humildemente e confiantemente como criancinhas junto a seu Pai"[12].

DEUS É NOSSO PAI

"Pai" provavelmente é o termo mais comum que usamos na oração, e se fazemos assim estamos orando corretamente, pois esse é o padrão que Jesus estabeleceu. A oração deve começar sempre com o reconhecimento de que Deus é nosso Pai, Aquele que nos deu vida e que nos ama, cuida de nós, supre-nos e nos protege.

O fato de que Deus é nosso Pai significa que somente os crentes em Jesus Cristo são filhos da Sua família. Embora Malaquias tenha escrito: "Não temos nós todos o mesmo Pai? Não nos criou o mesmo Deus?" (Ml 2.10) e Paulo tenha dito aos filósofos gregos no Areópago: "Como alguns dos vossos poetas têm dito: 'Porque dele também somos geração'" (At 17.28), as Escrituras deixam perfeitamente claro que Deus é o Pai dos descrentes unicamente no que diz respeito à criação.

Espiritualmente, os descrentes têm outro pai. Em sua mais grave condenação aos líderes judeus que se opunham a Ele, Jesus disse: "Vós sois do diabo, que é vosso pai" (Jo 8.44). 1 João 3 caracteriza claramente duas famílias: os filhos de Deus e os filhos do diabo. Os primeiros não continuam a cometer pecado; os últimos sim. O apóstolo Paulo fez clara distinção entre os filhos da luz e os filhos das trevas (Ef 5.8).

De fato, a idéia de que existe uma única família espiritual na humanidade onde todos estão sob a paternidade universal de Deus

[12] John Stott. *Christian Counter-Culture: The Message of the Sermon on the Mount*. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1979, 151-52.

está equivocada. 2 Pedro 1.4 diz que somente aqueles que acreditam que foram feitos "co-participantes da natureza divina". E somente àqueles que recebem Jesus Ele lhes dá o "o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que crêem no seu nome" (Jo 1.12). Essa é a única forma de nos chegarmos a Deus como Seus filhos amados.

A Perspectiva Judaica sobre Deus

Enquanto o "nosso Pai" declarava uma maravilhosa intimidade entre Deus e Seus filhos, a maior parte do mundo nos dias de Jesus adorava a deuses que se caracterizavam por serem distantes e temíveis. E, eventualmente, essa acabou se tornando a perspectiva judaica sobre Deus. Por causa da sua contínua desobediência ao Senhor através dos séculos, inclusive por tolerarem os deuses pagãos, os judeus cortaram todo relacionamento verdadeiro que tinham com Deus como seu Pai. Para eles, Ele havia se tornado um pouco mais do que uma relíquia do passado, um ser remoto que um dia chamara e guiara seus ancestrais.

Mas os judeus fiéis, tanto dos dias de nosso Senhor como de antes, conheciam Deus como seu Pai. Isaías O viu desse modo. Ao falar sobre o pecado da nação, ele orou:

> "Eis que te iraste, porque pecamos; por muito tempo temos pecado e havemos de ser salvos? Mas todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças, como trapo da imundícia; todos nós murchamos como a folha, e as nossas iniqüidades, como um vento, nos arrebatam. Já ninguém há que invoque o teu nome, que se desperte e te detenha; porque escondes de nós o rosto e nos consomes por causa das nossas iniqüidades. Mas agora, ó Senhor, tu és nosso Pai" (Is 64.5-8).

Isaías lembrou ao povo sobre a consoladora realidade de que Deus era Seu Pai, e que cuidaria deles.

Para os judeus do Antigo Testamento, a paternidade de Deus compreendia cinco manifestações básicas.

Como Pai da Nação

1 Crônicas 29.10 dá a Deus o título: "Senhor Deus de Israel nosso Pai", referindo-se a Ele como o Pai da nação.

Como um Pai que Está Perto

Um pai está mais próximo que um tio, um primo, um amigo ou um companheiro. O Salmo 68, usando uma linguagem emotiva para referir-se à grandeza do poder de Deus, simplesmente diz que Deus é "Pai dos órfãos" (v.5).

Um Pai Cheio de Graça

Um pai é perdoador, tem o coração compassivo, misericordioso e cheio de graça para com os seus filhos, e isso também é verdade com relação a Deus: "Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem" (Sl 103.13).

Como um Pai que Guia

Um pai guia seus filhos e lhes dá sabedoria e instrução. Isso também era verdade com relação ao relacionamento de Deus com Israel. Ele disse a respeito deles: "Virão com choro, e com súplicas os levarei; guiá-los-ei aos ribeiros de águas, por caminho reto em que não tropeçarão; porque sou pai para Israel" (Jr 31.9).

Como um Pai que Exige Obediência

Pelo fato de Deus ser Seu Pai, era necessário que o povo O obedecesse. Deuteronômio 32.6 reitera isso: "É assim que recompensas ao Senhor, povo louco e ignorante? Não é ele teu pai, que te adquiriu, te fez e te estabeleceu?".

A Perspectiva Bíblia sobre Deus

Quando Jesus entrou em cena, Ele reapresentou Deus para os judeus que o acompanhavam como um Pai amoroso e bondoso

para com aqueles que O conhecem, amam e obedecem. No Sermão da Montanha, Ele lhes ensinou que o Pai cuida das necessidades de Seus filhos:

> "Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?" (Mt 7.7-11).

Jesus reafirmou a eles o que as Escrituras ensinavam e aquilo em que os judeus fiéis e piedosos sempre acreditaram: Deus é o Pai do céu para aqueles que confiam nEle.

Em todas as Suas orações, Jesus usou o título *Pai*, exceto quando estava na cruz carregando o pecado do mundo e se sentiu desamparado por Deus (Mt 27.46). Embora o texto de Mateus 6.9 use a palavra grega *Pater*, Jesus também usou a palavra aramaica *Abba*, pois essa era a linguagem que Ele e a maioria dos judeus da Palestina geralmente falavam. Uma vez que *Abba* equivale ao nosso termo "Papai", Jesus a teria usado para enfatizar o relacionamento íntimo e pessoal que Deus tem com Seus filhos.

A possibilidade de nos aproximarmos de Deus em oração considerando-o como nosso Pai Amoroso traz como resultado diversas conseqüências:

Dissipa o Medo

Missionários relatam que, pelo fato de muitos indivíduos viverem com medo de seus deuses, um dos maiores benefícios que o Cristianismo trouxe para as sociedades primitivas foi a certeza de que Deus é um Pai amoroso e cuidadoso. Os falsos deuses inventados pelas falsas religiões caracterizam-se tipicamente como vingativos e ciumentos, e seus adoradores precisam tomar medidas desesperadas para aplacá-los. Mas saber que o verdadeiro Deus é nosso Pai dissipa todo esse medo.

Incentiva a Esperança

Em meio a um mundo hostil que parece desmoronar, Deus se apresenta como nosso Pai - Ele cuidará do nosso futuro. Se um pai terreno não medirá esforços para ajudar e proteger seus filhos, quanto mais o nosso Pai celestial nos amará, protegerá e ajudará (Mt 7.11).

Afasta a Solidão

Ainda que sejamos rejeitados e abandonados por nossa família, amigos, ou até por nossos companheiros cristãos, sabemos que o nosso Pai celestial nunca nos deixará (Hb 13.5). A presença de Deus é tudo que o crente precisa para afastar a solidão.

Paul Tournier, um médico cristão, escreveu em seu livro *Doctor's Case Book*:

> Havia uma paciente minha, a filha mais nova de uma grande família, a quem o pai achava difícil sustentar. Um dia ela ouviu seu pai murmurar em desespero, referindo-se a ela: "Poderíamos passar muito bem sem essa daí". É exatamente isso que Deus jamais diria. Ele é um Pai amoroso para cada um de Seus filhos[13].

Derrota o Egoísmo

Nem um único pronome singular é usado no padrão de Jesus para a oração, e ela começa com "Pai nosso" porque todos somos filhos, juntamente com o restante da família de Deus. Por isso, nossas orações devem incluir toda a comunidade dos fiéis. Lembre-se que Efésios 6.18 diz que devemos orar por "todos os santos". Devemos orar buscando em Deus o que for melhor para todos, não apenas para um.

Fornece Recursos

Deus é "nosso Pai, que está nos céus". Todos os recursos do céu estão disponíveis a nós quando confiamos em Deus como nosso

[13] Citado em William Barclay. *The Beatitudes and the Lord's Prayer for Every Man*. New York: Harper & Row, 1963, 172.

Supridor celestial. Ele "nos abençoou com toda sorte de bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo" (Ef 1.3). O crítico Arthur Pink escreveu:

> Se Deus está no céu, então a oração precisa ser algo que flui do coração e não dos lábios, pois nenhuma voz física na terra pode rasgar os céus, mas lamentos e gemidos alcançarão os ouvidos de Deus. Se vamos orar a Deus nos céus, então nossas almas precisam estar desligadas de tudo que é terreno. Se oramos a Deus nos céus, então a fé deve elevar nossas petições[14].

Não importa o que você esteja buscando, seja paz, comunhão, conhecimento, vitória, ou coragem, Deus tem um suprimento abundante nos céus. Só precisamos pedi-lo ao nosso Pai.

Exige Obediência

Se Jesus, como o verdadeiro Filho de Deus, desceu dos céus não para fazer a Sua vontade mas a de Seu Pai (Jo 6.38), quanto mais nós, como filhos adotados, devemos fazer a Sua vontade. A obediência a Deus é uma das marcas supremas do nosso relacionamento com Ele como filhos.

Entretanto, Deus em Sua graça ama e cuida dos Seus filhos mesmo quando eles são desobedientes. A história que Jesus contou em Lucas 15 seria melhor intitulada como a "Parábola do Pai Amoroso" do que como a "Parábola do Filho Pródigo". O pai da história representa o nosso Pai celestial, que pode perdoar e se alegrar tanto com um filho justo que continua sendo moral e reto quanto com um filho rebelde que se torna dissoluto e vai embora, mas depois retorna ao lar.

Quando você começa suas orações chamando pelo "Pai Nosso, que estás nos céus", você demonstra sua ansiedade em ir até Ele como filho, sabendo que Ele o ama. E você descobrirá que Ele está ansioso por ouvir e conceder Seu poder e Sua eterna bênção aos pedidos de Seus filhos, caso estes pedidos sejam o melhor para eles e venham a revelar ainda mais o Seu propósito e a Sua glória.

[14] Arthur Pink. *An Exposition on the Sermon of the Mount*. Grand rapids: Baker, 1950, 161.

Capítulo 4

"Santificado Seja o Teu Nome"

Através dos séculos, nenhum nome suportou mais abusos do que aqueles que pertencem ao nosso Pai celestial e a Seu Filho, Jesus Cristo. Quer usados como epíteto ou maldição, em conversas casuais ou formais, em discussões seculares ou teológicas, os Seus nomes são mais freqüentemente tratados com desrespeito do que com respeito ou exaltação. Martin Lloyd-Jones nos dá esta perspectiva introspectiva sobre como usamos o nome de Deus:

> Que idéias e noções indignas este mundo tem de Deus! Se você comparar as suas idéias sobre Deus com os ensinos das Escrituras você rapidamente perceberá o que quero dizer. Falta-nos até o devido senso da grandeza, do poder e da majestade de Deus. Ouça os homens discutindo acerca de Deus, e observe a forma escorregadia como usam o termo... É realmente alarmante observar a forma com a qual todos nós temos a tendência de usar o nome de Deus.

> Obviamente não percebemos que estamos falando sobre o sempre bendito, eterno, absoluto e Todo-Poderoso Deus. Na verdade, deveríamos até tirar os sapatos de nossos pés sempre que usamos este nome[15].

Muitos de nós recuam e realmente expressam desagrado quando ouvimos alguém falar o nome de Deus em vão, mas faríamos bem em examinar a atitude do nosso próprio coração. A indiferença e a falta de respeito devido ao Seu nome por parte daqueles que O amam podem ser tão abomináveis quanto o pecado.

Infelizmente, esse último problema é o que em geral infesta o cristianismo. Quando os crentes possuem uma visão pequena acerca de Deus, tudo se resume em "procurar atender às necessidades sentidas dentro do corpo de Cristo". Quando a Igreja adota tal perspectiva, em geral não oferece nada às pessoas além de "placebos" espirituais; centralizando-se na psicologia, na auto-estima, no entretenimento, e em uma miríade de outras diversões para tentar atender às necessidades percebidas e sentidas.

É essencial, porém, que a Igreja e cada crente de maneira individual entendam que o motivo de sua existência é para trazer glória a Deus. Quando você conhece e glorifica a Deus, as necessidades da sua vida serão atendidas: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Pv 9.10). Contudo, muitos crentes não reverenciam a Deus e suas próprias atitudes provam sua irreverência. Em vez de tremer diante da Palavra de Deus, eles torcem as Suas verdades ou as suplantam com filosofias mundanas.

De fato, os cristãos precisam ser confrontados com sua real necessidade de compreenderem a santidade de Deus e a sua própria iniqüidade, para que possam então ser usados por Ele para a Sua glória. Quando temos um relacionamento correto com Deus, cada aspecto de nossa vida estará no lugar divinamente ordenado. Isso não significa que devemos ignorar os problemas das pessoas; devemos nos preocupar tanto com eles quanto Deus se preocupa. Mas deve haver

[15] Martyn Lloyd-Jones. *Studies in the Sermon on the Mount, 2 vols.* Grand Rapids: Eerdmans, 1979, 2:60-61.

um equilíbrio, e ele começa com uma visão elevada acerca de Deus. Devemos levar Deus a sério e respeitá-lo em todas as nossas atitudes.

Com todas essas coisas em mente, agora você pode compreender porque a oração é eternamente e sempre, em primeiro lugar e acima de tudo, um reconhecimento da majestosa glória de Deus e de nossa submissão a ela. Todas as nossas petições, todas as nossas necessidades, e todos os nossos problemas estão sujeitos a Ele. Deus deve ter prioridade em todos os aspectos de nossa vida, e certamente nos nossos momentos de mais profunda comunhão com Ele. A oração não deve ser uma rotina casual de prestar uma homenagem passageira a Deus; ela deve ser uma profunda experiência que deve abrir grandes dimensões de reverência, temor, apreciação, honra e adoração.

O SIGNIFICADO DO NOME DE DEUS

Nesse sentido, é muito adequado que a primeira petição do modelo de oração que o nosso Senhor nos deixou esteja focada em Deus: "Santificado seja o Teu Nome" (Mt. 6.9). O crítico Arthur W. Pink diz: "Dessa forma, fica claramente definida a tarefa fundamental da oração. O eu e todas as suas necessidades devem ter um lugar secundário, e ao Senhor deve ser dada livremente a proeminência em nossos pensamentos e súplicas. Esta petição deve ter precedência, pois a glória do grande nome de Deus é o propósito definitivo de todas as coisas"[16]. Embora Ele seja o nosso Pai amoroso, que deseja atender às nossas necessidades por meio dos seus recursos celestiais, a nossa primeira petição não deve ser em benefício próprio, mas em benefício dEle. Assim, "Santificado seja o Teu Nome" é uma advertência contra a oração egocêntrica porque esta declaração abrange inteiramente a natureza de Deus e a resposta do homem a ela. Jesus não estava simplesmente recitando palavras bonitas a respeito de Deus; com seu modelo de oração, Ele abriu toda uma dimensão de respeito, reverência, glória e adoração a Deus.

[16] Arthur W. Pink. *An Exposition of the Sermon on the Mount*. Grand Rapids: Baker, 1950, 161-62.

O nome hebraico mais utilizado para Deus é *Yahweh*, e ele aparece primeiramente em Êxodo 3.14, quando Deus diz "EU SOU O QUE SOU". Outro nome usado para se referir a Deus é *Adonai*, que significa "Senhor Deus". Por considerarem o nome de Deus sagrado, os judeus na realidade não pronunciavam *Yahweh*. Eventualmente os judeus do Antigo Testamento tomaram as consoantes de *Yahweh* e as vogais de *Adonai* para formar *Jeovah*. Embora fizessem um grande esforço para honrar a santidade do nome de Deus, eles pouco pensaram em não desonrar a Sua Palavra, o que acabou tornando todo esse esforço um deboche.

Ao nos fazer refletir sobre o nome de Deus, Jesus nos ensina que o nome do Senhor significa muito mais do que Seus títulos; ele representa tudo o que Ele é: Seu caráter, Seu plano e Sua vontade. Certamente os judeus devem ter entendido isso, porque nos tempos do Antigo Testamento os nomes representavam muito mais do que apenas títulos.

Uma Referência ao Caráter

Nas Escrituras, o nome de uma pessoa representava o seu caráter. Embora Deus o considerasse como um homem segundo o seu coração (1 Sm 13.14), Davi também desenvolveu boa reputação entre o povo: "Cada vez que os príncipes dos filisteus saíam à batalha, Davi lograva mais êxito do que todos os servos de Saul; portanto, o seu nome se tornou muito estimado" (1 Sm 18.30). O fato do seu nome ser estimado significava que ele próprio era estimado. Quando dizemos que alguém tem bom nome, queremos dizer que há algo sobre o seu caráter que é digno da nossa apreciação.

Quando Moisés subiu ao Monte Sinai para receber os mandamentos pela segunda vez, ele "Proclamou o Nome do Senhor. E, passando o Senhor por diante dele, clamou: Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado" (Ex 34.5-7). O nome de Deus é o composto de todas as características relacionadas nos versículos 6-7.

O nosso amor e confiança em Deus não se baseiam em Seus Nomes ou títulos, mas na realidade existente por trás desses nomes – o Seu caráter. Davi disse: "Em Ti, pois, confiam os que conhecem o Teu Nome, porque Tu, Senhor, não desamparas os que Te buscam" (Sl 9.10). O Nome de Deus é estimado por causa da Sua fidelidade.

Nos modelos mais típicos da poesia hebraica, a justiça de Deus e Seu Nome são geralmente tipificados como paralelos, demonstrando sua equivalência. Assim, Davi declarou: "Renderei graças ao Senhor, segundo a Sua justiça, e cantarei louvores ao nome do Senhor Altíssimo" (Sl 7.17). Quando o salmista disse: "Uns confiam em carros, outros, em cavalos; nós, porém, nos gloriaremos em o nome do Senhor nosso Deus" (20.7), ele tinha muito mais em mente do que simplesmente o título de Deus; na verdade ele estava se referindo à plenitude da pessoa do Senhor.

Quando Cristo veio ao mundo, os homens – especialmente os discípulos – tiveram a oportunidade de ver o caráter de Deus personificado. Em Sua oração sacerdotal, Jesus disse ao Pai: "Manifestei o Teu Nome aos homens que me deste do mundo" (Jo 17.6). Ele não precisou lhes falar acerca do nome de Deus, mas precisou revelar o caráter de Deus a eles. João 1.14 nos conta como isso foi feito: "O verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do unigênito do Pai". Cristo manifestou Deus aos discípulos através da sua própria vida de justiça e retidão. É por isso que Ele disse a Filipe: "Quem me vê a Mim vê o Pai" (Jo 14.9).

Para aplicar o conceito de santificar o nome de Deus às suas orações, você poderia dizer, por exemplo: "Pai Nosso, que nos ama e cuida de nós, e que tem nos céus provisões para atender a cada necessidade nossa; que a Tua pessoa, Tua identidade, Teu caráter, Tua natureza, Teus atributos, Tua reputação, e o Teu próprio ser sejam santificados". Santificar o nome de Deus não é simplesmente usar uma frase superficial inserida em um ritual de oração; essa é a sua oportunidade de glorificá-lo reconhecendo a grandeza e a maravilha do Seu caráter.

Tudo Está Contido em um Nome

Cada um dos muitos nomes e títulos de Deus que aparecem no Antigo Testamento demonstra uma faceta diferente do Seu caráter e da expressão da Sua vontade. Ele é chamado, por exemplo, de *Elohim*, "o Deus Criador"; *El Elyon*, "possuidor dos céus e da terra"; *Jeová-Jireh*, "o Senhor proverá"; *Jeová-Nissi*, "o Senhor é a nossa bandeira"; *Jeová-Rafá*, "O Senhor que cura"; *Jeová-Shalom*, "O Senhor é a nossa paz"; *Jeová-Raah*, "O Senhor é o nosso pastor"; *Jeová-Tsidkenu*, "O Senhor é a nossa justiça"; *Jeová-Sabaoh*, "o Senhor dos Exércitos"; *Jeová-Shamá*, "o Senhor está presente e bem próximo"; e *Jeová-Maqodeshkim*, que significa "o Senhor que te santifica". Todos esses nomes falam dos atributos de Deus. Assim, eles nos dizem não apenas quem Ele é, mas também como Ele é.

O próprio Jesus nos oferece o exemplo mais claro sobre o que significam os nomes de Deus. O Seu próprio nome, Jesus Cristo, é o maior de todos os nomes de Deus, e abrange o Seu papel como Senhor, Salvador e Rei. Como Jesus Cristo, Deus atraiu a Si mesmo muitos outros nomes, inclusive: o Pão da vida (Jo 6.35), a Água Viva (Jo 4.10), o Caminho, a Verdade, e a Vida (Jo 14.6), a Ressurreição (Jo 11.25), o Bom Pastor (Jo 10.11), o Renovo (Is 4.2), a Estrela da Manhã (Ap 22.16), o Cordeiro de Deus (Jo 1.29), e muitos mais. Uma passagem do Antigo Testamento em particular enumera diversos nomes para Ele, cada um expressando uma característica de Sua natureza: "Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6). A vida de Jesus foi a perfeita manifestação do nome de Deus.

SANTO É O SEU NOME

Após termos refletido sobre o significado do nome de Deus, precisamos agora voltar nossa atenção para o significado da palavra "santificar". A palavra inglesa para ela, "*hallow*", é atualmente uma palavra do inglês arcaico usada para transmitir uma forma da palavra grega *hagiazo*, que significa "tornar santo". Palavras da mesma raiz grega são traduzidas como "santo", "sagrado", "santificar" e "santificação".

Deus ordena que o Seu povo seja santo (1 Pe 1.16), mas somente o próprio Deus é realmente santo. Orar "santificado seja o Teu Nome" é atribuir a Deus a santidade que já é, e sempre foi, suprema e unicamente Sua. Santificar o Nome de Deus é reverenciá-lo, honrá-lo, glorificá-lo e obedecê-lo como o único e exclusivo perfeito Deus. Quando fazemos isso, nos lembramos da grande diferença entre Ele e nós: Deus vive em uma esfera diferente da nossa, Ele é Santo e incorruptível, enquanto nós somos pecadores. Somente através da Sua graciosa provisão em Jesus Cristo e de Seu pagamento pela penalidade por nosso pecado é que somos capazes de nos aproximarmos dEle. Concordamos com João Calvino, que diz que Deus deve ter a Sua própria honra, da qual Ele é digno, e que nunca deveríamos pensar ou falar dEle sem dar-lhe toda reverência[17].

O Fracasso em Honrar a Deus

Apesar de todas as tendências que infestam grande parte do cristianismo atual, não há nada mais perturbador que a falha em reconhecer a verdade mais central acerca de Deus – a de que Ele é santo. Esse é o único dos Seus atributos que é repetido por três vezes nas regiões celestiais (Is 6.3). A falha em dar a Deus a reverência e a honra que Ele merece pode ter conseqüências desastrosas. A seguinte narrativa mostra o que pode acontecer quando um homem, neste caso um dos maiores servos de Deus, não O trata com o respeito devido ao Seu Nome:

> Chegando os filhos de Israel, toda a congregação, ao deserto de Zim, no mês primeiro, o povo ficou em Cades... Não havia água para o povo; então se ajuntaram contra Moisés e contra Arão. E o povo contendeu com Moisés e disseram: Antes tivéssemos perecido quando expiraram nossos irmãos perante o Senhor. Por que trouxestes a congregação do Senhor a este deserto, para morrermos aí, nós e os nossos

[17] João Calvino, citado em *A Harmony of the Gospels Mathew, Mark, and Luke*. Grand Rapids: Baker, reimpressão 1979, 319-8.

> animais? E por que nos fizestes subir do Egito, para nos trazer a este mau lugar, que não é de cereais, nem de figos, nem de vides, nem de romãs, nem de água para beber? Então, Moisés e Arão se foram de diante do povo para a porta da tenda da congregação e se lançaram sobre o seu rosto; e a glória do Senhor lhes apareceu. Disse o Senhor a Moisés: "Toma a vara, ajunta o povo, tu e Arão teu irmão, e, diante dele, falai à rocha e dará a sua água; assim lhe tirareis água da rocha e dareis a beber à congregação e aos seus animais". Então Moisés tomou a vara de diante do Senhor, como lhe tinha ordenado. Moisés e Arão reuniram o povo diante da rocha, e Moisés lhe disse: "Ouvi agora, rebeldes, porventura faremos sair água desta rocha para vós outros?" Moisés levantou a mão e feriu a rocha duas vezes com o seu bordão e saíram muitas águas, e bebeu a congregação e os seus animais. Mas o Senhor disse a Moisés e a Arão: "Visto que não crestes em mim, para me santificardes diante dos filhos de Israel, por isso não fareis entrar este povo na terra que lhe dei" (Nm 20.1-12).

Moisés desonrou a Deus diante dos israelitas por ter ferido a rocha, em uma direta desobediência a Ele. A atitude de Moisés chamou a atenção do povo para ele mesmo, talvez para fazê-los pensar que ele tinha algo a ver com o milagre. E por roubarem a glória de Deus e deixarem de honrá-lo, tanto Moisés quanto Arão foram impedidos de entrar na Terra Prometida.

A relação dos que desonraram a Deus é numerosa. Listamos a seguir apenas alguns exemplos:

- **Saul** não se submeteu a Deus, antes O desobedeceu e com impaciência fez as coisas de seu próprio jeito, deixando de seguir todas as instruções que o Senhor havia lhe dado (1 Sm 15.11). Assim, Deus o removeu do trono.
- **Uzá** falhou ao não reconhecer a majestade da santidade de Deus e ousar desafiar Suas instruções (Nm 4.15, 19-20). Deus o abateu por causa de sua irreverência (2 Sm 6.7).

- **Uzias** tornou-se orgulhoso, agiu de forma corrupta, foi infiel ao Senhor e, afrontando a santidade de Deus, entrou no templo para queimar incenso. Deus o afligiu com lepra (2 Cr 26.16-23).
- **Ananias** e **Safira** mentiram ao Espírito Santo, pecando assim contra a santidade de Deus. Eles perderam a vida algumas horas após sua atitude enganosa (At 5.1-11).
- **Os Coríntios** comeram do pão e beberam do cálice indignamente durante a Ceia do Senhor (1 Co 11.27-30). Como conseqüência, muitos ficaram enfermos e alguns até morreram.

Nem sempre Deus trata de maneira tão imediata e direta, no nível físico, com aqueles que deixam de defender o Seu Santo caráter. Mas sempre haverá alguma conseqüência para tal atitude. Estas são algumas das principais delas: dá ao inimigo a oportunidade de blasfemar contra Deus. Foi o que Natã disse a Davi (2 Sm 12.14; cf. Ez 20.39; 1 Tm 5.14; 6.1); a Palavra de Deus é desonrada (Tt 2.5); o pecado pode desqualificá-lo para serviços posteriores na corte do Rei. Saul é a ilustração clássica dessa conseqüência (1 Sm 15.23); você pode perder sua vida de bem-estar (At 5.5, 10); Deus pode reter as bênçãos espirituais (Nm 10.1-12); a ira de Deus é invocada (Is 5.25); e o Espírito de Deus é entristecido (Is 63.10).

O Temor do Senhor Não é uma Opção

O salmista perguntou retoricamente: "Quem há de morar no Teu santo monte?" (Sl 15.1). A resposta é simples: "O que vive com integridade, e pratica a justiça, e, de coração, fala a verdade" (v.2). Não há nada que os crentes precisem mais hoje em dia do que subir, por mais uma vez, o degrau do temor a Deus.

A.W. Tozer afirmou corretamente: "Nenhuma religião é maior do que a sua idéia sobre Deus". Essa afirmação preciosa é paralela à outra verdade: Nenhuma igreja é maior do que o seu temor reverente ao santo Deus. Ele é santo e exige ser reconhecido como tal.

Embora a maioria dos crentes saiba disso de forma teórica, temo que poucos percebam o que isso significa na prática.

A Bíblia mostra claramente que o temor do Senhor não é opcional: "No temor do Senhor perseverarás todo dia" (Pv 23.17); "Temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo" (Mt 10.28); "Obedecei em tudo... temendo ao Senhor" (Cl 3.22). A palavra hebraica *yare*, que se refere a "temor" e "honra", é o elemento central do livro de Provérbios. Salomão usou-a por dezoito vezes.

Deus sempre chamou o seu povo a ter uma perspectiva correta sobre a grandiosidade da Sua santidade:

- O temor do Senhor levou Manoá a temer a morte imediata após ter visto Deus (Jz 13.22).
- Vendo a magnitude da santidade de Deus, Jó se arrependeu e se retratou por tudo o que tolamente havia dito (Jó 42.5-6).
- Ao se ver diante da santidade de Deus, Isaías pronunciou uma maldição sobre si mesmo: "Ai de mim, estou perdido!" (Is 6.5).
- Habacuque tremeu diante da voz do Deus santo (Hc 3.16).
- O povo remanescente que havia sido restaurado temeu o Senhor quando ouviu a Sua santa Palavra ser lida pelo Profeta Ageu (Ag 1.12).
- Durante o ministério terreno do nosso Senhor, os discípulos geralmente estavam face a face com o Seu poder e santidade. Em uma ocasião, quando atravessavam o Mar da Galiléia, houve uma tempestade. Embora tivessem medo da tempestade, tiveram grande temor (literalmente "tiveram grande medo") quando Jesus acalmou a tempestade (Mc 4.41). Eles tiveram muito mais medo da presença e do poder de Deus do que da tempestade mortífera. Manchado pelo pecado da incredulidade, Pedro implorou

ao seu imaculado Senhor que se ausentasse dele (Lc 5.8). João, Tiago e Pedro caíram sob seus rostos e ficaram tremendamente temerosos quando ouviram a voz de Deus (Mt 17.6).

- Os incrédulos moradores de uma determinada comunidade pediram a Cristo que deixasse a região deles por temerem o Seu santo poder (Mc 5.17).
- A igreja de Jerusalém estava cheia de temor reverente por causa da santidade de Deus (At 2.43; 5.5; 11), e por toda a Judéia, Galiléia e Samaria, as igrejas continuaram no temor do Senhor (At 9.31).
- Contemplando a magnificência do Cristo glorificado, João caiu cheio de temor aos Seus pés como um homem morto (Ap 1.17).

Em cada um desses exemplos, a presença de Deus produziu um "anseio pela santidade". Como relatei no início deste capítulo, esse é um sentimento que está altamente em falta em nossos dias tão pragmáticos e metódicos, além de estar altamente em falta também nas nossas orações. Para revivê-lo, devemos buscar a santidade no temor de Deus. Esse sempre foi o desejo de Deus para o Seu povo: "Eu Sou o Senhor, vosso Deus; portanto, vós vos consagrareis e sereis santos, porque Eu Sou Santo" (Lv 11.44). Pedro fez ecoar esta súplica: "segundo é santo aquele que vos chamou, tornai-vos santos também vós mesmos em todo o vosso procedimento; porque escrito está: Sede santos, porque Eu Sou Santo" (1 Pe 1.15-16; cf. Lv. 19:2). Atualmente, o desafio para a igreja de Cristo é este: "Purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus" (2 Co 7.1).

COMO SANTIFICAR O NOME DE DEUS

Santificar o nome de Deus, assim como todas as outras manifestações de justiça, é uma atitude que começa no coração. O apóstolo Pedro nos diz: "Santificai a Cristo... em vosso coração"

(1 Pe 3.15). Quando santificarmos a Cristo em nosso coração também o santificaremos em nossas vidas. Vejamos algumas formas práticas pelas quais você pode fazer isso e também garantir que Deus seja santificado em sua vida de oração.

Reconheça que Deus Existe

Hebreus 11.6 diz: "É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe". Para uma mente honesta e aberta, Deus se torna evidente por si só! O filósofo Immanuel Kant tinha muitas idéias estranhas sobre Deus, mas estava absolutamente certo quando disse: "A lei moral dentro de nós e os céus estrelados acima de nós nos levam a Deus"[18]. Mas isso não é o bastante! Você pode crer que Deus existe e ainda assim não santificar o Seu Nome.

Conheça a Verdade Acerca de Deus

Muitas pessoas afirmam crer em Deus, mas não santificam o Seu nome porque não têm o real entendimento de quem Ele é. Descobrir e crer na verdade acerca de Deus demonstra reverência por Ele, enquanto a ignorância intencional ou a crença em doutrinas erradas demonstra irreverência.

Algumas pessoas pensam que tomar o nome de Deus em vão é somente xingar ou praguejar, mas não se trata disso. Cada vez que você pensa algo sobre Deus que não é verdade, ou quando duvida dele, desacredita dele ou O questiona, você está tomando o nome de Deus em vão. Origen, o pai da igreja primitiva, afirmou em sua refutação ao filósofo grego Celsus que o homem que traz à sua concepção sobre Deus idéias que não cabem nessa concepção, toma o nome do Senhor Deus em vão[19].

Alguns afirmam que Deus é áspero e vingativo, acusando-O de não ser amoroso e de banir as pessoas indiscriminadamente a um

[18] Citado por William Barclay em *The Gospel of Matthew*, vol. 1 Philadelphia: Westminster, 1975, 208.

[19] Livro 1, capítulo 25.

inferno eterno, como se fosse um aliado nacional de Israel que massacra as outras nações. Até mesmo Jó caiu no pecado da acusação quando disse: "Tu foste cruel comigo" (Jó 30.21). Não podemos reverenciar um Deus cujo caráter e vontade não conhecemos ou com os quais não nos importamos. Mas mesmo quando O conhecemos e O reverenciamos, isso ainda não é o bastante.

Tenha Consciência da Sua Presença

Como afirmei no primeiro capítulo, se quisermos ser crentes fiéis devemos viver cada dia de nossas vidas em um estado contínuo de consciência de Deus. Ter reflexões ocasionais sobre Ele não santifica o Seu nome. Estou certo de que Ele está presente nos pensamentos de muitos logo após um culto de domingo pela manhã, mas o que acontece algumas horas depois naquele mesmo dia e durante toda a semana? Essas são as horas em que você deve conscientemente trazê-lo para dentro de cada pensamento, palavra e atividade diária caso queira realmente santificar o nome de Deus. Essa foi a atitude de Davi: "O Senhor, tenho-O sempre à minha presença" (Sl 16.8). Mas isso ainda não é o bastante para realmente santificar o nome de Deus.

Viva em Obediência

O nome do nosso Pai é santificado principalmente quando nos comportamos de acordo com a Sua Palavra. Viver em desobediência a Deus é a principal atitude pela qual os cristãos tomam o nome do Senhor em vão, pois estão chamando de Senhor alguém a quem não estão nem mesmo dispostos a seguir. Jesus advertiu: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus; mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus" (Mt 7.21).

Quando desobedecemos a Deus, diminuímos nossa capacidade de reverenciar o Seu nome e de sermos um canal para manifestar a Sua santidade. Somente teremos êxito em santificar o Seu nome

quando comermos, bebermos e fizermos todas as coisas para a glória de Deus (1 Co 10.31). Também honramos o Seu nome quando atraímos outros a Ele por causa do nosso compromisso. Devemos deixar que "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16).

Quando seus pensamentos sobre Deus forem corretos e você viver uma vida de retidão, então você santificará o Seu nome. O Salmo 34.3 resume o ensino contido nessa frase com a seguinte exortação: "Engrandecei ao Senhor comigo, e todos, à uma, lhe exaltemos O nome".

Da próxima vez em que orar, espero que você se veja entrando na sala do trono do próprio Deus; um lugar santo, onde Ele deve ser honrado. Não tenha medo quando entrar nesse momento a sós com o Deus dos céus, apenas esteja certo de se aproximar dEle com o respeito devido ao Seu santíssimo nome.

Capítulo 5

"Venha o Teu Reino"

Nos últimos anos, temos testemunhado o rápido declínio de mais de 150 anos de uma forte influência bíblica cristã nos Estados Unidos. Há alguns anos atrás, alguém sugeriu que estávamos vivendo em uma América pós-cristã. Embora nosso país lute para merecer um rótulo cristão, hoje ele se assemelha mais a uma América sub-cristã. As pessoas freqüentam cultos religiosos e dizem crer em Deus, mas na melhor das hipóteses estão apenas aderindo a um ateísmo prático e a uma moralidade situacional. Todo e qualquer vestígio de religião cristã que ainda permaneça em nossa cultura se tornou fraco e corrompido, ou então é cultista e apóstata.

Atualmente, através de suas agências e tribunais legislativos, nossa nação apóia uma agenda claramente anti-cristã. Qualquer coisa peculiarmente cristã foi virtualmente varrida sob a égide da igualdade de direitos e da liberdade moral. Os padrões divinos e a moralidade bíblica que nossa nação um dia abraçou são constantemente atacados. A liberdade moral agora impera. O materialismo e o colapso da família são como uma epidemia. Os abortos, os males sexuais, as

drogas e os crimes aumentam desenfreadamente. E os nossos líderes não sabem o que fazer porque não existem mais padrões que possam controlar esses problemas.

Para aqueles de nós que se lembram do grande avivamento dos anos 70, a depravação dos anos 90 é especialmente entristecedora. Contudo, caso não seja confrontada, essa tristeza pode levar ao ressentimento e, principalmente, a um ressentimento contra os que estão no controle do governo, da mídia e da sociedade, e que incentivam uma agenda anti-cristã.

O que mais me preocupa, porém, é a hostilidade declarada que o ressentimento para com a liderança da nossa nação geralmente fomenta. Quando essa atitude se associa à idéia de que os cristãos deveriam causar impacto na cultura legislando a moralidade, a igreja é gravemente desviada de seu propósito principal. Embora mudar a nossa sociedade chamando-a de volta a uma moralidade mais segura seja um alvo nobre, esse nunca foi o alvo de Cristo para a Sua igreja.

A igreja tem uma única missão neste mundo: levar pessoas destinadas a passar a eternidade no inferno ao conhecimento salvador de Jesus Cristo e à eternidade no céu. Se as pessoas morrerem em um governo comunista ou em uma democracia, sob um ditador tirano ou benevolente, acreditando que a homossexualidade é certa ou errada, ou acreditando que o aborto é direito fundamental de escolha da mulher ou simplesmente um homicídio em massa, nada disso tem relação com onde elas passarão a eternidade. Se elas nunca conheceram Cristo e nunca O receberam como Senhor e Salvador, passarão a eternidade no inferno.

"O meu Reino não é deste mundo", disse Jesus a Pilatos. "Se o meu Reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que eu não fosse entregue aos judeus" (Jo 18.36). Nenhum reino ou sociedade humanos pode se misturar ao Reino de Deus, ainda que parcialmente. O homem pecador não pode ser parte do reino divino. É por isso que nunca poderemos antecipar o Reino de Deus tentando melhorar a moral da nossa sociedade. Causas boas

e nobres podem ser dignas de apoio, mas não têm impacto no que diz respeito a introduzir o Reino terreno de Jesus Cristo. Na melhor das hipóteses, elas só podem retardar a corrupção que sempre e inevitavelmente caracterizarão as sociedades e reinos humanos.

Só há um destino para a América: seguir o caminho de todas as outras nações. Nenhum reino humano durará para sempre porque estão plantadas dentro dele as sementes pecaminosas da sua própria destruição: "A justiça exalta as nações, mas o pecado é o opróbrio dos povos" (Pv 14.34); "nas gerações passadas, permitiu que todos os povos andassem nos seus próprios caminhos" (At 14.16).

Embora todos os reinos do mundo, inclusive a América e o Brasil, possam ser estabelecidos e destituídos, as portas do inferno nunca prevalecerão contra o Reino de Deus (Mt 16:18). Você pode estar frustrado com a agenda imoral de sua nação e sua rebeldia contra Deus, mas pode ter certeza de que agora mesmo Cristo está edificando a Sua igreja. Um dia o Senhor voltará para estabelecer o Seu próprio reino perfeito. Então finalmente perceberemos o que temos esperado com tanta ansiedade – e o que os discípulos de Cristo do primeiro século desejavam – ver Cristo governar na terra e os povos do mundo se prostraram de joelhos perante Ele.

Frances Havergal, uma escritora do século XVIII, captura esse sentimento com beleza nestas palavras a Cristo em "His Coming to Glory" [A Sua Volta para a Glória]:

> Ah, a alegria de ver-Te reinando,
> Tu, meu amado Senhor!
> Toda língua Teu nome confessando,
> Adoração, honra, glória, bênção,
> Trazidos a Ti em alegre harmonia;
> Tu, meu Mestre e meu Amigo,
> Justificado e entronizado;
> Até os confins mais remotos da terra
> Glorificado, adorado e exaltado.

A PROMESSA DE DEUS

Aquele que tem o direito de governar e reinar é ninguém mais do que o próprio Rei, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, Jesus Cristo. O Salmo 2.6-8 diz a Seu respeito: "Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o Meu santo monte Sião. Proclamarei o decreto do Senhor: Ele hoje me disse: Tu és meu Filho, Eu, hoje, te gerei. Pede-me, e Eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão". Isaías 9.6 diz "o governo está sobre os Seus ombros". Jesus Cristo é Aquele que cumpre a promessa de um Rei que está por vir. Ele é o messias, o "ungido". Ele é a esperança de Israel, a esperança da igreja, e a esperança do mundo.

Em um de seus sonhos, Daniel viu uma estátua representando os reinos do mundo sendo esmagados em pedaços por uma pedra que voava, que representa Cristo (Dn 2.34-35). Depois de esmagar os reinos, então a pedra enchia toda a terra. O simbolismo é claro: Cristo finalmente esmagará os reinos dos homens e estabelecerá o Seu próprio reino.

Cristo não pode ser separado de Seu Reino. O propósito santo de Deus é exaltar Cristo na consumação da história, quando o Filho governará e reinará no Seu Reino. O Talmude judaico está certo em dizer que a oração onde não há menção ao Reino de Deus não é oração (*Berakoth 21ª*).

A NOSSA NOVA PRIORIDADE

O nosso maior desejo como crentes deve ser ver o Senhor reinando entronizado no Seu Reino, tendo a honra e a autoridade que sempre foram Suas, mas que Ele ainda não veio reivindicar. Isso nos leva à segunda petição do modelo de oração encontrado em Mateus 6.10. Orar "Venha o Teu Reino" é orar para que o programa de Deus se cumpra, para que Cristo venha e reine.

Quando você crê sinceramente e confessa genuinamente a Cristo como Senhor, você está confirmando que a direção da sua vida

está voltada para a Sua exaltação. As suas próprias causas são válidas somente até o ponto em que elas estejam de acordo com as causas eternas de Deus reveladas em Cristo. Quando eu oro, "Venha o Teu reino", estou dizendo ao Espírito Santo de Deus: "Espírito de Cristo em mim, assuma o controle e faça o que quiseres para a Tua glória". Um verdadeiro filho de Deus não se preocupará com os seus próprios planos e desejos, mas com o programa definido por Deus, revelado na pessoa de Jesus Cristo.

Lidando com o Eu

Apesar do nosso desejo de nos preocuparmos com o Reino de Deus, as nossas orações geralmente são egocêntricas. Focalizamos as nossas necessidades, os nossos planos e as nossas aspirações. Geralmente somos como criancinhas, que não conhecem outro mundo a não ser o de seus próprios sentimentos e desejos. Nossa vida é uma luta sem fim contra os nossos velhos hábitos pecaminosos, focados constante e inexoravelmente no eu.

Até mesmo os problemas e questões que os outros enfrentam podem dificultar nossa preocupação suprema com o Reino de Deus. É nossa responsabilidade orar por nossas famílias, pastores, missionários, líderes nacionais e outros, e por muitas outras pessoas e coisas. Mas em todo caso nossas orações deveriam ser para que Deus cumpra a Sua vontade nessas pessoas e através delas – que elas pensem, falem e ajam de acordo com a Sua vontade.

O Reino deve estar no coração das nossas orações. Antes de entrarmos na presença do Senhor com todas as nossas petições, precisamos parar por tempo suficiente para refletir sobre Suas causas e sobre Seu Reino. Devemos declarar nosso anseio de que Ele seja glorificado nos Seus propósitos.

Lidando com Satanás

Tão logo desejamos viver uma vida santa para Cristo, entramos em um enorme conflito. A maior oposição ao reio de Cristo, e

a maior oposição ao viver cristão, é o reino deste mundo presente, governado por Satanás. Da próxima vez que você começar a se ressentir com a última vitória em favor de interesses ímpios em seu país, reflita sobre a origem deles. A essência do reino de Satanás sempre foi a oposição ao Reino de Deus e ao povo de Deus. Satanás desafiará cada esforço do crente para viver uma vida santificada.

UM REINO QUE NÃO É DESTE MUNDO

A palavra no original grego para "reino" (*basileia*) não se refere primeiramente a um território geográfico, mas sim à soberania e domínio. Portanto, quando oramos "Venha o Teu reino", estamos orando para que o governo de Deus na terra tenha início quando Cristo assumir o Seu lugar de direito como regente. "Venha" traduz a forma imperativa do verbo *erchomai*, indicando uma vinda repentina, instantânea (cf. Mateus 24.27). É pela vinda do Seu Reino milenar (Ver 20.4) que devemos orar.

Ele Pertence a Deus

O reino pelo qual estamos orando é único porque não pertence a nenhum monarca terreno; ele pertence ao "Pai nosso que estais no céu" (Mt 6.9). Como crentes, não somos mais deste mundo (Jo 17.14). O nosso maior interesse foi trasladado deste mundo, e a nossa verdadeira cidadania agora está nos céus (Fp 3.20). Somos visitantes e peregrinos (1 Pe 1.17), esperando para entrar em uma cidade cujo construtor e edificador é Deus (Hb 11.10).

O Reino de Deus não é em nada semelhante aos reinos deste mundo feitos pelo homem. Egito, Assíria, Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma, não são mais potências mundiais - o seu tempo de fama foi breve. Alexandre o Grande possuiu um dos maiores impérios de toda a história do mundo, mas ele também se foi. Todas as civilizações que um dia foram grandes estão extintas.

O que Daniel disse com relação ao fim do Império Babilônico podia se referir a todas as nações do mundo: "Contou Deus

o teu reino e deu cabo dele... Pesado foste na balança e achado em falta... Dividido foi o teu reino e dado aos medos e aos persas" (Dn 5.26-28). Os reinos da terra seguem o curso de toda carne - o poder degenerativo do pecado causa decadência e destruição inevitáveis.

Mas o Reino de Deus é maior do que qualquer nação. O nosso Senhor disse: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). Ele cuidará de todas as nossas necessidades como vestuário, abrigo e alimentação, quando buscarmos o Seu Reino. Por isso devemos orar "Senhor, faça o que quer que acelere a vinda do Teu Reino e traga o Teu governo".

Cristo é o Regente

O Reino de Deus, ou dos céus, foi o cerne da mensagem de Jesus. Esta é a síntese da mensagem do Evangelho: as Boas Novas do Reino do nosso Senhor e do Seu Cristo. Aonde quer que fosse, Jesus pregava a mensagem da salvação. Ele mesmo disse: "É necessário que eu anuncie o evangelho do reino... pois para isso é que fui enviado" (Lc 4.43). O Reino de Cristo é nada menos do que o ápice da história humana. Jesus passou três anos com os discípulos ensinando-os acerca do Reino, e depois de morrer e ressuscitar, Ele lhes apareceu por um período de quarenta dias dando-lhes instruções com relação ao Reino de Deus (At 1.2-3).

Jesus falou do Reino de Deus de três maneiras: passado, presente e futuro. Ele é passado pelo fato de englobar Abraão, Isaac e Jacó (Mt 8.11). Foi presente durante o próprio ministério terreno de Jesus, pois Ele era o verdadeiro Rei vivendo em meio ao povo (Lc 17.21). Mas o foco principal das nossas orações é o Reino que ainda está por vir.

Como vimos anteriormente, Jesus definiu o Reino como não sendo deste mundo (Jo 18.36). Mas que tipo de Reino é esse, e como ele pode estar aqui e ainda assim estar no futuro? Precisamos examinar os dois aspectos do Reino: ele é tanto universal quanto terreno.

O Aspecto Universal

Deus é o regente do universo. Ele o criou, Ele o controla, e Ele o mantém coeso. James Orr comenta: "Há, portanto, reconhecido nas Escrituras... um reino ou domínio natural e universal de Deus que abrange todos os objetos, pessoas e acontecimentos, todos os feitos dos indivíduos e das nações, todas as operações e mudanças da natureza e da história, absolutamente sem exceção"[20]. O Reino de Deus "é o de todos os séculos" (Sl 145.13), e agora mesmo "o Seu Reino domina sobre tudo" (Sl 103.19). Deus é o Rei universal, e Ele intervém em Seu reinado através de Seu Filho, por quem Ele fez os mundos, e de quem é dito "Ele é antes de todas as coisas, e nele tudo subsiste" (Cl 1.17).

O Aspecto Terreno

Quando Jesus disse "Venha o Teu reino" em Sua oração modelo, Ele estava dizendo na verdade: "Que o reino universal estabelecido nos céus venha à terra". Observe as últimas palavras de Mateus 6.10: "assim na terra como no céu". A estrutura das frases representa um típico paralelismo hebraico, que pode se referir às três primeiras petições da Oração do Pai-nosso. Nesse caso, poderíamos dizer "Santificado seja o Teu Nome assim na terra como no céu. Venha o Teu Reino assim na terra como no céu. Seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu".

Uma vez que Deus não está governando na terra neste momento como governa no céu, devemos orar para que o reino divino venha sobre a *terra* – para que Cristo retorne e estabeleça o Seu Reino terreno, destrua o pecado, e assegure a obediência à vontade de Deus. O Senhor então governará "com cetro de ferro" (Ap 2.27). Depois de mil anos o Seu reino terreno se unirá ao Seu Reino eterno, e não haverá distinção entre o Seu governo na terra e o Seu governo no céu.

[20] Citado por Alva J. McClain em *The Greatness of the Kingdom*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1980, 22.

Trazendo o Reino de Deus à Terra

A melhor forma de traduzir a frase "Venha o Teu Reino" é: "Deixe que o Teu Reino venha agora". Que características indicam o estabelecimento do governo do Senhor sobre a terra?

A Conversão dos Incrédulos

De forma atual e limitada, mas real e milagrosa, o Reino de Deus vem à terra cada vez que uma nova alma é trazida para o Reino. Assim, "Venha o Teu Reino" é uma oração evangelística.

Atualmente, o Reino de Cristo existe na terra dentro dos corações e mentes dos crentes. Devemos orar pelo aumento do Reino de Deus. Orar pela vinda do Reino, nesse sentido, é orar pela salvação das almas. O Reino é a esfera da salvação na qual se entra através do arrependimento e da fé em Jesus Cristo.

A conversão ao Reino de Deus começa com um convite. Em Mateus 22, Jesus comparou o Reino dos céus a um homem que oferecia um grande banquete de casamento, e que enviou convites aos convidados. Quando aqueles que haviam sido convidados inicialmente recusaram-se a comparecer, o homem disse: "Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes" (v.9). O convite de Cristo é mundial.

Contudo, esse convite para o Reino de Deus requer arrependimento. Jesus disse: "Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos céus" (Mt 4.17; cf. Mc 1.14-15). E isso requer uma resposta voluntária por parte do ouvinte. Jesus certa vez disse a um escriba: "Não estás longe do Reino de Deus" (Mc 12.34). Embora tivesse conhecimento acerca da salvação, ele não havia feito nenhuma escolha consciente para recebê-la. O conhecimento do Reino só vai até esse ponto. Se alguém deseja que Cristo reine em seu coração e mente, deve reagir àquilo que sabe.

Jesus disse: "Buscai em primeiro lugar o Seu Reino e a Sua justiça" (Mt 6.33). Qualquer pessoa que verdadeiramente deseje conhecer Cristo, responderá ao convite buscando-O de todo coração.

Lucas 16.16 diz: "A Lei e os Profetas vigoraram até João; desde esse tempo, vem sendo anunciado o Evangelho do Reino de Deus, e todo homem se esforça por entrar nele". A palavra grega traduzida por "esforçar" significa "entrar com violência". Quando uma pessoa de coração reto vê o valor do Reino de Deus, ela se apressa em agarrá-lo. O Reino dos céus possui um valor tão infinito que se assemelha a "um tesouro oculto no campo" ou a "uma pérola de grande valor", e para comprá-lo uma pessoa vende tudo o que tem (Mt 13.44-46).

O Compromisso dos Crentes

O desejo dos já convertidos deve ser permitir que o Senhor agora governe as suas vidas, assim como Ele governa no céu. Freqüentemente nos deparamos com encruzilhadas em nossas vidas onde temos de escolher entre fazer a vontade de Deus ou a nossa vontade, e é nesses momentos que precisamos confirmar nosso compromisso com as causas de Deus. Se Cristo é Senhor, devemos nos submeter ao Seu senhorio. Em Romanos 14.17, o apóstolo Paulo disse: "o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça e paz, e alegria no Espírito Santo". Quando você se comprometer com as virtudes que o Espírito deseja produzir em sua vida, você orará para que a sua vida honre e glorifique o Seu Pai que está no céu.

O Início do Governo Terreno de Cristo

Um dia os céus se abrirão e Jesus descerá ao Monte das Oliveiras para estabelecer o Seu Reino (Zc 14.4). Ele reinará por mil anos (Ap 20.4) e governará com cetro de ferro (Ap 19.15). Nesse dia, a oração "Venha o Teu Reino" será então respondida. Cristo reinará em justiça, retidão, verdade e paz. Ele governará no trono de Davi, na cidade de Jerusalém, e exterminará as maldições que infestaram esta terra. Como Pedro, espero ansiosamente e procuro antecipar o dia da Sua vinda. E digo com o Apóstolo João: "Vem, Senhor Jesus" (Ap 22.20). Espero que essa seja a sua petição cada vez que você orar.

Capítulo 6

"Seja Feita a Tua Vontade"

Um dos dilemas que os cristãos têm debatido por séculos é se Deus cumpre a Sua vontade independente de orarmos ou não. Quando oramos sinceramente e persistentemente, como Cristo nos ensinou, a nossa vontade pode passar por cima da vontade de Deus? Quando não oramos, Ele falha? A questão é que nenhum de nós pode compreender com precisão como a oração funciona na mente infinita de Deus e em Seu plano divino. Aquilo que para nós parece um mistério sem esperança não é problema para Ele. Mas isso não quer dizer que os teólogos não tentaram solucionar esse dilema.

Na tentativa de trazer entendimento sobre essa questão, os teólogos formularam duas visões doutrinárias básicas. Uma visão enfatiza a soberania de Deus, e na sua aplicação extrema sustenta que Deus trabalhará de acordo com a sua vontade perfeita independente de como os homens oram ou até mesmo se eles oram. Assim, a oração é nada mais do que sintonizar-se com a vontade de Deus. No extremo oposto está a visão que sustenta que as ações de Deus com relação a nós são determinadas em grande medida pelas nossas

orações. As nossas súplicas perseverantes farão Deus fazer por nós aquilo que de outro modo Ele não faria.

O pastor e autor James Montgomery Boice relata a seguinte história bem-humorada sobre como este paradoxo confunde até mesmo os nossos maiores líderes espirituais:

> Em um certo ponto do caminho de seus influentes ministérios, George Whitefield, o evangelista Calvinista, e John Wesley, o evangelista armeniano[21], estavam pregando juntos durante o dia e se alojando juntos na mesma pensão durante a noite. Uma noite, depois de um dia especialmente extenuante, os dois voltaram à pensão exaustos e se prepararam para dormir. Quando estavam prontos, cada um se ajoelhou ao lado da cama para orar. Whitefield, o Calvinista, orou assim: "Senhor, Te agradecemos por todos aqueles com quem falamos hoje, e nos regozijamos porque as suas vidas e destinos estão inteiramente nas Tuas mãos. Honra nossos esforços de acordo com a Tua perfeita vontade. Amém". Ele se levantou e deitou na cama. Wesley, que a esta altura mal havia terminado de fazer a introdução de sua oração, olhou para cima do seu lado da cama e disse: "Sr. Whitefield, é aí que o seu Calvinismo o leva?" Então, abaixou a cabeça e continuou orando. Whitefield ficou na cama e foi dormir. Cerca de duas horas mais tarde Whitefield acordou, e ali estava Wesley ainda de joelhos ao lado da cama. Então Whitefield se levantou e deu a volta na cama até o lado onde Wesley estava ajoelhado. Ao chegar lá, descobriu que Wesley havia dormido. Ele o sacudiu pelo ombro e lhe disse: "Sr. Wesley, é aí que o seu Armenianismo o leva?"[22].

[21] N.T. Calvinismo e Armenianismo são duas linhas teológicas opostas entre si. O Arminianismo tem sua ideologia e seu nome derivados de Jacó Arminius, ministro e teólogo reformado holandês, que defendia a predestinação condicional ou Livre Arbítrio humano na qual o homem tem livre arbítrio para rejeitar a salvação em Cristo. Por outro lado, o Calvinismo crê na predestinação incondicional ou dupla predestinação. De acordo com esse princípio, Deus destinou antes da fundação do Universo um grupo que aceitaria Cristo para a salvação e vida eterna, sendo esse convite à salvação irresistível.

[22] James Montgomery Boice. *The Sermon on the Mount*. Grand Rapids: Zondervan, 1972, 183-84.

Assim como Whitefield e Wesley, não somos capazes de compreender o trabalho divino que torna a oração eficaz. A Bíblia não deixa dúvidas a respeito da absoluta soberania de Deus, mas dentro dessa soberania Ele nos ordena a exercitarmos a nossa vontade responsável em certas áreas, inclusive suplicando a Ele em oração. Se Deus não agisse em resposta às orações, o ensino de Jesus sobre a oração seria fútil e sem sentido, e todas as ordens para que orássemos seriam sem fundamento. A nossa tarefa não é resolver o dilema de como a soberania de Deus trabalha com a responsabilidade humana, mas acreditar e agir naquilo que Deus nos ordena acerca da oração.

Orar para que a vontade de Deus se cumpra é o assunto da terceira petição do nosso Senhor em seu modelo de oração. Depois de pedir que o Nome de Deus seja santificado e que o Seu Reino venha, Jesus diz que devemos orar "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10). Quando orarmos, devemos orar de acordo com a vontade de Deus. A Sua vontade deve se tornar a nossa vontade. Desse modo, também estaremos orando para que a Sua vontade prevaleça em toda a terra, assim como prevalece no céu.

Davi orou com a mesma atitude contida na terceira petição quando disse: "Agrada-me fazer a Tua vontade, ó Deus meu" (Sl 40.8). Essa também foi a atitude de Cristo: "A minha comida consiste em fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4.34; cf. Mt 12.50; Jo 6.38).

A VONTADE DE DEUS É INEVITÁVEL?

Infelizmente, muitas são as pessoas, inclusive cristãs, que não têm essa mesma atitude com relação à terceira petição da Oração dos Discípulos.

Ressentimento e Amargura

Algumas pessoas reconhecidamente cristãs se ressentem com o que para elas é "uma imposição da vontade de Deus", como se o Senhor fosse um ditador divino exercitando a Sua vontade soberana e egoísta sobre o Seu povo. Elas oram movidas apenas por um sentido

de compulsão, acreditando não poder fugir do inevitável. O crítico William Barclay disse:

> Um homem pode dizer, "Seja feita a Tua vontade", em um tom de resignação derrotada. Ele pode estar dizendo isso não porque deseja dizê-lo, mas porque aceitou o fato de que não pode dizer absolutamente nada além disso; ele pode estar dizendo isso porque aceitou o fato de que Deus é forte demais para ele, e que é inútil bater com a cabeça contra as paredes do universo[23].

O poeta do século XI, Omar Khayyam, tinha uma visão semelhante de Deus. Em seu *Rubaiyat*, uma coleção de epigramas de seis linhas, ele escreveu:

> Peças indefesas do Jogo Ele joga
> Sobre este tabuleiro de xadrez das Noites e Dias;
> Para cá e para lá as movimenta, dá xeques-mate e destrói,
> E uma por uma guarda de volta no armário.
>
> A Bola não faz questão de Sim nem Não,
> Mas Aqui ou Ali , enquanto bate, segue o Jogador;
> E Aquele que jogou você dentro do Campo,
> Ele sabe tudo a respeito. Ele sabe. ELE sabe!
> (vv. 69-70)

Esse poeta persa via Deus como um jogador de xadrez com poder total sobre as peças do jogo, movendo-as segundo o seu capricho e colocando-as no armário ao terminar. O poeta também via Deus como um jogador de pólo com um taco e o homem como a bola, que não tem absolutamente escolha quanto ao modo como lhe batem ou para onde vai. Porém essa perspectiva reflete uma falta de conhecimento de como Deus realmente interage com o Seu povo.

[23] William Barclay. *The Gospel of Matthew*. Philadelphia: Westminster, 1975, 212.

Resignação Passiva

Outros crentes, porém, não se ressentem da vontade de Deus. Eles O vêem como o seu amoroso e cuidadoso Pai que só tem em mente o melhor para eles. Entretanto, esses também estão resignados com a Sua vontade como uma força inevitável, imutável e irresistível em suas vidas, pensando assim que suas orações não farão qualquer diferença. Eles oram para que a Sua vontade seja feita porque Ele lhes ordenou que o fizessem. Mas esta certamente não é uma oração de fé; soa muito mais como uma oração de simples "recapitulação". Crentes que oram deste modo aceitam a vontade de Deus com uma atitude derrotista.

Muitos crentes têm uma vida de oração fraca porque não acreditam que suas orações podem realizar alguma coisa. Eles pedem algo ao Senhor e depois se esquecem daquilo, agindo como se soubessem antecipadamente que Deus não estaria absolutamente inclinado a conceder o que eles pediram. Até nos primórdios da igreja, quando a fé geralmente era forte e vital, a oração podia ser passiva e sem expectativa. Quando o apóstolo Pedro foi preso em Jerusalém, um grupo de crentes preocupados se reuniu na casa de Maria, mãe de João e Marcos, para orar por sua libertação (At 12.12). Enquanto o faziam, um anjo do Senhor milagrosamente libertou Pedro de suas cadeias (vv. 7-10). Enquanto os crentes ainda estavam orando, Pedro chegou à casa e bateu na porta. Uma serva chamada Rode atendeu à porta, e ao reconhecer a voz de Pedro, voltou-se e correu para contar aos outros antes de deixar Pedro entrar (vv.13-14). Mas os outros não acreditaram nela, até que finalmente deixaram Pedro entrar. Então "viram-no, e ficaram atônitos" (v.16). Aparentemente, eles haviam estado orando por algo que nem acreditavam realmente ser possível.

A oração não é uma tarefa vã a ser desempenhada somente em nome da obediência. Obedecer pode parecer um bom motivo, mas seu efeito não é diferente daquele dos fariseus hipócritas que oravam para se exibir. Devemos orar com fé, crendo que nossas orações fazem

diferença para Deus. A fim de protegê-los contra essa resignação passiva e nada espiritual, Jesus contou aos discípulos a parábola da Viúva Importuna, para mostrar-lhes "o dever de orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1).

A VONTADE DE DEUS ESTÁ VIVA E OPERANTE NA TERRA?

Pedir "Seja feita a Tua vontade na terra", indica que a vontade de Deus *nem sempre* é feita por aqui. Isso também é verdade com relação a alguns outros elementos desta oração. Oramos "Santificado seja o Teu Nome", no entanto, o nome de Deus não é santificado com muita freqüência entre os homens. Pedimos que o Seu Reino venha, no entanto, há muitos que rejeitam o Seu Reino. Assim, a Sua vontade não é inevitável. Na verdade, a falta de orações fiéis inibe a vontade de Deus porque em Seu plano de sabedoria e graça, a oração é essencial ao funcionamento adequado da Sua vontade na terra.

O Impacto do Pecado

Deus é soberano, mas Ele não é independentemente determinista. Muitos crentes vêem a soberania de Deus de modo fatalista, pensando que o que será, será. Eles encaram cada tragédia como oriunda da mão de Deus, seja pessoal, como a morte ou enfermidade de um ente querido, ou universal, como um terremoto ou inundação. Mas essa atitude destrói a oração e a obediência fiéis. Essa não é uma visão elevada da soberania de Deus, mas uma visão destrutiva e anti-bíblica dela.

O curso de todos os acontecimentos e circunstâncias é ordenado por Deus, e isso inclui permitir a causa de todas as tragédias da vida – o pecado. Para vermos Deus como definitivamente soberano, devemos aceitar que Ele pretendeu que o pecado existisse. Ele o planejou, ele não poderia ter sido pego de surpresa e ter Seu plano original estragado! Assim, o mal e todas as suas conseqüências estavam incluídos no decreto eterno de Deus antes da fundação do mundo.

Entretanto, não podemos considerar Deus como o autor ou a fonte de origem do pecado. O apóstolo João disse: "Deus é luz, e nele não há treva nenhuma" (1 Jo 1.5; cf. Tg 1.13). Deus não autorizou o pecado; nem o absolve ou aprova. Ele nunca poderia ser a causa ou agente do pecado. Ele apenas permite que agentes malignos ajam, e depois vence o mal para os Seus próprios sábios e santos fins. Certamente não é da vontade de Deus que as pessoas morram, portanto Ele enviou Cristo à terra para destruir a morte. Não é da Sua vontade que pessoas vão para o inferno, por isso Ele enviou Seu Filho para tomar a penalidade do pecado sobre Si para que os homens pudessem escapar dele. O apóstolo Pedro disse: "Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3.9). O fato do pecado existir na terra e causar tão terríveis conseqüências não é prova do desejo de Deus de ver o pecado abundar, mas da Sua paciência em dar mais oportunidades para que as pessoas se voltem para Ele para serem salvas. Assim, podemos determinar que os propósitos de Deus em permitir o mal são sempre bons[24].

Sempre existirá uma tensão entre a soberania de Deus e a vontade do homem, portanto não devemos tentar resolvê-la modificando o que Ele diz sobre qualquer das duas realidades. Deus é soberano, mas Ele nos dá poder de escolha. E é na Sua soberania que Ele nos ordena que oremos, "Seja feita a Tua vontade, assim na terra como no céu" (Mt 6.10).

Justa Rebelião

No primeiro capítulo, examinamos a parábola de Jesus sobre a Viúva e o Juiz Iníquo (Lc 18.1-11). Ela certamente não estava disposta a aceitar as circunstâncias de sua vida do modo como estavam, por isso perseverou em pedir ao juiz para que resolvesse o seu pro-

[24] Para um estudo mais detalhado desse tópico, vide meu livro *The Vanishing Conscience Dallas*; Word, 1994, 105-24.

blema. Precisamos ter essa mesma visão quando oramos para que a vontade de Deus seja feita na terra. O teólogo David Wells disse: "Aceitar a vida 'como ela é', aceitá-la nos seus próprios termos, significa reconhecer a inevitabilidade do modo como ela funciona; é abrir mão de uma visão cristã de Deus"[25].

Parte do entendimento correto acerca da vontade de Deus e da atitude com relação a ela é o que se pode chamar de um "senso de rebelião justa". Para sermos devotados à vontade de Deus precisamos nos opor à vontade de Satanás. Orar "Seja feita a Tua vontade assim na terra como no céu" é rebelar-nos contra a noção de que o pecado é normal e inevitável e portanto deve ser tolerado. Quando você está totalmente comprometido em ver a vontade de Deus se cumprindo na terra, você se rebelará contra o impiedoso sistema do mundo. Você renunciará a todas as coisas que desonram e rejeitam a Cristo. E você também confrontará a desobediência dos crentes. A impotência na oração nos leva, embora contra a vontade, a uma trégua na luta contra o mal. Quando você aceita o que lhe parece inevitável, você abandona a visão cristã de Deus e o Seu plano para a redenção do mundo.

Jesus sabia antecipadamente o que lhe aconteceria, mas Ele não aceitava cada situação como inevitável ou irresistível. Ele pregava e agia contra o pecado. Quando a casa do Seu Pai foi profanada, "tendo feito um azorrague de cordas, expulsou todos do templo, bem como as ovelhas e os bois, derramou pelo chão o dinheiro dos cambistas, virou as mesas e disse aos que vendiam as pombas: 'Tirai daqui estas coisas; não façais da casa de meu Pai casa de negócio'" (Jo 2.15-16; cf. Mt 21.12-13).

Orar para que a vontade de Deus seja feita na terra é rebelar-se contra a idéia, defendida até mesmo entre alguns evangélicos, de que cada coisa má e corrupta que fazemos ou que é feita contra nós de algum modo é a santa vontade de Deus e deve ser aceita e recebida das Suas mãos com ações de graças. Mas nada mau ou pecaminoso vem da mão de Deus, somente da mão de Satanás. Por isso, quando oramos por justiça oramos contra a maldade.

[25] David Wells. "Prayer, Rebelling against the Status Quo", *Christianity Today*. Nov.2, 1979, 33.

Entretanto, devo acrescentar uma palavra de advertência para que você não leve essa idéia de se rebelar contra o mal do nosso mundo longe demais. Embora devamos reagir negativamente contra o mal e implorar que Deus cumpra a Sua vontade aqui, não devemos tentar executar a vontade de Deus para Ele. Como observamos no capítulo 5, não é nossa responsabilidade, nem deve ser o nosso alvo, mudar a cultura tentando estabelecer o reino de Deus na terra. Nem devemos livrar a nossa cultura de suas práticas perniciosas usando a desobediência civil para nos rebelarmos contra elas. Tal rebelião é desobediência a Deus e à Sua Palavra (Rm 13.1-5; 1 Pe 2.13-17). Em vez disso, deixe que a sua rebelião se manifeste nas suas orações e nas atividades que são justas e permitidas por lei.

Orar para que a vontade de Deus seja feita é orar para que a vontade de Satanás seja desfeita. É clamar com Davi: "Levanta-se Deus; dispersam-se os Seus inimigos; de Sua presença fogem os que O aborrecem" (Sl 68.1). É suplicar juntamente com os santos debaixo do altar de Deus: "Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (Ap 6.10).

Eu gostaria que essa fosse a visão de todo crente. O que aconteceu com a nossa paixão por aquilo que é certo? Deus ama a fé heróica! Ele quer que nós 'ataquemos' o Seu trono orando com veemência!

A VONTADE DE DEUS É A NOSSA VONTADE?

Infelizmente, o problema quando buscamos a vontade de Deus geralmente é a nossa própria vontade. Por vivermos em uma cultura que se orgulha da facilidade e do conforto, nós também acabamos por desejar desfrutar de todos esses benefícios da vida na terra. Conseqüentemente, tendemos a encarar a oração como algo importante somente para fazer a diferença nas nossas circunstâncias, ao invés de orarmos pela diferença que ela pode fazer em nós e para a glória de Deus. Assim, quando Deus não responde imediatamente às nossas orações como gostaríamos, perdemos a paixão necessária para perseverar na intercessão.

Se você deseja ter essa paixão nas suas orações, você precisa entender que o verdadeiro benefício da oração não são as mudanças que Deus pode fazer nas suas circunstâncias, mas as mudanças que Ele fará em você e na sua percepção delas. Quando Ele o atrair a conformar-se com a Sua pessoa e vontade, suas circunstâncias, por mais problemáticas que possam parecer a princípio, não serão mais a sua prioridade. Isso acontecerá porque a sua atitude com relação a elas será diferente.

Quando as suas orações são baseadas na sua fé em Deus – quando você acredita que Ele ouvirá e responderá cada uma delas – você está orando com a atitude e a perspectiva corretas. O maior obstáculo à oração não é a falta de técnica, a falta de conhecimento bíblico, ou mesmo a falta de entusiasmo pela obra do Senhor, mas a falta de fé. Nós simplesmente não oramos com a expectativa de que nossas orações venham fazer diferença em nossas vidas, na igreja, ou no mundo.

As Particularidades da Vontade de Deus

Para ajudá-lo a compreender melhor essa questão tão importante, precisamos examinar três aspectos distintos da vontade de Deus como Ele a revela a nós em Sua Palavra.

A Vontade Abrangente de Deus

Refere-se à vontade de Deus como propósito; representa a Sua vontade ampla, abrangente e tolerante expressa no desenrolar do Seu plano soberano em todo o universo, inclusive no céu, no inferno, e na terra. Esse aspecto da vontade de Deus permite que o pecado siga o seu curso e que Satanás faça as coisas do modo dele por algum tempo. Mas no tempo determinado por Ele, o curso do pecado e o modo de Satanás terminarão exatamente de acordo com o plano e a presciência de Deus.

Isaías escreveu sobre a vontade definitiva de Deus, dizendo: "Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucede-

rá, e, como determinei, assim se efetuará. ...Este é o desígnio que se formou concernente a toda a terra; e esta é a mão que está estendida sobre todas as nações. Porque o Senhor dos Exércitos o determinou; quem pois o invalidará?" (Is 14.24, 26-27). O que quer que Deus se proponha a fazer acontecerá, e ninguém pode impedir o Seu plano.

"Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Embora Deus não deseje o mal, Ele toma as coisas que acontecem na história e nas nossas vidas e as transforma em bem. E, logicamente, o Seu maior plano é a salvação do Seu povo: "No qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade" (Ef 1.11). O grande propósito de Deus é um povo redimido, uma igreja unificada, e um corpo de santos por toda a eternidade.

Como devemos proceder para orarmos de acordo com a vontade abrangente de Deus? Unindo-nos alegremente em afirmar e aguardar o cumprimento de Seus planos divinos. Embora saibamos que um dia Cristo arrebatará a Sua igreja para fora deste mundo, para estar com Ele assim como Deus planejou, devemos orar em antecipação àquele grande momento e para que Deus acelere a sua vinda.

A Vontade Compassiva de Deus

Este aspecto da vontade de Deus se refere ao desejo do Seu coração, que está dentro do âmbito da Sua vontade abrangente e inteiramente coerente com ela, embora seja mais específico e concentrado. Diferentemente da vontade abrangente de Deus, porém, os Seus desejos nem sempre são cumpridos. Na verdade, a nossa era presente atesta que os desejos de Satanás são realizados com mais freqüência do que os de Deus.

Jesus desejou a salvação de Jerusalém, e Ele orou, pregou, curou e ministrou com este fim: "Jerusalém, Jerusalém... Quantas vezes eu quis reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Lc 13.34). Mas qual foi a resposta dada a Jesus? Poucos creram nele; a maioria O rejeitou; e alguns até O crucificaram. O fato de Jesus ter dito:

"Contudo, não quereis vir a Mim para terdes vida" (Jo 5.40), é um triste comentário sobre a escolha pela incredulidade e a rejeição à Sua oferta de vida abundante.

Deus, nosso Salvador, "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade" (1 Tm 2.4). Ele não deseja "que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3.9). Infelizmente, esse desejo não é cumprido na vida da maioria das pessoas. Em vez disso, elas rejeitam a Cristo, e o máximo que o Senhor fará por eles é chorar (Jr 13.17).

A Vontade Imperativa de Deus

Este aspecto da Sua vontade está diretamente relacionado aos Seus filhos, pois somente eles têm a capacidade de obedecer. O desejo ardente de Deus é que nós, que somos Seus filhos, lhe obedeçamos inteiramente e imediatamente com corações dispostos. Paulo escreveu acerca da nossa obediência:

> Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça (Rm 6.16-18).

Se somos servos de Deus, é natural que obedeçamos à Sua vontade imperativa. Como disse Pedro: "Importa obedecer a Deus e não aos homens".

Quando você ora, "Seja feita a Tua vontade", você está orando por três coisas: a consumação do mundo e o uso das conseqüências do pecado para o plano eterno de Deus; a salvação das pessoas que não conhecem a Deus; e a obediência de todo crente às ordens de Deus.

Quando estudamos a frase "Venha o Teu Reino", aprendemos que o Reino vem à terra de três formas: através da conversão dos

incrédulos; pelo compromisso dos crentes em viver de acordo com a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo; e na segunda vinda de Cristo, quando Ele estabelecer o Seu governo terreno. Vejo um paralelo entre esses três elementos e os três aspectos da vontade de Deus que acabamos de examinar. A vontade abrangente de Deus envolve o fim definitivo do domínio do homem na terra e a volta de Cristo para estabelecer um reino eterno. A Sua vontade compassiva abrange a conversão dos incrédulos. E a Sua vontade imperativa requer o comprometimento do Seu povo.

Conformando-nos à Sua Vontade

O nosso orgulho próprio é o maior obstáculo a ser vencido antes que possamos orar para que a vontade de Deus seja feita em nossas vidas. O orgulho fez com que Satanás se rebelasse contra Deus, e o orgulho faz com que os incrédulos rejeitem o Senhor e os crentes O desobedeçam. Para aceitar e orar pela vontade de Deus com sinceridade e fé, você precisa abandonar a sua própria vontade por amor à vontade de Deus. O apóstolo Paulo nos diz como fazer isso: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.1-2). Até que você tenha rendido sua vida no altar de Deus como sacrifício vivo – até que a sua vontade esteja morta – a vontade de Deus não será manifesta na sua vida.

Quando oramos com fé e em conformidade com a vontade de Deus, recebemos através da oração a graça santificadora que transforma nossas vidas radicalmente. Podemos concluir, então, que a oração é um meio para a santificação progressiva. John Hannah, professor de teologia histórica no Seminário Teológico de Dallas, disse: "O objetivo da oração está muito mais relacionado a uma profunda vida de dependência, do que a respostas tangíveis.... O chamado à oração é primeiramente um chamado ao amor, à submissão e à obediência... é

o caminho para a comunhão doce, íntima e intensa da alma com seu infinito Criador"[26]. Isso é o que significa estar a sós com Deus. Você descobrirá poder e paixão em fazer isso quando for completamente dependente de Deus e viver em obediência à Sua vontade.

Durante uma visita ao Paquistão, o autor Philip Keller leu Jeremias 18.2, que diz: "Dispõe-te e desce à casa do oleiro, e lá ouvirás as minhas palavras". Então, ele e um missionário foram à casa de um oleiro naquele país. Em seu livro, *A Layman Looks at the Lord's Prayer* [Um Leigo Analisa a Oração do Senhor][27] ele escreve:

> Com sinceridade e franqueza pedi ao velho mestre artesão que me mostrasse cada passo da criação de uma obra prima... Em suas prateleiras luziam taças, lindos vasos, e extravagantes vasilhas de uma beleza de tirar o fôlego.
>
> Então, balançando seu dedo ossudo em minha direção, ele nos levou a um galpão fechado nos fundos de sua loja. Quando abriu a pequena porta, um odor repugnante e opressivo de matéria em decomposição me envolveu. Por um instante recuei da borda do poço escuro no chão do galpão. "É aqui que o trabalho começa!" disse ele, ajoelhando-se ao lado do buraco negro e nauseante. Estendeu seu braço longo e fino para a escuridão, e seus dedos hábeis tatearam em meio à argila granulosa, procurando por um fragmento de material que fosse perfeitamente adequado à tarefa desejada.
>
> "Acrescento tipos especiais de ervas à lama", observou. "À medida que elas apodrecem e se decompõem, seu conteúdo orgânico aumenta a qualidade de aderência da argila. Assim, a argila proporciona uma liga melhor". Finalmente suas mãos experientes retiraram uma bola de lama escura do horrível poço onde a argila tinha sido trabalhada e misturada por horas por seus pés duros e ossudos.

---

[26] John Hannah. *Prayer and the Sovereignty of God*, Bibliotheca Sacra, Out – Dez 1979: 353.

[27] Philip Keller. *A Layman Looks at the Lord's Prayer*, Chicago: Moody, 1976, 1985, 92-97.

Com um tremendo impacto, os primeiros versículos do Salmo 40 vieram ao meu coração. De uma forma nova e iluminadora, vi o que o salmista queria dizer quando escreveu, há muito tempo atrás: "Esperei confiantemente pelo Senhor; Ele se inclinou para mim e me ouviu quando clamei por socorro. Tirou-me de um poço de perdição, de um tremedal de lama". Tão cuidadosamente quanto o oleiro selecionava a sua argila, assim Deus com cuidado especial me escolheu...

A grande lâmina de granito, esculpida a partir da rocha bruta das altas montanhas Hindu Kush atrás de sua casa, girava silenciosamente. Ela funcionava por meio de um dispositivo bastante primitivo, movido por um pedal, muito semelhante às nossas antigas máquinas de costura.

Conforme a pedra ia ganhando velocidade, foi-me trazido à memória Jeremias 18.3. "Desci à casa do oleiro, e eis que ele estava entregue à sua obra sobre as rodas".

Mas o que mais chamou minha atenção naquele momento foi o fato de que além do banco do oleiro, de cada lado dele ficavam duas bacias de água. Ele não tocava na argila, que agora girava rapidamente no centro da roda, uma só vez, sem primeiro mergulhar suas mãos na água. Quando começava a colocar seus dedos delicados e suas palmas suaves no monte de lama, fazia-o sempre por meio da umidade de suas mãos. E era fascinante ver o modo como, rapidamente, mas com precisão, a argila respondia à pressão que lhe era aplicada através dessas mãos umedecidas. Silenciosamente, suavemente, uma graciosa taça começou a tomar forma entre aquelas mãos. A água era o meio pelo qual a vontade e os desejos do mestre artesão estavam sendo transmitidos à argila. A sua vontade verdadeiramente estava sendo feita na terra.

Para mim, essa foi a mais comovente demonstração da verdade simples, porém misteriosa, de que a vontade e os desejos de meu Pai são expressos e transmitidos a mim através da água da Sua Palavra...

De repente, enquanto eu observava, para meu total espanto, vi a pedra parar. Por quê? Olhei mais de perto. O oleiro removeu uma pequena partícula de saibro da taça... Então, tão repentinamente quanto da primeira vez, a pedra parou novamente. Ele retirou outro objeto duro...

De repente ele parou a pedra novamente. Apontou desconsoladamente para uma ranhura profunda e áspera que cortava e desfigurava a lateral da taça. Ela estava arruinada a ponto de não ter conserto! Consternado, ele a esmagou entre suas mãos...

"Como o vaso que o oleiro fazia de barro se lhe estragou na mão..." (Jr 18.4). Raramente uma lição chegou a mim com tamanha clareza e força. Por que aquela rara e bela obra-prima se estragou nas mãos do mestre? Porque ela havia encontrado resistência. Foi como se um estrondo de verdade irrompesse dentro de mim!

Por que a vontade de meu Pai – a Sua intenção de produzir pessoas verdadeiramente belas – é sempre reduzida a nada? Por que, apesar dos Seus esforços e infinita paciência para com os homens, eles acabam se transformando em um desastre? Simplesmente porque eles resistem à Sua vontade...

A pergunta sensata, investigativa e seca que eu devia fazer a mim mesmo nas imediações humildes daquele simples galpão de oleiro era esta: Vou ser uma peça de louça fina ou apenas uma vasilha para se molhar os dedos à mesa? Minha vida será uma magnífica taça destinada a conter o vinho puríssimo da própria vida de Deus do qual os outros possam beber e encontrar refrigério? Ou serei apenas uma vasilha primitiva onde os passantes molharão seus dedos rapidamente e depois seguirão em frente sem se lembrar dela? Aquele foi um dos momentos mais solenes de todas as minhas experiências espirituais.

"Pai, Seja feita a Tua vontade assim na terra (na argila, em mim) como no céu"[28].

[28] (Usado com permissão).

Capítulo 7

"O Pão Nosso de Cada Dia dá-nos Hoje"

Toda criança enfrenta uma vida de dependência desde o momento em que é concebida. Bem no início de sua nova vida, ela precisa de sua mãe para obter nutrição no útero. Quando nasce, passa a ser dependente de seus pais para ter alimentação, roupas e abrigo. Ela não pode obter nenhum desses recursos por si só. Diferentemente de outras criaturas terrenas, ela não pode nem mesmo ir em busca do que precisa, pelo contrário, o que precisa é que vai até ela.

Uma criança também é incapaz de cuidar de si mesma em termos de limpeza. Ela é dependente de sua mãe e de seu pai para lhe dar banho, cortar suas unhas, pentear seu cabelo, e torná-la apresentável de todas as maneiras necessárias. Após adquirir mais mobilidade, a criança é incapaz de determinar o que é seguro ou perigoso. Sem a orientação de seus pais, ela poderia cair de escadas, se queimar, comer algo venenoso – coisas que poderiam lhe fazer mal ou até matá-la. Ninguém ousaria questionar a necessidade de se dar atenção integral às crianças.

De forma muito semelhante, os cristãos são como crianças quando se trata da total dependência de Deus. Assim como crianças, somos definitivamente dependentes de Deus para obtermos comida, vestuário e abrigo. Assim como as crianças se sujam ao longo do dia, vivemos em um mundo de pecado que polui a nossa caminhada com Cristo. Embora o nosso Senhor tenha pago o preço por nossos pecados passados, presente e futuros, ainda assim, pecamos todos os dias. Precisamos ir a Deus e confessar os nossos pecados para que Ele nos limpe e restaure nossa comunhão com Ele. E assim como as crianças precisam desesperadamente da proteção de seus pais contra as coisas perigosas, somos dependentes de Deus para nos guardar das circunstâncias de nossas vidas que possam nos ferir durante a nossa caminhada espiritual.

ORANDO PELAS NOSSAS NECESSIDADES

Pelos motivos anteriores, o segundo grupo de três petições que o Senhor nos dá em Sua oração modelo não deve nos surpreender. Depois de concentrar nossa atenção em nosso Pai Celestial, Jesus agora nos mostra como orar por nossas próprias necessidades especiais neste mundo: "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje. E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal" (Mt 6.11-13). Embora esta segunda seção da oração lide com as necessidades do homem, ela não coloca Deus de lado – Ele também é exaltado nesse trecho. O fato de Deus ser Aquele que nos dá o nosso pão diário, perdoa as nossas dívidas, e nos livra da tentação, é uma expressão do Seu poder e graça. Assim, Ele glorifica a Si mesmo atendendo a essas necessidades em nossa vida.

Dessas três petições, o Senhor de uma forma surpreendente nos diz para orarmos primeiramente por nossas necessidades físicas, e não por nossas necessidades espirituais. Martyn Lloyd-Jones capturou a essência desses pedidos:

> Claramente, a primeira coisa necessária é que devemos ser capacitados a continuar com nossa existência neste mundo. Estamos vivos e devemos nos manter vivos. É a minha própria existência que está em jogo, portanto a primeira petição trata das necessidades da nossa estrutura física, e o nosso Senhor começa com isso. Depois Ele vai em frente para tratar da necessidade de nos limpar da corrupção e culpa do pecado; e, por último, com a necessidade de sermos mantidos livres do pecado e do seu poder. Esta é a verdadeira forma de olharmos para a vida de um homem: estou vivo e devo manter-me vivo. Mas depois, estou consciente da culpa e da indignidade, e sinto a necessidade de ser limpo disso. Então, penso no futuro e percebo que preciso ser liberto de certas coisas que enfrentarei lá... A soma de tudo é que definitivamente não há nada em todo o âmbito das Escrituras que demonstre tão completamente a nossa total dependência de Deus quanto esta oração, e principalmente estas três petições. A única coisa que realmente importa para nós é que conheçamos Deus como nosso Pai. Se simplesmente conhecêssemos Deus assim, nossos problemas já estariam resolvidos e perceberíamos a nossa total dependência dele, e iríamos até Ele diariamente como crianças vão ao seu Pai[29].

Após examinarmos essas três petições, espero que você seja instruído e motivado a ir até o Senhor diariamente e buscar a provisão dEle para as suas necessidades.

O PÃO E AS NOSSAS NECESSIDADES FÍSICAS

Orar para que Deus lhes dê o seu pão de cada dia pode, a princípio, parecer irrelevante para muitos crentes que não precisam especular sobre de onde virá a sua próxima refeição. Por que deveriam pedir a Deus aquilo que eles já têm, e com abundância? Aquilo

[29] Martyn Lloyd-Jones. *Studies in the Sermon on the Mount, 2 vols.* Grand Rapids: Eerdmans, 1979, 2:68-69.

que seria um pedido totalmente compreensível se feito por cristãos de muitos países africanos ou asiáticos, parece irrelevante para um americano ou brasileiro bem alimentado. Então, qual é a aplicação desse pedido para os crentes que têm abundância? Cinco elementos principais presentes na petição nos darão a resposta.

A Necessidade da Vida

A palavra grega traduzida como *pão* não representa apenas comida, mas também simboliza todas as nossas necessidades físicas. O teólogo John Stott observou que para Martinho Lutero, "tudo o que é necessário para a preservação desta vida é pão, inclusive comida, um corpo saudável, um bom clima, uma casa, um lar, uma esposa, filhos, um bom governo, e paz"[30]. Observe, porém, que o nosso Senhor se refere a necessidades, e não a luxos. Se Deus decidir abençoar alguns de nós com luxos, será unicamente por Sua bondosa graça.

Assusta-me saber que o Deus que criou todo o universo, que é o Deus do espaço, do tempo e da eternidade, que é infinitamente santo e completamente auto-suficiente, preocupa-se em suprir minhas necessidades físicas. Assim como os amorosos pais humanos querem prover as necessidades de seus filhos, do mesmo modo Deus está preocupado em garantir que recebamos comida suficiente para nos alimentar, roupas para vestir, e um lugar para descansar.

Essa petição, porém, é mais do que um simples pedido por necessidades físicas. Acima de tudo é um reconhecimento e uma afirmação de que cada coisa boa que temos vem da mão de Deus por sua graça (Tg 1.17). Por esse motivo, esse pedido é apropriado tanto para aqueles que são necessitados quanto para os que têm abundância. Embora nem sempre possamos estar no limite da fome, sempre podemos ser gratos por tudo o que Deus provê, e evitar sermos presunçosos.

[30] John Stott. *Christian Counter-Culture: The Message of the Sermon on the Mount*. Downers Grove, Il.: InterVarsity Press, 1978, 149.

A Fonte da Nossa Provisão

Quando todas as nossas necessidades são atendidas e tudo vai bem nas nossas vidas, tendemos a receber o crédito pelo que temos, a sentir que levamos a nossa própria carga. Trabalhamos duro para ganhar o dinheiro de que precisamos para comprar comida e roupas, pagar nosso aluguel ou a prestação da casa própria. Mas até o indivíduo que trabalha incansavelmente deve tudo o que possui à provisão de Deus. Moisés trouxe à memória do povo de Israel que Deus "é que te dá força para adquirires riquezas" (Dt 8.18).

Nossa vida, nossa respiração, nossas possessões, nossos talentos e oportunidades, tudo se origina dos recursos que Deus criou e colocou à disposição do homem. Tudo que temos veio de Deus, é Ele quem traz a chuva para fazer com que as coisas cresçam, faz com que as estações mudem, produz os minerais que tornam o solo fértil, fornece os recursos naturais que usamos para nos impulsionar, e fornece os animais e as plantas dos quais fazemos nossa roupa e comida. O nosso pão de cada dia – todas as necessidades da vida física – vêm de Deus.

Deus cuidou da provisão do homem antes mesmo de tê-lo criado. Depois de ter criado e abençoado Adão e Eva, Ele disse: "Eis que vos tenho dado todas as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente; isso vos será para mantimento" (Gn 1.29). Desde aquela época até os dias de hoje Ele continua a prover abundância de alimentos para a humanidade, em variedades quase que ilimitadas.

O apóstolo Paulo nos diz que "o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé... e exigem abstinência de alimentos que Deus criou para serem recebidos com ações de graças, pelos fiéis e por quantos conhecem plenamente a verdade; pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ações de graças, nada é recusável, porque, pela palavra de Deus e pela oração é santificado" (1 Tm 4.1, 3-5). A Palavra de Deus santifica (separa para Deus) toda comida, e nós a santificamos quando recebemos com ações de graças.

Você tem essa atitude? Você é realmente grato a Deus por sua comida quando curva sua cabeça e faz uma oração antes da refeição? Para muitos de nós, infelizmente, a oração que oferecemos a Deus antes de nos alimentarmos é geralmente rápida e indiferente – estamos apenas nos certificando de cumprir o nosso dever. Essa atitude revela o pecado da indiferença e da ingratidão com relação às dádivas de Deus. Thomas Watson, um grande puritano com o coração voltado para Deus, escreveu:

> Se tudo é uma dádiva, veja a terrível ingratidão dos homens que pecam contra o seu doador! Deus os alimenta, e eles lutam contra Ele; Ele lhes dá pão, e eles lhe dão afrontas. Quão indigno é tudo isso! Não deveríamos gritar "Que vergonha!" diante daquele cujo amigo sempre o proveu de dinheiro, e ainda assim ele o traiu e ofendeu? É desta forma ingrata que os pecadores tratam Deus; eles não apenas se esquecem das Suas misericórdias, como também as insultam. "Depois de Eu os ter fartado, adulteraram" (Jr 5.7). Ah, quão terrível é pecar contra um Deus magnânimo! Quão terrível é atacar as mãos que nos trazem alívio![31]

Compreender o espírito da petição "O pão nosso de cada dia dá-nos hoje" significa nunca abusar da graça das provisões de Deus e agradecer-lhe por Sua bondade diária ao atender às nossas necessidades físicas. Perceber que somente Deus é a fonte dessas provisões é o que dá a Ele a glória.

A Essência da Petição

A essência desta petição está expressa na palavra "dar", porque ela reconhece a necessidade do suplicante. Ainda que Deus possa já ter suprido a necessidade, nós a pedimos a Ele em reconhecimento por Sua provisão passada e presente, assim como em confiança por sua provisão futura.

[31] Thomas Watson. *The Lord's Prayer*, London: Banner of Truth Trust, 1972, 197.

As instruções de Jesus e as nossas petições nesta oração modelo são válidas somente porque Deus prometeu suprir o Seu povo. Não poderíamos esperar que Deus desse aquilo que Ele não prometeu – isso seria uma presunção de nossa parte. Mas podemos orar com confiança porque Deus prometeu suprir-nos com abundância.

No Salmo 37, Davi nos aconselha a confiar na promessa de Deus de suprir as nossas necessidades.

> Confia no Senhor e faze o bem; habita na terra e alimenta-te da verdade. Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará os desejos do teu coração. ... Mais um pouco de tempo, e já não existirá o ímpio... Mas os mansos herdarão a terra e se deleitarão na abundância de paz... Fui moço, e já agora sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão (vv.3-4, 10-11, 25).

Uma passagem que se refere tanto ao aspecto espiritual quanto físico de nossa vida é 2 Coríntios 9. O contexto dessa passagem se refere à generosidade dos crentes com relação às necessidades dos santos: devemos dar, "não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria" (v.7). Quando revelamos o nosso próprio desejo de suprir as necessidades de outros (v.6), Deus "que dá semente ao que semeia e pão para alimento, também suprirá e aumentará a vossa sementeira e multiplicará os frutos da vossa justiça" (v.10). Quando você investe no Reino de Deus, Ele supre em sua vida não somente os frutos espirituais, mas também pão para alimento.

O Injusto Não Precisa se Candidatar

A provisão física de Deus é uma promessa bíblica, mas somente para aqueles que lhe pertencem (o "dá-*nos*" de Mateus 6.11 deixa isso bem claro). Observe que Davi está falando a crentes no Salmo 37: Eles "confiam no Senhor" (v.3), "se agradam... do Senhor" (v.4), "entregam o seu caminho ao Senhor" (v.5), e "descansam no Senhor e esperam nele" (v.7). Para o justo há promessa, enquanto

para o injusto há julgamento: "O Senhor conhece os dias dos íntegros; a herança deles permanecerá para sempre. Não serão envergonhados nos dias do mal e nos dias da fome se fartarão. Os ímpios, no entanto, perecerão, e os inimigos do Senhor serão como o viço das pastagens; serão aniquilados e se desfarão como fumaça" (vv.18-20).

Jesus disse: "Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado casa, ou mulher, ou irmãos, ou pais, ou filhos, por causa do Reino de Deus, que não receba, no presente, muitas vezes mais, e, no mundo por vir, a vida eterna" (Lc 18.29-30). Deus se compromete irrevogavelmente em suprir as necessidades essenciais dos que são Seus.

Uma Visão Pequena da Vida

A maior causa da fome no mundo e das enfermidades a ela relacionadas não é uma agricultura deficiente ou um programa político-econômico equivocado. O problema crucial também não é a falta de recursos científicos e tecnológicos, nem a superpopulação. Tais problemas apenas agravam o problema básico, que é de ordem espiritual.

As regiões do mundo que não possuem raízes ou heranças cristãs invariavelmente dão pouco valor à vida humana. O alto índice de pobreza e inanição na Índia, por exemplo, pode ser atribuído ao Hinduísmo, a religião pagã que gerou uma série de outras religiões, inclusive o Xintoísmo e o Budismo. Esses sistemas religiosos, e outros semelhantes, aprisionam espiritualmente a maior parte do mundo oriental, e sua influência vem se espalhando gradualmente para o Ocidente.

Devido à crença do Hinduísmo na reencarnação, todos os animais são considerados como encarnações de homens ou de divindades. As vacas são consideradas especialmente sagradas porque são supostamente divindades encarnadas, dentre as 330 milhões de divindades que fazem parte do Hinduísmo. Essas vacas agravam a carência de alimento porque consomem 20% de toda a provisão alimentar da Índia. Até ratos e camundongos, que comem 15 % dessa provisão, deixam de ser mortos porque poderiam ser os parentes reencarnados de alguém.

Assim como o paganismo é a maior praga da Índia, da África e de muitas outras partes do mundo, o Cristianismo tem sido a bênção do Ocidente. A Europa e os Estados Unidos, embora nunca tenham sido totalmente cristãos em um sentido bíblico, foram extremamente abençoados por causa da influência cristã em sua filosofia e programas políticos, sociais e econômicos. Entretanto, uma visão degradada da vida humana, conforme evidencia a crescente aprovação legal e social do aborto, do infanticídio e da eutanásia, e agora tão amplamente difundida por uma visão deficiente da família, enfraqueceu gravemente essa influência.

Uma Visão Elevada sobre Deus

Sem uma visão adequada sobre Deus, não pode haver uma visão adequada sobre o homem. Aqueles que possuem uma perspectiva correta de Deus também mantêm um relacionamento correto com Ele através de Jesus Cristo, que prometeu nos abençoar com as provisões do nosso Pai Celestial. Ele diz:

> Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?... Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas (Mt 6.25, 32-33).

Você deve se concentrar nas questões espirituais, e Deus cuidará das suas necessidades físicas.

Às vezes Deus supre Seus filhos através de meios miraculosos, mas a Sua principal forma de nos suprir é através do trabalho (2 Ts 3.10-12). E Ele nos deu a energia, os recursos, e a oportunidade de fazê-lo. Para aqueles que por qualquer razão legítima são incapazes de trabalhar, Ele providencia o cuidado através daqueles que podem trabalhar. Quer Ele o faça direta ou indiretamente, Deus sempre é a

fonte do nosso bem-estar físico. Ele faz com que a terra produza o que precisamos, e Ele mesmo nos dá a capacidade de obtermos essas coisas.

Um Dia de Cada Vez

É no "dia de hoje" que pedimos a Deus para suprir nossas necessidades. Devemos depender do Senhor um dia de cada vez. Aceitar a provisão do Senhor para o dia de hoje, sem preocupação com as nossas necessidades ou bem-estar amanhã, é um testemunho do nosso contentamento com a Sua bondade e fidelidade.

A oração vê Deus como Aquele que supre. Ela reconhece que Ele é a Fonte de todas as nossas necessidades físicas, ensinando-nos a viver um dia de cada vez na confiança de que Ele atenderá a todas essas necessidades.

Capítulo 8

"Perdoa-nos as nossas dívidas"

Em um cemitério nos arredores da cidade de Nova Iorque, há uma grande lápide com uma inscrição incomum. O nome da pessoa que está no túmulo não está na lápide. Não há menção a quando a pessoa nasceu ou morreu, ou qualquer coisa que indique se a pessoa era uma mãe, um pai, um marido, uma esposa, um irmão, uma irmã, um filho ou uma filha amorosa. Apenas uma palavra marca a lápide: *Perdoado.* O fato mais significativo da vida deste indivíduo era inquestionavelmente a paz que ele ou ela conheceu como resultado do perdão de Deus.

Henry Ward Beecher, um popular pregador americano do século XIX, disse:

> Se eu serrar um galho de uma das árvores que agora floresce em meu jardim, por todo o verão haverá uma cicatriz feia no local onde o talho foi feito; mas quando chegar o próximo outono, ele estará perfeitamente coberto pelo crescimento; e por volta do outono seguinte ele estará escondido a ponto de ser impossível de se ver; e dentro de

> quatro ou cinco anos não haverá mais que uma leve cicatriz para indicar o local; e dentro de dez ou vinte anos, você jamais suspeitará que houve qualquer amputação. As árvores sabem como se recuperar de suas feridas e escondê-las, e o amor não espera tanto tempo quanto as árvores[32].

O apóstolo Pedro disse que o amor cobre multidão de pecados (1 Pe 4.8); e uma das formas mais importantes usadas pelo amor para fazer isso é o caminho do perdão.

A ação mais essencial, mais abençoada, e mais difícil realizada por Deus foi dar ao homem o perdão dos pecados. Ela foi extremamente essencial porque nos salvou do inferno e nos deu alegria nesta vida. Foi extremamente abençoada porque nos introduziu em uma eterna comunhão com Deus. E foi tão difícil porque o Filho de Deus precisou abrir mão de Sua vida para que nós pudéssemos viver.

Em seu livro *Confess Your Sins* [Confesse Seus Pecados], John R.W. Stott cita o diretor de um grande sanatório britânico: "Eu poderia dar alta à metade dos meus pacientes amanhã se eles pudessem ter a certeza de que foram perdoados"[33]. A libertação da culpa através do verdadeiro perdão é a necessidade espiritual mais profunda do homem. Sem isso, ele não pode entrar em um relacionamento com Deus que produza paz e esperança. Ele é Santo e é "tão puro de olhos que não pode ver o mal, e a opressão não pode contemplar" (Hc 1.13). "Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos", diz Isaías 6:3. O Deus santo não pode manter um relacionamento com homens ímpios a não ser que haja o perdão dos pecados.

É por isso que o nosso Senhor faz deste o próximo tópico de Seu padrão de oração: "Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" (Mt 6.12). Os versículos 14 e 15 servem como uma espécie de "nota de rodapé": "Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas] tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas".

---

[32] Henry Ward Beecher, citado em *Encyclopedia of 2585 Illustrations*. Grand Rapids: Zondervan, n.d., 260.

[33] John R.W. Stott. *Confess Your Sins*. Waco, Texas: Word, 1974, 73.

O PECADO É O PROBLEMA

O perdão dos pecados é a maior necessidade do coração humano, porque o pecado tem efeito duplo: ele promete condenar os homens para sempre enquanto, ao mesmo tempo, lhes rouba a plenitude da vida colocando sobre suas consciências o fardo impiedoso da culpa. Finalmente, o pecado separa o homem de Deus, sendo assim inquestionavelmente o principal inimigo e o maior problema do homem.

O apóstolo Paulo capturou o impacto do pecado quando citou diversas passagens do Antigo Testamento em sua carta aos cristãos em Roma: "Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3.10-12; cf. Sl 14.1-3; 53.1-4). Ele então conclui: "Todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23).

A Obra do Pecado

O pecado é o monarca que governa o coração de todo homem. Ele é o primeiro senhor da alma, e seu vírus contaminou todo ser vivo. O pecado é o poder degenerativo do curso humano que torna o homem suscetível à doença, à enfermidade, à morte, e ao inferno. Ele é o réu responsável por todo casamento fracassado, por todo lar desfeito, por toda amizade estremecida, por toda discussão, por toda dor, por toda tristeza, e por toda morte. Não é de espantar que as Escrituras o comparem ao veneno de uma cobra e ao mau cheiro da morte (Rm 3.13).

O pecado é a doença moral e espiritual para a qual o homem não tem cura. "Pode, acaso, o etíope mudar a sua pele, ou o leopardo, as suas manchas? Então, poderíeis fazer o bem, estando acostumados a fazer o mal" (Jr 13.23).

- *O pecado domina a mente.* Romanos 1.21 diz que os homens têm uma mente reprovável entregue ao mal e à lascívia.

- *O pecado domina a vontade.* De acordo com Jeremias 44.15-17, os homens desejam fazer o mal porque a sua vontade é controlada pelo pecado.
- *O pecado domina as emoções e os sentimentos.* O homem natural não quer que o seu pecado seja curado porque ele ama as trevas mais do que a luz (Jo 3.19).
- *O pecado coloca os homens sob o controle de Satanás.* Efésios 2:2 ensina que os homens são guiados pelo "príncipe da potestade do ar, o espírito que agora atua nos filhos da desobediência".
- *O pecado coloca as pessoas debaixo da ira divina.* De acordo com Efésios 2.3, as pessoas não salvas são "filhos da ira".
- *O pecado sujeita os homens ao sofrimento.* Jó disse: "O homem nasce para o enfado, como as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 5.7). "Para o perversos, todavia, não há paz, diz o Senhor" (Is 48.22).

As Formas de Pecado

Os escritores do Novo Testamento faziam uso de cinco palavras gregas para fazer referência a algum aspecto do pecado.

Hamartia é a mais comum, e traz em sua raiz a idéia de perder o alvo. O pecado nos faz perder o alvo do padrão de justiça de Deus.

Paraptõma, geralmente traduzida como "ultrapassar", é o pecado de escorregar ou cair, e é mais resultado do descuido do que da desobediência intencional.

Parabasis se refere a pisar além da linha, ir além dos limites prescritos por Deus. Geralmente é traduzida por "transgressão". Este pecado é mais consciente e intencional.

Anomia significa "ausência de lei", e é um pecado ainda mais flagrante e intencional. Ele descreve a rebelião direta e aberta contra Deus e a Sua vontade.

Opheilēma é a palavra usada em Mateus 6.12. A forma verbal é usada mais freqüentemente para se referir a dívidas morais ou espirituais. O pecado é uma dívida moral ou espiritual para com Deus que deve ser paga. Em seu relato da oração do Pai-nosso, Lucas utiliza *hamartia* ("pecados"; Lc 11.4), indicando claramente que a referência é ao pecado, e não à dívida financeira. Mateus provavelmente utilizou *opheilēma*, porque correspondia ao termo aramaico mais comum utilizado pelos judeus daqueles dias para traduzir a palavra pecado, um termo que também representava dívida moral ou espiritual para com Deus.

Aqueles que confiam em Cristo receberam o perdão de Deus pelos pecados e foram salvos do inferno eterno. Uma vez que esta oração é um modelo para os crentes usarem, as dívidas mencionadas aqui são aquelas contraídas pelos cristãos quando pecam. Infinitamente mais importante do que a nossa necessidade do pão de cada dia é a nossa necessidade do contínuo perdão pelo pecado. Arthur Pink escreve:

> Por ser contrário à santidade de Deus, o pecado é uma contaminação, uma desonra, e um vitupério para nós, e é também uma violação à Sua lei. Por ser um crime, a culpa que contraímos por meio dele é considerada uma dívida. Como criaturas, temos uma dívida de obediência para com o nosso criador e governador, e por causa do nosso fracasso em cometê-la levados por nossa abominável desobediência, contraímos uma dívida de punição; e é por isso que imploramos o perdão divino[34].

Como resultado de nosso inexorável pecado, temos uma dívida enorme para com Deus que nem poderíamos começar a pagar, muito semelhante à dívida do servo infiel (Mt 18). Qualquer pessoa que deseje vir a Deus deve fazê-lo reconhecendo a gravidade do seu pecado, e a magnitude da sua dívida.

---

[34] Arthur W. Pink. *An Exposition of the Sermon on the Mount*. Grand Rapids: Baker, 1974 reimpressão, 163-64.

O PERDÃO É A SOLUÇÃO

Se o problema mais grave do homem é o pecado, então a sua maior necessidade é o perdão – e é exatamente isso que Deus oferece. Embora tenhamos sido perdoados da penalidade definitiva do pecado através da salvação em Cristo, precisamos experimentar o perdão regular de Deus pelos pecados que continuamos a cometer. A importância dessa distinção se tornará mais clara ao observarmos os dois tipos de perdão que podemos classificar como perdão judicial e perdão paternal.

O Perdão Judicial

Os crentes recebem o perdão judicial de Deus no momento em que confiam em Cristo como seu Salvador. Esse perdão é abrangente na realidade da justificação, pela qual Deus nos declara justos em Seu Filho. Como conseqüência, não estamos mais debaixo de julgamento ou condenados à morte, nem somos mais destinados ao inferno. Paulo disse: "Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus" (Rm 8.1). O eterno Juiz nos declarou perdoados, justificados e justos. Ninguém, seja humano ou satânico, pode nos condenar ou colocar qualquer acusação permanente sobre nós (vv.33-34).

O alcance desse perdão é literalmente incalculável. Deus diz: "Dos seus pecados jamais me lembrarei" (Jr 31.34). Davi escreveu: "Quanto dista o Oriente do Ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões" (Sl 103.12). E Isaías diz a razão para isso: "O Senhor fez cair sobre Ele [Cristo] a iniqüidade de nós todos" (Is 53.6; cf. 1 Pe 2.24).

Deus não poderia ignorar nossos pecados, a não ser que Ele colocasse a punição sobre os ombros de outra pessoa, e foi por isso que Cristo morreu. Deus perdoou (essencialmente eliminou) os nossos pecados com base naquele único sacrifício de Cristo na cruz. Foi ali que Ele suportou a nossa punição, levou a nossa culpa, e pagou

a pena pelo nosso pecado. No momento em que você coloca a sua fé em Cristo, o seu pecado é colocado sobre Ele e a justiça dele é colocada sobre você, e Deus o declara judicialmente justificado (Rm 3.24-26; 2 Co 5.21). Por esse ato de perdão judicial, todos os nossos pecados – passados, presentes e futuros – são completamente perdoados[35].

O Perdão Paternal

Infelizmente, ainda caímos em pecados de comportamento porque ainda não fomos aperfeiçoados. Em Filipenses 3, Paulo revelou essa distinção quando escreveu que pela fé em Cristo ele havia recebido a justiça de Deus fora da Lei; no entanto, ele acrescentou que ainda não havia atingido um padrão perfeito de santidade na prática (vv.7-14). Por isso, pedimos perdão constantemente – o tipo de perdão oferecido graciosamente por nosso Pai Celestial. O apóstolo João nos adverte: "Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.8-9).

Assim, mesmo quando o pecado é perdoado judicialmente, ele ainda é uma realidade em nossa vida cristã. A queda na freqüência do pecado, juntamente com o aumento da sensibilidade ao mesmo, é o que deve caracterizar a caminhada de todo cristão. E embora os nossos pecados atuais e futuros não alterem a nossa posição diante de Deus, eles afetam a intimidade e a alegria do nosso relacionamento com Ele.

Por exemplo, se um de seus filhos pecasse por desobedecer-lhe, isso não mudaria o relacionamento entre vocês – você ainda seria o seu pai, ou mãe, pronto a perdoar instantaneamente. Mas até que ele venha até você para confessar a sua desobediência, a intimidade que vocês tinham antes não será restaurada.

[35] Para ter acesso a uma abordagem extensiva sobre esse importante tópico, sugiro consultar meu livro *Faith Works*, Dallas: Word, 1993, 87-104.

Jesus deu início à Última Ceia lavando os pés dos discípulos, dando uma demonstração do espírito humilde de serviço que deve caracterizar qualquer dos Seus servos. Inicialmente Pedro recusou aquele gesto, mas quando Jesus disse "Se eu não te lavar, não tens parte comigo", Pedro partiu para o extremo oposto e quis um banho completo. Jesus respondeu: "Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos" (Jo 13.5-10).

O atitude de Jesus de lavar os pés dos discípulos foi mais do que um exemplo de humildade; foi também um retrato do perdão que Deus dá ao limpar por repetidas vezes aqueles que já estão salvos. A sujeira nos pés simboliza a contaminação superficial diária pelo pecado que experimentamos ao passarmos pela vida. O pecado não nos torna inteiramente sujos, e nem pode, porque fomos permanentemente limpos. A limpeza judicial que ocorre na regeneração não precisa de repetição, mas a purificação prática é necessária todos os dias porque diariamente nos tornamos carentes da perfeita santidade de Deus.

Como Juiz, Deus está ansioso por perdoar os pecadores, e como Pai Ele está ainda mais ansioso por continuar a perdoar os Seus filhos. Centenas de anos antes de Cristo, Neemias escreveu: "Tu, ó Deus perdoador, clemente e misericordioso, tardio em irar-te e grande em bondade" (Ne 9.17). Por maior e mais penetrante que seja o pecado do homem, a magnitude do perdão de Deus é ainda maior. Onde abunda o pecado, a graça de Deus abunda ainda mais.

Em algum ponto das nossas orações, depois de pedirmos que o Seu Nome seja santificado, que o Seu Reino venha, e que a Sua vontade seja feita, e depois de reconhecermos que Deus é a fonte do nosso sustento físico e diário, precisamos encarar o fato de que nossos pés estão sujos. Enquanto tivermos pecados não confessados em nossas vidas, perderemos a plenitude da alegria e a intimidade da nossa comunhão com Deus. Assim, a petição "Perdoa-nos as nossas dívidas" é simplesmente a nossa súplica a Deus para que Ele nos limpe a cada momento em que confessamos a Ele os nossos pecados.

Donald Grey Barnhouse, durante uma conversa com um professor universitário, contou a seguinte história que ilustra a magnitude do perdão amoroso:

> Um homem viveu uma vida de grande pecado, mas se converteu, e veio a casar-se com uma boa mulher cristã. Ele lhe havia confidenciado em poucas palavras sobre a natureza de sua vida passada. Quando ele lhe contou essas coisas, a esposa tomou sua cabeça em suas mãos, e encostando-a em seus ombros o beijou, dizendo: "John, quero que você compreenda algo. Conheço bem a minha Bíblia, e, portanto, conheço a sutileza do pecado e os dispositivos que ele usa para trabalhar no coração humano. Sei que você é um homem inteiramente convertido, John, mas sei que você ainda tem uma velha natureza, e que você ainda não está inteiramente instruído nos caminhos de Deus como em breve estará. O diabo fará tudo que puder para destruir a nossa vida cristã, ele providenciará para que tentações de todo tipo sejam colocadas no seu caminho. É possível que chegue o dia – por favor, Senhor, que nunca aconteça – em que você venha a sucumbir à tentação e cair em pecado. Imediatamente o diabo lhe dirá que é inútil tentar, que é melhor que você continue no caminho do pecado, e que, acima de tudo, você não deve me contar, porque isso irá me magoar. Mas John, quero que você saiba que aqui, nos meus braços, é o seu lar. Quando me casei com você, casei-me com a sua velha natureza assim como com a nova, e quero que saiba que há plena absolvição e perdão antecipadamente por qualquer mal que possa vir sobre sua vida".

O Dr. Barnhouse conta que quando terminou a história, o professor universitário ergueu os olhos com reverência e disse: "Meu Deus! Se alguma coisa fosse capaz de manter um homem no caminho certo, seria esse tipo de amor perdoador!"[36].

[36] Barnhouse. *God's Metods for Holy Living*. Grand rapids: Eedermans, 1951, 72-74.

A CONFISSÃO FAZ BEM À ALMA

Pedir perdão implica em confissão. Os pés que não são apresentados a Cristo não podem ser lavados por Ele. O pecado que não é confessado não pode ser perdoado: "Se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1.9). Confessar significa basicamente concordar, e quando confessamos nossos pecados concordamos com Deus que eles são maus, perversos, corruptos, e não têm lugar naqueles que pertencem a Ele.

É difícil confessar pecados. É especialmente difícil fazer com que uma criança admita que fez algo errado. Quando eu era um garotinho, um outro garoto e eu cometemos atos de vandalismo em uma escola na cidade da Indiana, onde meu pai realizava um culto de avivamento. Na tentativa de descobrir quem eram os delinqüentes, algumas pessoas foram de casa em casa, em busca de informações sobre os vândalos. Quando chegaram à casa onde minha família estava morando, meu pai e o proprietário da casa (o pai do outro garoto) atenderam à porta. Uma das pessoas perguntou a eles se o outro garoto e eu sabíamos alguma coisa sobre o vandalismo. Segurei a mão de meu pai e coloquei em meu rosto a expressão mais angelical possível, fazendo tudo que podia para demonstrar ser tão espiritual quanto meu pai evangelista. Tanto meu pai quanto o outro pai garantiram aos dois investigadores que éramos garotos maravilhosos e que não estaríamos envolvidos em uma atitude como aquela. Dez anos se passaram antes que eu tomasse coragem suficiente para contar a meu pai o que realmente acontecera.

Tanto Satanás quanto a nossa natureza orgulhosa lutam contra qualquer tipo de admissão de atitudes erradas. Mas a confissão é o único caminho para uma vida livre e alegre. Provérbios 28.13 diz: "O que encobre as suas transgressões jamais prosperará; mas o que as confessa e deixa alcançará misericórdia". John Stott diz: "Um dos antídotos mais seguros para este processo de endurecimento moral é a prática disciplinada de trazer à luz nossos pecados por pensamentos e omissão, assim como por palavras e atos, abandonando-os em arrependimento"[37].

[37] John R.W. Stott. *Confess Your Sins*. Waco, Texas: Word, 1974, 19.

Se não confessarmos os nossos pecados, nos tornaremos endurecidos. Já vi cristãos judicialmente perdoados e eternamente seguros, mas que são endurecidos, impenitentes e insensíveis ao pecado. Conseqüentemente, eles também não têm alegria porque não têm uma comunhão amorosa e íntima com Deus. Eles bloquearam a alegria e a comunhão com uma barricada formada pelo pecado não confessado.

O verdadeiro cristão não vê a promessa do perdão de Deus como uma licença para pecar, como um meio de abusar do Seu amor e de tirar vantagem da Sua graça. Em vez disso, ele vê o perdão gracioso de Deus como o meio para o crescimento espiritual e a santificação. Ele agradece continuamente a Deus por Seu grande amor e disposição em perdoar.

A confissão de pecados também é crucial por ser uma forma de glorificar a Deus quando Ele corrige o cristão desobediente. Essa resposta positiva à disciplina do Senhor remove qualquer reclamação de injustiça porque o pecador está admitindo que merece o que Deus dá.

PERDOAR UNS AOS OUTROS É O TESTE FINAL

Jesus nos dá os pré-requisitos para perdoarmos uns aos outros nas palavras "assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" (Mt 6.12). O princípio é simples, porém sensato: se não perdoamos, não seremos perdoados.

Razões para Perdoar

Devemos perdoar uns aos outros por diversas razões.

Uma Característica dos Santos

Como cidadãos do Reino de Deus, somos abençoados e recebemos misericórdia porque nós mesmos somos misericordiosos (Mt 5.7). Devemos amar até os nossos inimigos porque temos a natureza do nosso Pai celestial habitando em nós. Imediatamente antes de oferecer essa oração modelo, Jesus instruiu Seus ouvintes da seguinte

forma: "Ouvistes o que foi dito: 'Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo'. Eu, porém, vos digo: 'amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste'" (Mt 5.43-45). Abençoar aqueles que nos perseguem é equivalente a perdoar. Quando amamos nossos inimigos, manifestamos que somos filhos de Deus.

O perdão é a marca de um coração verdadeiramente regenerado. Quando um cristão deixa de perdoar alguém, ele coloca a si mesmo na posição de um juiz mais elevado do que o próprio Deus, colocando em dúvida até mesmo a realidade de sua fé.

O Exemplo de Cristo

O apóstolo Paulo nos instrui: "Sede uns para com os outros benignos, compassivos, perdoando-vos uns aos outros, como também Deus, em Cristo, vos perdoou" (Ef 4.32). João nos diz: "Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como Ele andou" (1 Jo 2.6). O próprio Jesus é o nosso padrão de perdão. Por amor àqueles que enterraram os pregos em Suas mãos, cuspiram em Sua face, zombaram dele, e enterraram uma coroa de espinhos em Sua cabeça, Jesus disse: "Pai, perdoa-lhes" (Lc 23.34). Ele é o nosso modelo. Por mais grave que seja qualquer ofensa cometida contra nós, ela não pode se comparar ao que Cristo suportou. O escritor aos Hebreus disse: "Ora, na vossa luta contra o pecado, ainda não tendes resistido até ao sangue" (12.4).

Expressa a Mais Elevada Virtude do Homem

O homem exibe a majestade da sua criação à imagem e semelhança de Deus quando perdoa. Provérbios 19.11 diz: "A discrição do homem o torna longânimo, e sua glória é perdoar as injúrias".

Liberta a Consciência da Culpa

A falta de perdão não somente constitui uma barreira para recebermos o perdão de Deus, como também interfere na nossa paz

de espírito, felicidade, satisfação, e até no funcionamento adequado do nosso corpo. De acordo com 2 Coríntios 2.10-11, quando temos um coração que não é perdoador, estamos dando a Satanás vantagem sobre nós.

Beneficia todo o Corpo de Cristo

Provavelmente poucas coisas causaram tanto estrago no poder da Igreja quanto os conflitos não resolvidos entre seus membros. O salmista adverte: "Se eu no coração contemplara a vaidade, o Senhor não me teria ouvido" (Sl 66.18). O Espírito Santo não pode trabalhar livremente entre aqueles que guardam mágoas e alimentam o ressentimento (Mt 5.23-24).

Livra da Disciplina de Deus

Onde há um espírito que não perdoa, há pecado; e onde há pecado, haverá correção. Hebreus 12:6 diz: "Porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe". O pecado sem arrependimento na igreja de Corinto fez com que muitos crentes ficassem fracos, enfermos, e até morressem (1 Co 11.30).

Ativa o Perdão de Deus

A ativação do perdão de Deus é provavelmente a razão mais importante pela qual devemos perdoar as pessoas. Essa razão é tão vital que Jesus a reforça no encerramento de sua oração modelo (vv.14-15). Nada na vida cristã é mais importante do que o perdão – o nosso perdão aos outros e o perdão de Deus a nós. Porque Deus trata conosco assim como nós tratamos os outros, devemos perdoar as pessoas tão livre e graciosamente quanto Deus nos perdoa.

A Prova de um Espírito Perdoador

Como uma espécie de "anexo" à Oração dos Discípulos, Mateus 6.14-15 é o próprio comentário do nosso Salvador sobre a petição do versículo 12. E essa é a única petição para a qual Ele oferece

uma reflexão adicional. Obviamente, as verdades nela contida têm importância vital: "Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celeste vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens [as suas ofensas], tampouco vosso Pai celeste vos perdoará as vossas ofensas".

A primeira parte do princípio é positiva: "Se perdoardes aos homens as suas ofensas". Como aqueles que receberam o perdão judicial de Deus, os crentes devem perdoar os outros. Quando o seu coração está cheio desse espírito perdoador, "vosso Pai celeste vos perdoará". Os crentes não podem conhecer o perdão paterno de Deus, que mantém a comunhão com o Senhor viva e as Suas bênçãos abundantes, sem perdoar as pessoas de coração e em palavras.

O verbo traduzido por "perdoar" (*aphiēmi*) significa literalmente "fugir apressadamente". Paulo tinha isso em mente quando escreveu, "Me foi concedida misericórdia, para que em mim, o principal dos pecadores, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade" (1 Tm 1.16; cf. Mt 7.11). Um espírito que não é capaz de perdoar não é somente incoerente para alguém que foi totalmente perdoado por Deus, como também receberá a correção de Deus em vez da Sua misericórdia.

O nosso Senhor ilustra a resposta sem misericórdia da parábola do homem a quem foi perdoada uma grande dívida (Mt 18.21-35). "O Reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos" (vv.23-24). Um talento correspondia a seis mil denários, e os trabalhadores ganhavam um denário por cada dia de trabalho. Esse servo teria de trabalhar seis dias por semana por mil semanas (um pouco mais do que dezenove anos) para ganhar apenas *um* talento.

Você pode perfeitamente imaginar que "não tendo ele, porém, com que pagar, [então] ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos, e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: 'Sê paciente comigo, e tudo te pagarei'" (vv.25-26). A sua dívida era imensa

e seria impossível para ele pagá-la. Porém "o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida" (v.27). No simbolismo da parábola, o homem é perdoado por sua dívida impagável, que representa o pecado, e encontra misericórdia por parte do rei, que representa a salvação. Porém o homem faz mau uso desse maravilhoso presente:

> Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários, e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: "Paga-me o que me deves". Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: "Sê paciente comigo, e te pagarei". Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida (vv. 28-30).

Essa dívida, embora sendo uma soma significativa (três meses de salário), poderia ter sido paga, mas era uma quantia insignificante se comparada ao que o outro servo devia. O Senhor descreve o que aconteceu em seguida:

> Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: "Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?" E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão (vv.31-35).

Essa é a descrição de alguém que recebe avidamente o perdão de Deus, mas não está disposto a perdoar as pessoas. Espero que você não esteja guardando rancores, e que não tenha se esquecido da grande misericórdia que recebeu de Deus.

Mateus 6.15 captura a essência dessa parábola e seu significado para os crentes: "Se, porém, não perdoardes aos homens [as

suas ofensas], tampouco vosso Pai vos perdoará as vossas ofensas". O pecado de um coração que não perdoa e de um espírito de amargura (Hb 12.15) afasta a bênção e atrai o castigo.

Todo crente deve procurar manifestar o espírito perdoador de José (Gn50.19-21) e de Estevão (At 7.60) com a freqüência necessária. Receber o perdão de um Deus totalmente santo e depois recusar-se a perdoar as pessoas quando somos pecadores é o maior exemplo do mau uso da misericórdia. E "O juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo" (Tg 2.13).

O que aprendemos com tudo isso? Na verdade, temos um problema progressivo: o pecado. Ele interrompe a nossa comunhão com Deus e a nossa utilidade para Ele. A provisão de Deus para esse pecado é o perdão contínuo. Nós o recebemos confessando o nosso pecado. E o pré-requisito é que perdoemos uns aos outros. Um cristão que não perdoa é uma pessoa orgulhosa e egoísta que se esqueceu que seus pecados foram lavados. Aprenda a confessar, e antes de confessar, aprenda a perdoar. Só assim podemos buscar a Deus com confiança na solidão dos nossos corações e pedir a Ele que nos perdoe a cada dia.

Capítulo 9

"Livra-nos do Mal"

Vivemos em um mundo caído que nos bombardeia continuamente com a realidade do pecado e suas conseqüências. Vemos isso em primeiro lugar no mundo natural. A incidência de vulcões, terremotos, incêndios, inundações, pestes e acidentes cresce a cada dia com uma regularidade alarmante, ameaçando a sobrevivência da humanidade.

No mundo intelectual, somos atacados principalmente em nossa fé. O homem está constantemente em busca da verdade, mas é incapaz de encontrá-la. Seus julgamentos são parciais e injustos. Sua falsificação do raciocínio relativo o leva à inevitável destruição. O homem é movido pelo seu próprio circuito de auto-polarização. A lógica é regida pelo orgulho, os intelectos são regidos pela lascívia, e o lucro material transforma homens em mentirosos. As opiniões humanas encontram-se em contínua rota de colisão entre si. O homem edificou verdadeiras fortalezas ideológicas contra a verdade e contra Deus.

E no mundo emocional do homem, a dor e a ansiedade são as características comuns. Sua incapacidade de controlar atitudes destru-

tivas destrói o seu espírito, e sua alma é perturbada por conflitos com outros seres humanos. A inveja o atormenta e o ódio, a amargura e a ganância o devoram como um câncer. Seus afetos são direcionados erroneamente, seu amor é desprezado, e a sua confiança é traída. Os ricos pisam nos pobres, e os pobres procuram destronar os ricos. As prisões, hospitais e instituições mentais são evidências da rebelião moral e emocional do homem.

Contudo, sem dúvida alguma, a parte mais negra do mundo do homem é a sua vida espiritual. Ele está em desarmonia com Deus. O maquinário da natureza moral do homem está visivelmente fora de engrenagem. Está lhe faltando sincronismo com o plano divino do Mestre. As tendências malignas dominam o homem desde a sua linhagem maculada e caída.

Aparentemente, não há saída neste mundo para o crente sincero. Para onde quer que nos voltemos somos confrontados pela cultura penetrante do mundo caído. E além de tudo isso, Satanás ainda ataca implacavelmente a nossa fé. A consciência de todos esses problemas deve nos levar a orar: "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal" (Mt 6.13).

TENTAÇÃO OU PROVAÇÃO?

A sexta petição fala da proteção de Deus de uma forma encorajadora. À primeira vista, a interpretação de seu significado quer dizer simplesmente o seguinte: pedimos a Deus para nos manter longe de problemas. Porém, examinando a passagem mais detalhadamente, vemos que esse pedido não é tão simples, e que a chave para sua interpretação está em uma palavra do texto grego.

Peirasmos ("tentação") é basicamente uma palavra neutra do grego, sem conotação necessária de bem ou mal, assim como a palavra portuguesa *tentação*, que se refere a induzir ao mal. A raiz grega tem seu significado relacionado a *realizar um teste* ou *uma prova*, e desse significado derivam-se os significados correlatos *prova* e *tentação*. Nesse caso parece ser paralelo ao termo "mal", indicando que tem em vista a incitação ao pecado.

O Problema da Interpretação

A santidade e a bondade de Deus não permitirão que Ele dirija ninguém, e certamente nenhum de Seus filhos, a uma posição ou experiência na qual eles seriam intencionalmente induzidos a pecar. Tiago confirma isso: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e Ele mesmo a ninguém tenta" (Tg 1.13).

Porém, anteriormente, Tiago havia acabado de dizer: "Meus irmãos, tende por motivo de toda alegria o passardes por várias provações [*peirasmos*] sabendo que a provação da vossa fé, uma vez confirmada, produz perseverança" (vv.2-3). Obviamente, enfrentamos um problema de interpretação com relação a se *peirasmos* em Mateus 6.13 deve ser traduzido por "tentação" ou por "provação". Como diz Tiago, Deus não tenta. Então por que pedir a Ele que não faça o que Ele jamais faria? Mas Tiago também nos diz que devemos nos alegrar quando as provações vierem e que não devemos tentar evitá-las. Ora, então por que deveríamos orar "Não nos deixes cair em tentação?"

A Solução Paradoxal

Afirmo, juntamente com Crisóstomo, o pai da igreja primitiva, que a solução para essa questão é que Jesus não está lidando com a lógica ou com a teologia, mas com uma atração natural da fraqueza humana ao encarar o perigo (*Sermão* 19.10). Todos desejamos evitar o perigo e o problema criado pelo pecado. Essa petição é, portanto, a expressão da alma redimida que despreza e teme tanto o pecado que quer escapar de todas as possibilidades de cair nele, preferindo evitar a tentação a ter de vencê-la.

Eis um outro paradoxo das Escrituras. Sabemos que as provações são uma forma de crescermos espiritualmente, moralmente e emocionalmente. O caráter cristão é fortalecido pelas provações. Porém, não temos nenhuma vontade de estar em uma posição onde a provação possa levar ao pecado. Então, enquanto resistimos às pro-

vações, percebemos que elas nos fortalecerão por exercitarem nossos músculos espirituais.

Até o próprio Jesus, ao orar no Jardim do Getsêmani, perguntou primeiro: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!", antes de dizer, "Todavia, não seja como eu quero, e sim como Tu queres" (Mt 26.39). Ele estava horrorizado ante a possibilidade de tomar sobre Si o pecado, mas estava disposto a suportá-lo para cumprir a vontade de Seu Pai, o que acarretaria a redenção dos pecadores que recebessem o Filho.

A nossa reação mais comum em tempos de tentação é semelhante à reação de Cristo, mas no nosso caso é primeiramente uma questão de falta de auto-confiança. Quando olhamos honestamente para o poder do pecado e para a nossa fraqueza e propensão a ele, estremecemos diante do perigo da tentação ou mesmo da provação. Foi o que Tiago entendeu quando disse: "Cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (1.14-15).

Essa petição é, portanto, outro pedido para que Deus providencie aquilo que não temos em nós. É um apelo a Deus para que vigie nossos olhos, nossos ouvidos, nossas bocas, nossos pés, e nossas mãos – para que em tudo o que virmos, ouvirmos, ou dissermos, em qualquer lugar aonde formos, e em tudo o que fizermos, Ele nos proteja do pecado. E quando formos tentados, precisamos nos lembrar de que "Toda boa dádiva e todo dom perfeito são lá do alto, descendo do Pai das luzes, em quem não pode existir variação ou sombra de mudança" (Tg 1.17).

APROVADOS OU REPROVADOS?

Quando passamos por uma prova ou teste, podemos ser aprovados ou reprovados. Assim, cada prova que Deus permite pode se tornar uma tentação. Muito depois de os irmãos de José o venderem para ser escravo no Egito, ele lhes disse: "Vós, na verdade, intentas-

tes o mal contra mim, porém Deus o tornou em bem" (Gn 50.20). Todas as lutas e provações que experimentamos são permitidas por Deus para nos testar, para exercitar nossos músculos espirituais, e para nos ajudar a amadurecer (cf. 1 Pe 5.10). Mas se você não entregar a situação a Deus e permanecer na Sua força, Satanás a transformará em uma tentação. Ele incitará a sua concupiscência e poderá atraí-lo ao pecado.

Lidando com as Provações

Não podemos ter certeza se seremos completamente submissos a Deus, como José foi, e dependentes dEle nas nossas provações. Por isso, o significado dessa parte da oração parece ser: "Senhor, nunca nos deixe cair em uma provação que represente tamanha tentação que não sejamos capazes de resistir. Em vez disso, livre-nos de qualquer provação que possa trazer o mal sobre nós como conseqüência natural. Não nos coloque em situações com as quais não sejamos capazes de lidar". Isso é acrescentar uma reivindicação à promessa de que "Deus é fiel e não permitirá que sejais tentados além das vossas forças; pelo contrário, juntamente com a tentação, vos proverá livramento, de sorte que a possais suportar" (1 Co 10.13).

Embora Deus não nos tente ao pecado, Ele trará coisas à nossa vida que se tornarão testes para nós. Quando você passa por uma certa revista, livro, filme, ou por um certo programa na televisão, isso pode ser um teste para revelar a sua força espiritual. Se você for reprovado, aquilo se transformará em uma tentação que incitará a sua concupiscência e o atrairá ao pecado.

Se você é despedido de seu emprego, isso pode ser um teste. Como você vai lidar com a situação? Se você encarar o fato com contentamento e entregar a situação ao Senhor, passará no teste. Mas Satanás irá tentá-lo a reclamar e talvez a fazer todo o possível para acabar com a reputação do seu chefe.

Mateus 4:1 diz que Jesus "foi levado pelo Espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo". Para Deus, aquele era um teste para

provar a virtude de Cristo; para Satanás, era uma tentação para destruir a Sua virtude. Jó disse: "Se ele me provasse, sairia eu como ouro" (23.10). Ele enfrentou seu teste da forma correta. Pedro disse: "Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1 Pe 1.6-7).

O Senhor cuida de nossa vida de modo que nunca sejamos tentados sem a força para resistir (1 Co 10.13). Ele usa as nossas provações para nos ajudar a confiar mais nEle e para que fortaleçamos a outros que mais tarde venham a passar pelas mesmas provações. Ele também as usa para nos direcionar à Sua Palavra e à oração.

A petição de Mateus 6.13 é uma proteção contra a presunção e contra um falso senso de segurança e de auto-suficiência. Sabemos que nunca atingiremos o ápice espiritual, e que nunca estaremos livres do perigo do pecado, até que estejamos com o Senhor. Como nosso querido Senhor orou por nós na Sua grande oração intercessória, queremos, a todo custo, ser livres do maligno (Jo 17.15).

Lidando com a Tentação

Quando oramos sinceramente "Não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal" também estamos declarando a nossa submissão à Sua Palavra, que é a nossa proteção contra o pecado. Tiago 4.7 nos dá uma ordem simples: "Sujeitai-vos, portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós". Submeter-se a Deus é submeter-se à Sua Palavra: "Guardo no coração as Tuas palavras, para não pecar contra Ti" (Sl 119.11). Assim, o crente ora para ser livre da incitação irresistível ao pecado, e, se cair, ele ora para ser resgatado.

Em um mundo amaldiçoado onde somos continuamente confrontados pela maldade ao nosso redor, confessamos a nossa inadequação para lidar com tamanho mal. Confessamos a fraqueza da nossa carne e a absoluta impotência dos recursos humanos para

combater o pecado e nos resgatar de suas garras. Acima de tudo, confessamos a nossa necessidade de proteção e livramento da parte do nosso amoroso Pai Celestial.

Será que Deus vai honrar a petição de Mateus 6.13? De acordo com 1 Coríntios 10.13, sim.

Deus nunca permitirá que você experimente uma provação maior do que possa suportar. Também encontramos essa verdade em Mateus 6.13, na frase "livra-nos do mal". Deus nunca deixará que sejamos tentados acima do que somos capazes de suportar. Essa é a Sua promessa, e se atendermos às condições dessa promessa, poderemos reivindicá-la. Qual é a condição? Sujeite-se ao Senhor e resista ao diabo.

Aprendemos uma grande lição com a Oração do Pai-nosso: tudo aquilo de que precisamos está disponível para nós. Primeiramente devemos dar a Deus o lugar que lhe é devido. Depois, podemos levar as nossas necessidades a Ele, e Ele as atenderá através da Sua provisão ilimitada e eterna. Um autor desconhecido resume bem o impacto deste padrão de oração:

> Não posso dizer "nosso" se vivo só para mim, trancado em um compartimento espiritual impenetrável.
> Não posso dizer "Pai" se não me esforço todos os dias para agir como Seu filho.
> Não posso dizer "que está nos céus" se não estou guardando nenhum tesouro lá.
> Não posso dizer "santificado seja o Teu Nome" se não estou me esforçando para viver em santidade.
> Não posso dizer "venha o Teu Reino" se não estou fazendo tudo o que posso para apressar a vinda desse maravilhoso dia.
> Não posso dizer "seja feita a Tua vontade" se sou desobediente à Sua Palavra.
> Não posso dizer "assim na terra como no céu" se não quero servi-lo aqui e agora.
> Não posso dizer "o pão nosso... dá-nos hoje" se sou desonesto ou se sou comprador de mercadoria ilegal.

Não posso dizer "perdoa-nos as nossas dívidas" se guardo ressentimento contra alguém.
Não posso dizer "não nos deixes cair em tentação" se me coloco deliberadamente nessa posição.
Não posso dizer "livra-nos do mal" se eu não procuro me revestir de toda a armadura de Deus.
Não posso dizer "Teu é o Reino" se não dou ao Rei a lealdade que lhe é devida como um súdito fiel.
Não posso atribuir a Ele "o poder" se temo o que os homens possam fazer.
Não posso imputar a Ele "a glória" se busco honra somente para mim mesmo.
Não posso dizer "para sempre" se o horizonte da minha vida é inteiramente limitado pelas coisas temporais.

Quando você se comprometer a seguir esse padrão para todas as suas orações, não somente a sua vida de oração mas toda a sua caminhada cristã será revolucionada. Você não sentirá mais falta de algo para dizer ao orar. Estar a sós com Deus nunca mais será como antes.

Parte três

A Oração em Ação

Capítulo 10

Orando pelas Coisas Certas

Quando você ora, por quais coisas você geralmente ora? Se fossemos fazer uma pesquisa na igreja evangélica de hoje com relação aos tópicos pelos quais se ora mais, descobriríamos que a maioria das pessoas que ora em geral conduzem mal suas orações, têm pouca visão, e são egoístas. Geralmente oramos por saúde, felicidade e sucesso. Oramos por nosso conforto pessoal. Oramos por soluções para remediar todos os problemas da vida, tais como cura, um lugar para morar, um emprego, um carro, um marido, uma esposa, filhos, uma promoção, mais dinheiro, e daí por diante. Por mais importantes que essas coisas sejam, em alguns aspectos (especialmente para as pessoas a quem essas coisas faltam), elas ocupam uma posição inferior na lista de prioridades do reino de Deus. Jesus disse que não devemos andar ansiosos quanto ao que comer, beber, ou vestir quando sabemos que Deus proverá todas elas (Mt 6.25-33). A nossa prioridade deve ser o progresso do reino de Deus.

Vivemos em um mundo que sabe pouco sobre o que é realmente valioso. As pessoas ao nosso redor estão correndo atrás de coisas que não têm valor durável. Essa busca é retratada habilmente por Anton Chekhov em seu clássico conto *The Bet* [A Aposta]. Esta história nos dá uma ótima visão introspectiva do sistema de valores da maioria das pessoas.

O enredo envolve uma aposta entre dois homens que discutiam sobre as conseqüências do isolamento. Um banqueiro rico, de meia-idade, acreditava que a pena de morte era uma condenação mais humana do que o isolamento, porque "a execução mata de uma vez, e o isolamento mata gradualmente". Um de seus convidados em uma festa, um jovem advogado de vinte e cinco anos, discordou, dizendo: "Viver em qualquer situação é melhor do que simplesmente não viver".

Zangado, o banqueiro impulsivamente fez uma aposta de dois milhões de dólares de que o jovem não duraria cinco anos em isolamento. O advogado estava tão convencido de sua resistência que anunciou que ficaria isolado por quinze anos em vez de apenas cinco.

Foram feitos os preparativos, e o jovem mudou-se para um prédio anexo ao prédio do grande imóvel do banqueiro. Não lhe era permitido receber visitantes ou jornais. Ele podia escrever cartas, mas não podia receber nenhuma. Havia guardas vigiando-o para garantir que ele nunca violasse o acordo, mas eles estavam colocados de modo que ele nunca pudesse ver outro ser humano de suas janelas. Ele recebia sua comida em silêncio através de uma pequena abertura onde não podia ver quem o servia. Tudo o mais que ele quisesse – livros, certas comidas, instrumentos musicais, etc., - era concedido mediante solicitação especial por escrito.

Durante o primeiro ano o piano podia ser ouvido quase que a qualquer hora, e ele pediu muitos livros, em sua maioria romances e outras leituras leves. No ano seguinte, a música cessou e foram pedidas obras de vários autores clássicos. No sexto ano de isolamento, ele começou a estudar idiomas e logo passou a dominar seis. Depois

do décimo ano de confinamento, o prisioneiro passou a se sentar imóvel à mesa e ler o Novo Testamento. Depois de mais de um ano de leitura da Bíblia, ele começou a estudar a história da religião e obras de teologia.

A segunda metade da história focaliza a noite anterior ao vencimento do prazo em que o advogado ganharia a aposta. O banqueiro estava então no final de sua carreira. Suas especulações arriscadas e a sua impetuosidade haviam minado gradualmente seus negócios. O antes auto-confiante milionário era agora um banqueiro de segunda classe, e pagar a aposta o deixaria arruinado. Zangado por sua tolice e com ciúmes do advogado que em breve se tornaria rico e que agora tinha apenas quarenta anos, o velho banqueiro decidiu matar seu oponente e incriminar o guarda pelo assassinato. Esgueirando-se para dentro do quarto do homem, ele o encontrou dormindo sentado à mesa e observou uma carta que o advogado lhe havia escrito. Ele a apanhou e leu o seguinte:

> Amanhã às doze horas estarei livre... mas antes de sair deste quarto... acho necessário lhe dizer algumas palavras. Com a consciência limpa e diante de Deus que me vê, declaro a você que desprezo a liberdade, a vida e a saúde, e tudo o que os seus livros chamam de "as alegrias deste mundo"... Sei que sou mais sábio do que todos vocês... E desprezo todos os seus livros, desprezo todas as bênçãos e sabedoria terrenas. É tudo sem valor e falso, vazio e enganoso como uma miragem. Você pode ser orgulhoso, sábio e belo, mas a morte o exterminará da face da terra, como faz com os ratos que vivem debaixo de nosso chão; e seus herdeiros, sua história, seus gênios imortais se congelarão ou queimarão com a destruição da terra. Você enlouqueceu e não está seguindo o caminho certo. Para você, a falsidade é verdade, e a deformidade é beleza. Para lhe provar o quanto desprezo tudo o que você valoriza, renuncio aos dois milhões que um dia achei que fossem para mim a abertura do paraíso, e que hoje menosprezo. Para privar-me do direito de recebê-los, deixarei minha prisão cinco horas antes da hora marcada, quebrando assim os termos do nosso acordo.

O banqueiro leu aquelas linhas, recolocou o papel sobre a mesa, beijou aquele homem estranho adormecido, e com lágrimas nos olhos, deixou a casa silenciosamente. Chekhov escreve: "Nunca antes, nem mesmo depois de enfrentar sérias perdas de dinheiro, ele desprezou a si mesmo tanto quanto naquele momento". Suas lágrimas o mantiveram acordado pelo resto da noite. E às sete horas da manhã seguinte, ele foi informado pelo vigia de que haviam visto o homem sair por uma janela, ir até o portão, e desaparecer.

Algumas pessoas precisam aprender da forma mais difícil sobre o que realmente tem valor, e algumas nunca aprenderão.

Acabamos de gastar diversos capítulos para aprender sobre o que tem valor nas nossas orações. O padrão de oração de Jesus em Mateus 6:9-15 nos ofereceu a estrutura sobre a qual podemos construir a nossa própria prática de oração. Nos dois capítulos restantes, trataremos das questões espirituais específicas que devem ser o foco das nossas orações. Essas questões se expandirão e darão corpo ao padrão dado por Jesus. Contudo, para entender questões tão vitais, precisaremos explorar o que o apóstolo Paulo ensinou com relação a elas.

Paulo sabia o que era importante na vida cristã. Suas orações em favor dos santos abordam um tratamento exclusivo com as preocupações espirituais. Uma de suas orações em especial sobressai por sua simplicidade e profundidade: "Não cessamos de orar por vós, para que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé" (2 Ts 1.11). Paulo geralmente concentrava suas orações nas questões que resultariam no benefício espiritual dos santos. Nessa oração em especial, ele tinha três desejos para os Tessalonicenses: dignidade, cumprimento, e serviço com poder.

A PROVISÃO

Antes de analisarmos essas três petições e suas implicações, precisamos considerar brevemente a provisão de toda bênção espiritual. Paulo sabia que a maior parte das coisas que ele desejou para os santos somente poderia ser obtida através da oração. Ele não se voltou

para a engenhosidade humana ou para algum tipo de programa; mas voltou-se para Deus. Paulo era um pastor fiel que ensinava ao povo de Deus, sempre que pudesse e onde pudesse, a importância de obedecer às Suas ordenanças. Mas aquilo por si só não era o bastante. Ele teve de voltar-se para Deus, o único que podia incitar aquela obediência no povo. Paulo sabia que Deus deseja santificar o Seu povo, e aquele era o seu desejo também. Assim, ele orava pelas coisas que o próprio Deus desejava realizar neles.

Se vocês querem orar uns pelos outros, não orem somente pelas necessidades físicas – façam da sua prioridade orar pelas importantes questões espirituais da vida, porque elas são a maior preocupação para Deus. O Seu propósito final é conformá-lo à imagem de Jesus Cristo. Os pequenos testes e provações da vida são importantes apenas porque revelam a sua maior necessidade espiritual. Deus está mais preocupado com a sua reação e atitude com relação a esses acontecimentos.

Para Paulo, e para qualquer cristão maduro, a oração é um estado permanente da mente pelo qual as promessas e propósitos de Deus, o bem-estar espiritual do Seu povo, o progresso do Seu Evangelho, e o crescimento da Sua igreja são desejados com paixão. Se você verdadeiramente deseja glorificar o Senhor em sua vida, o que O preocupa deve preocupá-lo também.

OS PEDIDOS

A oração de Paulo pelos Tessalonicenses contém três questões espirituais dinâmicas e vitais que são essenciais para todo crente: "Que o nosso Deus vos torne dignos da sua vocação e cumpra com poder todo propósito de bondade e obra de fé" (2 Ts 1.11). *Dignidade* se refere a caráter espiritual. Deve ser nosso desejo que o Senhor nos faça ser o tipo de pessoa que devemos ser. *Cumprimento* fala de Deus trazer à existência em nossa vida toda aspiração santa. E o poder é necessário para que o nosso serviço seja verdadeiramente eficaz. Quando você orar por seus entes queridos, ou por irmãos e irmãs em

Cristo, ore por dignidade, cumprimento e poder no serviço. Quando esses fatores forem prioridade em nossas orações e se tornarem nosso padrão de obediência, então Deus será honrado.

Dignidade

O primeiro pedido de Paulo é que Deus "vos torne dignos da sua vocação". Esse é um pedido amplo que abrange o nosso caráter cristão. Se afirmamos pertencer a Cristo, então precisamos viver de modo a honrá-lo.

A frase "sua vocação" é um conceito valioso do Novo Testamento que ao ser citado nas epístolas sempre se refere ao chamado eficaz à salvação que resulta na regeneração. Não se trata de um chamado ao arrependimento ou a crer. É o chamado descrito por Paulo em Romanos: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.30). Nesse versículo, "chamar" toma o seu lugar no fluxo da salvação: é o "chamado" que ativa a eleição feita desde a eternidade. E esse é um chamado irrevogável (Rm 11.29). Em sua primeira epístola aos Tessalonicenses, Paulo falou sobre sua importância: "Para viverdes de modo digno de Deus, que vos chama para o Seu Reino e glória" (1 Ts 2.12).

A questão levantada por Paulo é clara. Os crentes foram chamados à salvação, para serem detentores do nome 'cristão' e passarem a ser identificados como povo de Deus. Assim, ele ora para que nós mereçamos levar o nome de Cristo.

Dignidade na Posição

Todos nós somos dignos da morte e indignos da salvação. Isso já era verdade a nosso respeito antes de Deus ter nos salvado. Assim, podemos concluir que Deus salva os indignos e os torna dignos. Essa é a nossa posição em Cristo. Assim como você foi declarado justo na justiça de Cristo, do mesmo modo foi chamado digno por causa da

Sua justiça. Você não fez jus à sua justiça; nem fez jus à sua dignidade – ela é sua somente através do dom da graça de Deus. Por isso, sua posição diante de Deus hoje é a de alguém digno.

Dignidade na Prática

É no sentido prático que Paulo pede a Deus que nos torne mais dignos. Deus quer que você seja mais merecedor de levar o Seu Nome, e Ele usará o seu sofrimento para cumprir com esse objetivo: "Sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do Reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo" (2 Ts 1.5). O sofrimento que Ele introduz em sua vida mina as forças de sua carne e o atrai para Ele. E isso finalmente traz a maturidade espiritual.

Em 2 Tessalonicenses 1.11, Paulo não está tão preocupado com o processo usado por Deus, mas somente que ele seja eficaz em nos tornar mais dignos. Um dia, no futuro, todos seremos totalmente dignos porque seremos perfeitamente santos. Mas, por ora, precisamos nos tornar mais dignos de levar o nome de Cristo.

Esse pedido deve estar nos lábios de todo crente. Todos devemos desejar que nenhum crente envergonhe a Cristo ou desonre o Seu nome. Paulo teve de dirigir-se especificamente a um grupo de pessoas da igreja de Tessalônica que estava fazendo exatamente isso: "Nós vos ordenamos, irmãos, em nome do Senhor Jesus Cristo, que vos aparteis de todo irmão que ande desordenadamente e não segundo a tradição que de nós recebestes" (2 Ts 3.6). Alguns crentes evidentemente não eram obedientes à Palavra de Deus e ao ensino dos apóstolos, em vez disso estavam levando uma vida desregrada. Na verdade, alguns estavam "andando desordenadamente, não trabalhando; antes, se intrometendo na vida alheia" (v.11). Eles podem ter sido dignos em sua posição diante de Cristo, mas certamente não estavam vivendo de um modo que O honrasse na prática.

Você e eu temos o privilégio e a responsabilidade imensuráveis de levar o nome de Cristo de modo digno. Esse era um tema habitual nas epístolas de Paulo. Aos Efésios ele escreveu: "Rogo-vos, pois, eu,

o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (4.1-3).

Aos Filipenses ele disse: "Vivei, acima de tudo, por modo digno do Evangelho de Cristo... firmes em um só espírito, como uma só alma, lutando juntos pela fé evangélica; e em nada intimidados pelos adversários" (1.27-28).

E aos Colossenses ele escreveu: "A fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o Seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder segundo a força da Sua glória" (1.10-11). Cada uma dessas passagens nos dá uma visão sobre as particularidades de uma caminhada digna, mostrando-nos o tipo de vida que devemos nos esforçar a seguir e quais características devemos pedir a Deus que faça prevalecer em todos os aspectos de nosso viver.

A seguir, apresentamos uma relação de citações do Novo Testamento que mostram tudo o que uma caminhada digna deve conter:

- Humildade (Ef 4.23).
- Pureza (Rm 13.13)
- Contentamento (1 Co 7.17)
- Fé (2 Co 5.7)
- Justiça (Ef 2.10)
- Unidade (Fp 1.27)
- Gentileza (Ef 4.2)
- Paciência (Cl 1.11)
- Amor (Ef 5.23)
- Alegria (Cl 1.11)
- Gratidão (Cl 1:3)
- Luz (Ef 5.8-9)

- Conhecimento (Cl 1.10)
- Sabedoria (Ef 5.15-16)
- Verdade (3 Jo 3-4)
- Frutificação (Cl 1.10)

Se você realmente pertence a Cristo, deve andar como Ele andou (1 Jo 2.6).

Cumprimento

O segundo pedido de Paulo é para que Deus "cumpra com poder todo propósito de bondade". A palavra grega traduzida por "cumprir" (*pleroo*) significa "realizar". Assim, Paulo está pedindo que Deus realize em nossa vida cada desejo bom de acordo com a Sua definição.

Os Salmos geralmente refletem esse desejo. Davi orou: "Satisfizeste-lhe o desejo do coração e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios. Pois o supres das bênçãos de bondade" (Sl 21.2-3). Ele também disse: "Agrada-te do Senhor, e Ele satisfará os desejos do teu coração" (37.4). Será que Deus lhe dará tudo o que o seu coração desejar? Sim, desde que o seu prazer esteja nEle e os seus desejos sejam os desejos dEle. Essa verdade é constatada nesta declaração ousada: "O que a mim me concerne, o Senhor levará a bom termo" (138.8). Como Davi podia ser tão ousado? Porque suas prioridades eram as prioridades de Deus.

Estou certo de que muitas pessoas presumem que Deus reluta em fazer alguém feliz. Para eles, Deus tem alguma satisfação em deixar as pessoas na miséria permanente para lhes fazer lembrar o quanto Ele é severo e exigente. Mas isso absolutamente não é verdade. Deus quer conceder a você o desejo do seu coração desde que o seu desejo seja compatível com o dEle. O Salmo 145.16 indica que Deus satisfaz o desejo de cada coisa viva. Deus é generoso e cheio de graça. Ele anseia por dar aos Seus filhos o que eles desejam, mas somente quando esse desejo é justo.

Poder

O terceiro pedido de Paulo é que Deus "cumpra... com poder toda obra de fé" (2 Ts 1.11). Os crentes tessalonicenses já estavam envolvidos na obra da fé (v.3). A sua fé era real porque produzia frutos, mas agora Paulo quer vê-los alargando-a, então ele ora para que a fé deles se torne mais poderosa.

Paulo orou desta forma pelos Efésios: "Para que, segundo a riqueza da Sua glória, vos conceda que sejais fortalecidos com poder, mediante o Seu Espírito no homem interior" (Ef 3.16). O poder de Deus é liberado em você quando você permite que a Palavra de Deus domine sua vida (Cl 3.16).

Aquilo que você ora por seu cônjuge, seus filhos e seus amigos, pelas pessoas que você ama, não deve se limitar às coisas temporais. Em vez disso, peça a Deus que faça a obra de fé deles poderosa, que cumpra os seus anseios por bênçãos de bondade, e que faça com que suas vidas sejam dignas de levar o nome de Cristo.

A RAZÃO

A razão pela qual devemos orar por tais benefícios espirituais é bastante óbvia, e é algo que afirmamos por diversas vezes neste livro: "A fim de que o nome de nosso Senhor Jesus seja glorificado em vós, e vós nele, segundo a graça do nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 1.12). Essa é a razão definitiva pela qual fazemos qualquer coisa na vida cristã. Se esse não é o nosso alvo final, estamos nos concentrando demais em nós mesmos (cf. Jo 14.13-14).

Devemos orar uns pelos outros para sermos dignos do nosso chamado porque é a reputação de Cristo que está em jogo. Esse era o ponto de vista de Daniel quando ele orou: "Ó Senhor, ouve! Ó Senhor, perdoa! Ó Senhor, atende-nos e age! Não te retardes, por amor de Ti mesmo, ó Deus meu; porque a Tua cidade e o Teu povo são chamados pelo Teu nome" (Dn 9.19).

Você sabe tão bem quanto eu que uma das primeiras desculpas que as pessoas dão para rejeitarem o cristianismo é a hipocrisia

vivida pelos cristãos que elas conhecem. Por isso, Paulo ora para que sejamos o oposto dos hipócritas – que honremos o nome de Cristo e que levemos os descrentes a Ele como conseqüência disso. Foi por isso que Jesus disse: "Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus" (Mt 5.16). Esse desejo de Paulo também é claramente expresso em sua segunda epístola aos Coríntios: "Quanto a Tito, que é meu companheiro e cooperador convosco; quanto a nossos irmãos, são mensageiros das igrejas e glória de Cristo" (8.23).

Espero que você comece a dar prioridade aos importantes assuntos espirituais. Sei que fazer isso não é fácil, pois tendemos a nos concentrar naquilo que é temporal. Mas colocar as preocupações espirituais em primeiro lugar é um sacrifício que vale a pena ser feito. Para ajudá-lo, considere o seguinte exemplo de sacrifício:

> Pony Express era uma empresa particular de remessas que levava correspondência por meio de uma rede organizada de funcionários a cavalo. O terminal leste ficava em St. Joseph, Missouri, e o terminal oeste ficava em Sacramento, Califórnia. O custo de envio de uma carta pela Pony Express era de 25 dólares. Se o tempo e os cavalos agüentassem, e os índios se mantivessem à distância, a carta completaria toda a jornada de duas mil milhas em rápidos dez dias, de acordo com o que relatara Lincoln sobre o primeiro envio inaugural.
>
> Você pode se surpreender com o fato de que a Pony Express só esteve em operação de 3 de abril de 1860 a 18 de novembro de 1861 – apenas dezenove meses e meio. Quando a linha de telégrafo entre as duas cidades foi terminada, o serviço não foi mais necessário.
>
> Ser um funcionário montado da Pony Express era um trabalho duro. Esperava-se que a pessoa montasse de setenta e cinco a cem milhas por dia, trocando de cavalo a cada quinze ou trinta milhas. Além da correspondência, a única bagagem a ser carregada continha algumas provisões, entre

elas um pouco de farinha, flocos de milho e bacon. Em caso de perigo, também levavam um kit médico com terebentina, bórax, e creme tártaro. A fim de viajar mais leve e aumentar a velocidade durante os ataques dos índios, os homens sempre cavalgavam vestidos apenas com uma camisa, mesmo durante o clima rigoroso do inverno.

Como você recrutaria candidatos para esse arriscado emprego? Um jornal de São Francisco de 1860 imprimiu este anúncio para a Pony Express: "PROCURA-SE: Homens jovens, magros e resistentes, com idade inferior a 18 anos. Devem ser exímios cavaleiros e estar dispostos a correr riscos diários. Damos preferência para órfãos".

Capítulo 11

Orando pelos Perdidos

Charles Spurgeon fez o seguinte comentário sobre a prioridade que todos os cristãos devem dar à atitude de orar pelos perdidos:

> *O ganhador de almas deve ser um mestre na arte da oração.* Você não pode trazer almas para Deus se você mesmo não vai até Ele. Você deve ir até Ele para buscar as armas de guerra do arsenal que encontramos na sagrada comunicação com Cristo. Se você ficar muito tempo a sós com Jesus, você captará o Seu Espírito; você será inflamado com a chama que queimava em Seu peito, e que consumia a Sua vida. Você chorará com as lágrimas que caíram sobre Jerusalém quando Ele a viu perecendo; e embora você não possa falar de forma tão eloqüente quanto Ele falou, naquilo que você diz deverá haver algo do mesmo poder que havia nele e que emocionava os corações e despertava a consciência dos homens. Meus queridos ouvintes, especialmente vocês, membros da igreja, sinto-me sempre muito ansioso por garantir que nenhum de vocês comece a confiar nos seus remos e a encarar os assuntos que dizem

> respeito ao Reino de Deus de modo displicente. Alguns de vocês – eu os abençôo, e louvo a Deus quando me lembro de vocês – que, a tempo e fora de tempo, têm a sincera intenção de ganhar almas, e vocês são aqueles que são realmente sábios; mas temo que haja outros cujas mãos são frouxas, que se satisfazem em deixar-me pregar, mas que eles mesmos não pregam; que ocupam estes bancos, e que esperam que a causa tenha êxito, mas isso é tudo[38].

Que cristão não ora pela salvação dos amigos e dos entes queridos que não conhecem o Senhor? No entanto, devemos ter uma perspectiva mais ampla. As Escrituras indicam que todos nós devemos orar pelos perdidos de forma geral, não apenas pelos conhecidos.

A Bíblia nos oferece diversos exemplos de oração pelos que estão fora da salvação. Em Números 14.19, Moisés orou: "Perdoa, pois, a iniqüidade deste povo, segundo a grandeza da Tua misericórdia e como também tens perdoado a este povo deste a terra do Egito até aqui". Ele clamou a Deus por perdão para os pecadores israelitas.

Samuel, o profeta, também orou pela salvação de Israel. Em 1 Samuel 7.3-5 lemos:

> Falou Samuel a toda a casa de Israel, dizendo: "Se é de todo o vosso coração que voltais ao Senhor, tirai dentre vós os deuses estranhos e os astarotes, e preparai o coração ao Senhor, e servi a Ele só, e Ele vos livrará das mãos dos filisteus". Então, os filhos de Israel tiraram dentre si os baalins e astarotes e serviram só ao Senhor. Disse mais Samuel: "Congregai todo o Israel em Mispá, e orarei por vós ao Senhor".

Mais adiante, em 1 Samuel, depois de repreendê-los por seu pecado de pedir por um rei, ele disse: "Quanto a mim, longe de mim que eu peque contra o Senhor, deixando de orar por vós, antes, vos ensinarei o caminho bom e direito" (12.23).

38 Charles Spurgeon. *The Soul Winner*. Grand Rapids: Eerdmans, 1989 reprint, 246-47. Itálicos do original.

O Novo Testamento relata o testemunho de Estevão. Enquanto era apedrejado até à morte, ele fez o equivalente a uma oração pela salvação dos seus executores: "E apedrejavam Estevão, que invocava e dizia: 'Senhor Jesus, recebe o meu espírito!' Então, ajoelhando-se, clamou em alta voz: 'Senhor, não lhes imputes este pecado!' Com estas palavras, adormeceu" (At 7.59-60).

Paulo tinha profundo desejo pela salvação de seus companheiros israelitas. Ele expressou esse desejo em Romanos 9:1-4: "Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência: tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. São israelitas". Essa profunda preocupação não podia resultar em outra coisa senão encontrar expressão em sua vida de oração: "Irmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos" (Rm 10.1).

Vimos que a Bíblia expressa claramente a necessidade e a importância de orarmos pelos perdidos. Além dos exemplos observados acima, a oração evangelística é o ensino destacado também em 1 Timóteo 2.1-8. Esses versículos são polêmicos por natureza e confrontam um problema da igreja de Éfeso. Neles, Paulo ordena a orar pelos perdidos, pelo qual podemos concluir que esse tipo de oração havia deixado de ter a prioridade que deveria em Éfeso.

Uma vez que a extensão do chamado ao Evangelho é universal, Paulo demonstra a necessidade de orarmos por todos os homens. O alvo da igreja, assim como o de Israel antes dela, é alcançar o mundo com a verdade salvadora de Deus. Israel fracassou em ser uma nação fiel através da qual Deus podia alcançar o mundo, e a responsabilidade passou à igreja. Paulo escreve movido pela preocupação com a possibilidade de que a exclusividade que fez com que Israel fracassasse em sua missão viesse a aleijar a igreja. A história mostra que a igreja, de fato, tornou-se contente consigo mesma e, em geral, negligente quanto aos pecadores.

A principal função da igreja na terra é alcançar os perdidos. Paulo sabia que os Efésios nunca o fariam enquanto mantivessem seu

exclusivismo egoísta. Para desempenhar sua missão no mundo eles precisavam ser levados a entender a extensão do chamado ao Evangelho. E a primeira característica desse entendimento é agarrar-se à oração evangelística.

A NATUREZA DA ORAÇÃO EVANGELÍSTICA

Paulo escreve: "Antes de tudo, pois, exorto que se use a prática de súplicas, orações, intercessões, ações de graças, em favor de todos os homens" (1 Tm 2.1). Embora os três primeiros termos usados por Paulo sejam quase totalmente sinônimos, há entre eles algumas sutis diferenças de significado que enriquecem o nosso conceito sobre a oração. O termo "súplicas" se refere à oração que brota a partir de um senso de necessidade. Com o conhecimento daquilo que nos falta, suplicamos a Deus que supra essa necessidade. Quando olhamos para as multidões da humanidade perdida, a grandeza dessa necessidade deve nos colocar de joelhos em oração evangelística.

O puritano inglês do século XVII, Richard Baxter, escreveu:

> Ah, se vocês têm corações cristãos ou humanos dentro de vocês, deixem que eles se comovam por seus pobres vizinhos ignorantes e ímpios. Ai dessas pessoas, pois não há mais que um passo entre eles e a morte e o inferno; muitas centenas de enfermidades estão à espera, prontas para aprisioná-los, e se eles morrerem não regenerados, estarão perdidos para sempre. Será que vocês têm corações de pedra, que não podem se apiedar de homens em tal condição? Se vocês não crêem na Palavra de Deus e no perigo que correm os pecadores, por que vocês mesmos são cristãos? Se acreditam nela, por que não se movem em ajudar aos outros? Será que vocês não se preocupam com quem é condenado, desde que vocês sejam salvos? Se vocês pensam assim, então têm motivos de sobra para se compadecerem de si mesmos, pois esta estrutura espiritual é absolutamente incompatível com a graça... Vocês vivem próximos a eles, ou os encontram nas ruas, trabalham com eles, viajam

> com eles, ou se sentam e conversam com eles, e não dizem nada a eles com relação a suas almas,ou à vida por vir? Se suas casas estivessem se incendiando, vocês correriam e os ajudariam; então porque não os ajudaram agora, quando suas almas estão quase no fogo do inferno?[39].

Por outro lado, o termo "orações" diz respeito simplesmente à oração em geral. Diferentemente de "súplicas", essa palavra é usada nas Escrituras apenas quando se refere a Deus e, portanto, traz em si um elemento exclusivo de adoração e reverência. A oração pelos perdidos é definitivamente dirigida a Deus como um ato de adoração, porque a salvação dos pecadores é motivo de glória para Ele.

Já a palavra grega traduzida por "petições" vem de uma raiz cujo significado é "conhecer alguém". A forma verbal é usada para falar tanto da intercessão de Cristo quanto da intercessão do Espírito por nós (Hb 7.25; Rm 8.26). Eles se identificam com as nossas necessidades e se envolvem nas nossas lutas, revelando empatia, solidariedade e compaixão. Isso nos ensina que orar pelos perdidos nunca deve ser uma atitude fria, desligada ou impessoal, como a mera ação de um defensor público designado para representar um réu. Devemos clamar a Deus pela salvação dos pecadores compreendendo a profundidade de seu sofrimento e dor, assim como sua condenação vindoura.

"Ações de graças" são o quarto elemento das orações evangelísticas. Oramos com espírito de gratidão a Deus pela oferta do Evangelho ter sido estendida a todos, por termos o privilégio de alcançar os perdidos com esse Evangelho, e para que alguns respondam com fé e arrependimento.

Essas quatro nuances enriquecem nossas orações quando oramos eficazmente pelos perdidos. Se elas estiverem faltando, precisamos examinar nossos corações. Será que entendemos plenamente a situação desesperada em que se encontram os perdidos? Realmente queremos ver Deus glorificado pela salvação das almas? Somos solidários à realidade opressora de suas almas perdidas, tanto hoje quanto

39 Richard Baxter citado em I.D.E. Thomas, ed., *A Puritan Golden Treasur.* Edinburgh: Banner of Truth, 1977, 92-93.

na eternidade? Somos gratos pela mensagem do Evangelho ter sido estendida a todos e por nosso privilégio de compartilhá-la? Se esses componentes não estiverem presentes em nossos corações, seremos indiferentes à situação dos perdidos. E, geralmente, somos indiferentes simplesmente porque não somos obedientes a tais constrangimentos.

O ALCANCE DA ORAÇÃO EVANGELÍSTICA

Devemos oferecer essas orações "em favor de todos os homens, em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade" (1 Tm 2.1-2). Como descobrimos no capítulo anterior, frequentemente nossas orações são confinadas estritamente à necessidades e desejos pessoais, e raramente estendidas além daqueles que fazem parte do nosso círculo imediato de amigos e família. Em nítido contraste, porém, Paulo solicita a oração evangelística "em favor de todos os homens". Não há lugar para o egoísmo ou a exclusividade. Não devemos tentar limitar nem o chamado do Evangelho nem nossas orações evangelísticas aos eleitos. Afinal, não temos meios de saber quem são os eleitos até que eles respondam ao chamado do Evangelho. Além do mais, foi-nos dito que Deus deseja que todos sejam salvos (2.4). Ele não tem prazer na morte do perverso, mas se compraz em que os pecadores se convertam de seus caminhos maus e vivam (Ez 33.11). Assim, a oração pela salvação dos perdidos é perfeitamente compatível com o coração de Deus. Ele ordenou a todos os homens que se arrependam (At 17.30). Devemos orar para que eles o façam, e assim abracem a salvação oferecida a todos (Tt 2.11).

Do grupo universal de "todos os homens", Paulo especificamente distingue alguns que poderiam de outro modo ser negligenciados na oração evangelística: "reis e todos os que se acham investidos de autoridade". Pelo fato de os governantes antigos (e modernos) serem tão freqüentemente tirânicos, e até desrespeitosos com o Senhor e com o Seu povo, eles são alvo de amargura e animosidade. Eles também costumam ser distantes, não sendo parte da vida diária dos crentes. Portanto, há uma tendência de sermos indiferentes para com eles.

Por causa da autoridade e da responsabilidade que está sobre os líderes, negligenciar essas vidas é um grave pecado. A ordem de Paulo nesse trecho exige que a congregação de Éfeso ore pelo imperador, que naquela época era Nero, o cruel e inclemente blasfemador. Embora ele fosse um vil e depravado perseguidor da fé, ainda assim deviam orar por sua redenção. Por amor às suas almas eternas, devemos orar para que "todos os reis e aqueles que se acham investidos de autoridade" se arrependam de seus pecados e creiam no Evangelho.

Paulo não nos ordena orar para que os governantes cruéis, ou aqueles dos quais discordamos politicamente, sejam destituídos de seus cargos. Devemos ser leais e submissos ao nosso governo (Rm 13.1-5; 1 Pe 2.17). Se a igreja de hoje usasse o esforço que gasta em manobras políticas e tráfico de influência e dirigisse essa energia à oração intercessória, veríamos um profundo impacto em nossa nação. Todos nos esquecemos, com muita freqüência, que "as armas da nossa milícia não são carnais, e sim poderosas em Deus, para destruir fortalezas" (2 Co 10.4). A chave para mudar uma nação é a salvação dos pecadores, e isso requer fidelidade na oração.

O BENEFÍCIO DA ORAÇÃO EVANGELÍSTICA

O benefício de orar pelos perdidos é realmente muito profundo: "para que vivamos vida tranqüila e mansa, com toda piedade e respeito" (1 Tm 2.2). Orar pelos que estão investidos de autoridade criará as condições sociais favoráveis ao esforço evangelístico da igreja. Em primeiro lugar, quando os crentes são comprometidos em orar por todos os seus líderes, isso remove qualquer pensamento de rebelião ou de resistência contra eles. Assim, o povo de Cristo é transformado em um povo de pacificadores, e não de reacionários. Como Paulo escreveu a Tito:

> Lembra-lhes que se sujeitem aos que governam, às autoridades; sejam obedientes, estejam prontos para toda boa obra, não difamem a ninguém; nem sejam altercadores, mas cordatos, dando provas de toda cortesia, para com

> todos os homens. Pois nós também, outrora, éramos néscios, desobedientes, desgarrados, escravos de toda sorte de paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros (Tt 3.1-3).

Paulo mais uma vez está chamando os crentes à tranqüilidade e à submissão aos governos pagãos ou apóstatas que os regiam. E podemos fazer isso porque compreendemos que eles são pecadores assim como nós fomos um dia, incapazes de qualquer justiça.

Quando os crentes começam a orar sem cessar pelos perdidos, principalmente por seus líderes problemáticos, os descrentes começam a ver os cristãos como pessoas virtuosas, amantes da paz, compassivas e superiores, que buscam o seu bem-estar. Quando as pessoas não salvas perceberem que não representamos qualquer ameaça à sociedade, será mais fácil para nós sermos tratados como amigos bem-vindos. E à medida que mais pessoas cheguem à fé salvadora por meio das orações dos cristãos, as condições favoráveis para a igreja podem aumentar.

A Ausência de Distúrbios

A igreja obediente a esse mandato viverá "uma vida tranqüila e mansa". As palavras gregas traduzidas por "tranqüila" e "mansa" são adjetivos raros. A primeira, que só aparece nesta ocasião no Novo Testamento, se refere à ausência de distúrbios externos. A última, que só aparece aqui e em 1 Pedro 3.4, se refere à ausência de distúrbios internos. Quando a igreja manifesta o seu amor e bondade para com os perdidos, isso diminui a hostilidade que porventura exista contra ela. Conseqüentemente, os santos podem desfrutar da ausência de distúrbios tanto internos quantos externos.

Embora a igreja precise permanecer inabalável no que se refere ao seu compromisso com a verdade, ela não deve ser um agente de agitações ou perturbações da vida nacional. Esse é o ensino claro das Escrituras. Se formos perseguidos, deve ser por amor a Cristo, por amor a um viver honesto (cf. 1 Pe 2.13-23).

Em 1 Tessalonicenses 4.11, Paulo ordenou aos crentes de Tessalônica "a diligenciardes por viver tranqüilamente, cuidar do que é vosso e trabalhar com as próprias mãos". Os cristãos devem ser conhecidos por seu comportamento calmo, e não por criarem distúrbios. Os descrentes devem nos ver como pessoas calmas, leais, diligentes e virtuosas. Embora possamos odiar o sistema maligno do mundo que é inimigo de Deus, não devemos ver aqueles que estão nele como nossos inimigos pessoais. Eles estão cativos do verdadeiro inimigo, o diabo (cf. 2 Tm 2.24-26). Eles não são nossos inimigos, são nosso campo missionário.

A Presença da Santidade

A fim de terem uma "vida tranqüila e mansa", os crentes devem perseguir a "piedade e a dignidade". "Piedade" é a tradução da palavra *eusebeia*, uma palavra comumente encontrada nas epístolas pastorais. Ela traz em si a idéia de reverência para com Deus. Os crentes devem viver para a majestade, a santidade, o amor e a glória de Deus.

Semnotes, traduzida por "dignidade", poderia ser traduzida por "honestidade moral". Enquanto "piedade" pode se referir a uma atitude adequada, "dignidade" refere-se a um comportamento adequado. Assim, os crentes devem ser marcados por um compromisso com a moralidade; motivos santos devem resultar em um comportamento santo. Ambos contribuem para a tranqüilidade e a calma de nossas vidas.

Isso não quer dizer, porém, que a vida cristã será livre de problemas. "Ora", escreve Paulo em 2 Timóteo 3.12, "todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos". A vida cristã é uma guerra contra Satanás e contra as forças do mal. O próprio Paulo foi espancado e aprisionado por sua fé. A questão levantada por ele nessa passagem, porém, é que se incorrermos em animosidade e sofrermos perseguição, deve ser devido a nada mais do que a nossa atitude e comportamento piedosos. Não devemos provocar reações negativas por sermos agentes de desagregação social.

OS MOTIVOS PARA A ORAÇÃO EVANGELÍSTICA

Por que devemos orar pelos perdidos? Paulo dá a resposta em uma das passagens mais poderosas e emocionantes de todas as Escrituras com relação ao propósito de salvação de Deus: "Isto é bom e aceitável diante de Deus, nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno conhecimento da verdade. Porquanto há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem, o qual a si mesmo se deu em resgate por todos; testemunho que se deve prestar em tempos oportunos. Para isto fui designado pregador e apóstolo (afirmo a verdade, não minto), mestre dos gentios na fé e na verdade" (1 Tm 2.3-7).

Moralmente Correto

Deus define a oração pelos perdidos como algo nobre e espiritualmente adequado de se fazer, e nossa consciência concorda com isso. O perdido sofre a agonia do pecado, a vergonha, e a falta de sentido nesta vida, e o inferno eterno de agonia inexorável na vida por vir. Sabendo disso, nossa tarefa mais excelente é orar pela salvação deles.

Alguns podem argumentar que Jesus disse em João 17.9, "Não rogo pelo mundo". Mas ali, Cristo estava orando como o grande Sumo Sacerdote pelos eleitos de Deus. Por ser Ele a divindade soberana e onisciente, Sua oração foi específica de um modo que a nossa não pode ser. Ele estava orando exclusivamente pela salvação daqueles a quem amara e escolhera antes da fundação do mundo para serem participantes de todas as bênçãos espirituais (Ef 1.3-4). "O mundo" foi excluído especificamente do propósito de salvação da Sua oração.

As nossas orações, porém, não são as orações de um sumo sacerdote; oramos como embaixadores de Cristo, cuja tarefa é suplicar que os homens e mulheres sejam reconciliados com Deus mediante Sua graça (2 Co 5.20). Portanto, somos ordenados a oferecer nossas "súplicas e orações, intercessões, ações de graças... em favor de todos os homens" (1 Tm 2.1). Nosso desejo sincero deve ser a salvação de

todos os pecadores (cf. Rm 9.3; 10.1). Não devemos tentar limitar o evangelismo aos eleitos.

Há três motivos pelos quais não devemos limitar o nosso evangelismo. Primeiramente, somos ordenados a orar por todas as pessoas do mundo (Mt 28.19-20; Mc 16.15; Lc 24.46-47). Em segundo lugar, o decreto da eleição de Deus é secreto. Não sabemos quem são os eleitos e não temos meios de saber *até* que eles respondam ao Evangelho. Em terceiro lugar, o alcance dos propósitos evangelísticos de Deus vai além da eleição. "Muitos são chamados, mas poucos, escolhidos" (Mt 22.14). Até mesmo a Oração Sacerdotal de Jesus engloba o mundo em relação a esse aspecto de vital importância. O nosso Senhor orou pela unidade entre os eleitos para que a verdade do Evangelho fosse esclarecida ao mundo: "para que o mundo creia que Tu Me enviaste... para que o mundo conheça que Tu Me enviaste" (Jo 17.21-23). O chamado de Deus a todos os pecadores é um convite sincero e de boa fé à salvação: "Tão certo como Eu vivo, diz o Senhor Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que havereis de morrer, ó casa de Israel?" (Ez 33.11).

Coerente com o Desejo de Deus

O *desejo* de Deus para a salvação do mundo é diferente do Seu *propósito* eterno de salvação. Podemos entender isso até certo ponto a partir de uma perspectiva humana; afinal, os nossos propósitos freqüentemente diferem dos nossos desejos. Podemos *desejar*, por exemplo, passar um dia de folga, porém um *propósito* maior nos constrange a irmos trabalhar em vez disso. De modo semelhante, os propósitos de salvação de Deus transcendem os Seus desejos (Logicamente, há uma diferença crucial entre nós e Deus: podemos ser compelidos por circunstâncias além do nosso controle a escolher aquilo que não queremos, mas as escolhas de Deus não são determinadas por nenhuma outra coisa além de Seu próprio propósito soberano e eterno).

Deus deseja sinceramente "que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade". Porém, "segundo o eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus, nosso Senhor" (Ef 3.11), Ele escolheu somente os eleitos tirados "do mundo" (Jo 17.6) e passou por cima dos demais, deixando-os entregues às conseqüências condenáveis do seu pecado (cf. Rm 1.18-32). A culpabilidade por sua condenação pesa inteiramente sobre eles mesmos por causa do seu pecado e rejeição a Deus. Deus não é responsável pela incredulidade deles.

Uma vez que "Deus deseja que todos os homens sejam salvos", não cabe a nós averiguar se uma pessoa é eleita antes de orar pela salvação dessa pessoa. Somente Deus sabe quem são todos os eleitos (2 Tm 2.19). Podemos orar "em favor de todos os homens" com a plena certeza de que essas orações são "boas e aceitáveis aos olhos de Deus nosso Salvador". Afinal, "Benigno e misericordioso é o Senhor; tardio em irar-se e de grande clemência. O Senhor é bom para todos, e as Suas ternas misericórdias permeiam todas as Suas obras" (Sl 145.8-9).

O Senhor aceita ansiosamente a oração pelos perdidos porque ela é coerente com o Seu desejo pela salvação deles. Essa oração também é coerente com a Sua natureza como Salvador. O seu caráter salvador é manifestado através de Seu Filho, Jesus Cristo (1 Tm 2.5-6). Deus é o "Salvador de todos os homens" num sentido temporal, mas "especialmente dos crentes" num sentido eterno (4.10).

Quando Deus "deseja que todos os homens sejam salvos", Ele está sendo coerente com quem Ele é. Em Isaías 45.22, Deus disse: "Olhai para Mim e sede salvos, vós, todos os limites da terra". Isaías 55.1 convida a "todos vós, os que tendes sede" para "virem às águas" da salvação. Novamente, em Ezequiel 18.23-32, Deus declara claramente que Ele não deseja que os perversos pereçam, mas sim que se arrependam sinceramente (cf. Ez 33.11). No Novo Testamento, Pedro escreve: "Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns a julgam demorada; pelo contrário, ele é longânimo para convosco, não querendo que nenhum pereça, senão que todos cheguem ao arrependimento" (2 Pe 3.9).

Nenhuma teologia bíblica verdadeira pode ensinar que Deus se agrada com a condenação dos perversos. Porém, embora isso não O agrade, Deus receberá glória até mesmo através da condenação dos incrédulos (cf. Rm 9.22-23). E assim como o Seu amor pelo mundo e o Seu desejo de que o Evangelho seja pregado a todos os povos, mesmo responsabilizando-os por sua rejeição e condenação, isso também é um mistério divino. As Escrituras ensinam o amor de Deus pelo mundo, o Seu desagrado em julgar os pecadores, o Seu desejo de que todos ouçam o Evangelho e sejam salvos. Elas também ensinam que todo pecador é incapaz, mas responsável por crer e que ele será condenado se não o fizer. Coroando o ensino das Escrituras no tocante a este assunto está a grande verdade de que Deus elegeu todos os crentes e os amou antes do mundo existir.

"Cheguem ao conhecimento da verdade" fala de salvação. *Epignosis* ("conhecimento") é usado quatro vezes nas epístolas pastorais (2 Tm 2.25; 3.7; Tt 1.1), e em cada ocorrência se refere ao verdadeiro conhecimento que traz a salvação. Longe de desejar a sua condenação, Deus deseja que os perdidos cheguem ao conhecimento salvador da verdade.

Alguns argumentam que 1 Timóteo 2.3-7 ensina o universalismo. Se Deus deseja a salvação de todos os homens, argumentam eles, então todos serão salvos, ou Deus não conseguirá o que quer. Outros concordam que o que Deus quer acontece, porque "todos os homens" se refere a todas as classes de homens, e não a todo indivíduo. Entretanto, nenhuma dessas argumentações é necessária. Precisamos distinguir entre a vontade decretada por Deus (Seu propósito eterno), e a Sua vontade expressa como desejo. "Desejar" não vem de *boulomai*, que seria a forma mais adequada para expressar a vontade decretada por Deus, mas de *thelo*, que Paulo usa em 1 Timóteo 2 e pode se referir à vontade que é desejada por Deus. Essa é precisamente a distinção que os teólogos geralmente fazem entre a vontade secreta de Deus e a Sua vontade revelada.

Deus deseja muitas coisas que Ele não decreta. Nunca foi o desejo de Deus que o pecado existisse, no entanto, a inegável existên-

cia do pecado prova que até mesmo ele cumpre com os Seus propósitos eternos (Is 46.10) – embora de modo algum Ele seja o autor do pecado (Tiago 1.13).

Jesus lamentou-se sobre Jerusalém: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Mt 23.37). John Murray e Ned B. Stonehouse escreveram: "Descobrimos que o próprio Deus expressa um desejo ardente pelo cumprimento de certas coisas que Ele não decretou em seu inescrutável desígnio por vir"[40]. Deus deseja que todos os homens sejam salvos. É a sua rejeição voluntária a Ele que os envia ao inferno. As verdades bíblicas sobre a eleição e a predestinação não cancelam a responsabilidade moral do homem.

Reflete a Singularidade de Deus

Um dos ensinos mais fundamentais das Escrituras é o de que "há um só Deus" (cf. Dt 4.35, 39; Is 43.10; 1 Co 8.4, 6). Essa verdade se opõe à religiosidade pluralista do nosso mundo, que rejeita o conceito de qualquer verdade religiosa exclusiva. Somos ensinados pelo espírito extremamente tolerante de nossa era que os deuses dos cristãos, dos judeus, dos muçulmanos, dos budistas, e dos hindus devem ser considerados igualmente válidos. Se isso fosse verdade, haveria muitos caminhos para a salvação, e, portanto, nenhuma necessidade de evangelismo. Mas porque há somente um Deus verdadeiro, então Ele é aquele em quem todos devem crer para serem salvos (1 Tm 2.5). Não há outro nome sob os céus pelo qual os pecadores possam ser salvos (At 4.12). A oração evangelística reconhece que todos devem ir ao único Deus verdadeiro.

[40] John Murray e Ned B. Stonehouse. *The Free Offer of the Gospel*. Philipsburg, N.J.: Presbyterian and Reformed, 1979, 26.

Coerente com a Pessoa de Cristo

Não somente há um único Deus, como também "um mediador entre Deus e os homens, Jesus cristo, homem". "Mediador" se refere àquele que intervém entre dois indivíduos para restaurar a paz ou ratificar uma aliança. O conceito de um mediador é visto no lamento de Jó: "Não há entre nós árbitro que ponha a mão sobre nós ambos" (Jó 9.33). Por ser Cristo o único mediador, todos devem ir a Deus através dele (At 4.12). Não há uma série infinita de eternidades, ou sub-deuses, como os agnósticos ensinavam. Não nos aproximamos de Deus através da intercessão dos anjos, dos santos, ou de Maria. Somente através de "Cristo Jesus, homem" é que os homens podem se aproximar de Deus. Hebreus 8.6 O chama de "o mediador de uma superior aliança", enquanto Hebreus 9.15 e 12.24 O descrevem como o mediador da Nova Aliança. Todos os homens que vão a Deus devem ir através dele.

Reflete a Plenitude da Expiação de Cristo

O nosso Senhor deu a Sua vida livremente quando morreu pelos nossos pecados. Em João 10.17-18, Ele disse: "Por isso, o Pai me ama, porque Eu dou a Minha vida para a reassumir. Ninguém a tira de Mim; pelo contrário, Eu espontaneamente a dou. Tenho autoridade para a entregar e também para reavê-la. Este mandato recebi de Meu Pai". Ele foi voluntariamente para a cruz e deu tudo de Si, não meramente algo que possuía.

"Resgate" é um termo teológico precioso, que descreve a morte substitutiva de Cristo por nós. Não é usada aqui a palavra simples para "resgate", *lutron*, mas *antilutron*, que é a palavra "resgate" acrescida de uma preposição que intensifica seu significado. Cristo não apenas pagou um resgate para nos libertar; Ele se tornou a vítima em nosso lugar. Ele morreu a nossa morte e levou o nosso pecado. Ele deu a Si mesmo.

A frase "se deu em resgate por todos" é um comentário sobre a suficiência da expiação, não sobre o seu *desígnio*. Para aplicar uma

argumentação bem conhecida, o resgate pago por Cristo a Deus para satisfação da Sua justiça é suficiente para todos, mas eficaz somente para os eleitos. A expiação de Cristo é, portanto, ilimitada quanto à sua suficiência, mas limitada quanto à sua aplicação.

Os benefícios reais são estendidos "a todos" por causa da obra expiatória suficiente de Cristo. O Evangelho pode ser pregado indiscriminadamente a todos (Mc 16.15); a água da vida e a oferta da misericórdia divina são estendidas gratuitamente a todos (Ap 22.17); Cristo é descrito como Salvador para ser recebido por todos (1 Tm 4.10; 1 Jo 4.14). Além do mais, no sentido temporal, quando Adão pecou, toda a raça foi poupada da destruição e do julgamento imediatos (privilégio não concedido aos anjos que caíram, ver Hb 2.16), e os pecadores individuais agora experimentam a graça comum e a demora do julgamento de Deus pelos seus pecados. O teólogo do século XIX, William G.T. Shedd, escreveu:

> A expiação é suficiente em valor para expiar o pecado de todos os homens indiscriminadamente; e este fato deve ser declarado porque é um fato. Não há reivindicações por justiça que ainda não tenham sido satisfeitas; não há pecado humano pelo qual uma expiação infinita não tenha sido providenciada... Portanto, o chamado para "virmos" a Cristo é universal[41].

Isso não significa que todos serão salvos. A morte de Cristo foi *suficiente* para cobrir os pecados de todos os homens, mas é *aplicada* somente aos eleitos. O preço pago foi infinito, e suficiente para todos. "A expiação de Cristo... é um ato divino. Ela é indivisível, inexaurível, suficiente em si mesma para cobrir a culpa de todos os pecados que serão cometidos na terra"[42]. Portanto, a salvação pode ser oferecida sincera e legitimamente a todos, embora somente os eleitos responderão a ela. Shedd escreveu: "O limite para a oferta de um remédio não está restrito ao número de pessoas favoravelmente dispostas a comprá-lo e usá-lo. A sua adaptação à doença é a única consideração para vendê-lo, e ele é conseqüentemente oferecido a todos"[43].

[41] William G.T. Shedd. *Dogmatic Theology*, vol. 2, Nashville: Thomas Nelson, 1980. Reimpressão. 482.

[42] R.L. Dabney. *The Five Points of Calvinism*. Harrisonburg, Va: Sprinkle, 1992, Reimpressão, 61.

[43] William G.T. Shedd. *Dogmatic Theology*, vol. 2, Nashville: Thomas Nelson, 1980. Reimpressão. 2:482.

É crucial compreendermos que a obra expiatória de Cristo realiza plenamente tudo o que Deus declarou que Ele realizaria na eternidade passada com relação à salvação dos pecadores. Os propósitos soberanos de Deus não são impedidos em nenhum aspecto pela incredulidade daqueles que desprezam a Cristo. A expiação de Cristo não representa uma tentativa fracassada de salvar ninguém que não queira ser salvo. Todos aqueles aos quais Deus se propôs a salvar desde a eternidade passada serão salvos (cf. Jo 17.12). Porém, é válido reiterar mais uma vez que enquanto o *propósito* de salvação de Deus está limitado aos eleitos, o Seu *desejo* pela salvação dos pecadores é tão vasto quanto a raça humana. Ele "deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade". Por isso Cristo "deu a Si mesmo como resgate [suficiente] por todos". A obra expiatória de Cristo é um exemplo vivo que nos revela o desejo do coração de Deus pela salvação dos pecadores!

É por isso que Paulo se refere à expiação como o "testemunho sustentado [por Cristo] em tempo oportuno". Este pensamento faz um paralelo preciso com Gálatas 4.4-5: "Vindo, porém, a plenitude do tempo, Deus enviou Seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei". Cristo "deu a Si mesmo como resgate" exatamente "no tempo oportuno" no plano redentor de Deus. A Sua obra redentora é o testemunho mais eloqüente que já existiu do desejo de Deus pela salvação dos pecadores. A oração evangelística por todos os homens, portanto, reflete o coração de Deus e honra a obra de Cristo na cruz.

Em Conformidade com a Comissão Divina de Paulo

Paulo escreve: "Para isto fui designado pregador e apóstolo" (1 Tm 2.7). A divina comissão de Paulo baseava-se nas grandes verdades de que Deus é o nosso Salvador, Cristo é nosso mediador, e Cristo deu a Si mesmo como resgate, conforme descrito nos versículos acima. "Pregador" deriva do verbo kerusso, que significa anunciar, proclamar, ou falar publicamente. O mundo antigo não possuía os

recursos de mídia dos dias de hoje, por isso os anúncios eram feitos na praça da cidade. Paulo era um arauto público que proclamava o Evangelho de Jesus Cristo. Se a mensagem do Evangelho fosse exclusiva, isso teria enfraquecido o chamado de Paulo.

Nós também somos chamados a proclamar o Evangelho ao mundo perdido. Esse chamado, como a comissão divina de Paulo, baseia-se no desejo de Deus de que todos sejam salvos. A oração evangelística reconhece nossa responsabilidade.

O maior exemplo de oração evangelística é dado pelo próprio nosso Senhor. Isaías 53.12 nos conta que Ele "intercedeu pelos transgressores". Na cruz Ele orou, "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Deus respondeu a essas orações com 3.000 convertidos no Dia de Pentecostes e mais milhares sem conta através dos séculos.

Você ora pelos perdidos assim? Você tem a paixão que inspirou John Knox a clamar "Dá-me a Escócia, ou morro"? Será que a nossa atitude é a mesma de George Whitefield, que orou "Ó Senhor, dá-me almas ou toma minha alma"?. Podemos dizer, como Henry Martyn, "Não posso mais suportar a existência se Jesus tiver de ser desonrado"?

Deus honra as suas orações pelos perdidos. Em meio àqueles que mataram Estevão estava um jovem de nome Saulo de Tarso. Seria possível que a salvação do grande apóstolo tenha sido em resposta à oração de Estevão: "Senhor, não lhes imputes este pecado!"? (At 6.60). O evangelismo começa com oração.

Para finalizar, faço uma pergunta: você está preparado para estar a sós com Deus? Agora você já possui todas as armas para entrar em Sua presença com muito para falar. Jesus lhe deu o padrão a ser usado e o apóstolo Paulo lhe forneceu uma lista de prioridades. Espero que ao orar de acordo com essas realidades você descubra o verdadeiro poder e a paixão da oração, e que como resultado você possa crescer para ser mais semelhante a Cristo e para ver muitos dos eleitos entrarem no Reino.

Guia de Estudo Individual e em Grupo

Para o Estudo Individual

Sente-se em sua poltrona favorita com sua Bíblia, uma caneta ou lápis, e este livro. Leia um capítulo, marcando as partes que lhe pareçam mais significativas. Faça anotações nas margens. Observe as partes onde você concorda, discorda, ou questiona o autor. Olhe as notas de rodapé e as passagens relevantes das Escrituras. Depois, volte-se às perguntas enumeradas neste guia de estudos. Se você quiser medir o seu progresso com um registro por escrito, use um caderno para registrar as suas respostas, pensamentos, sentimentos e outras perguntas. Consulte o texto e as Escrituras de modo a permitir que as perguntas ampliem o seu raciocínio. E ore. Peça a Deus para lhe dar uma mente que discerne a verdade, uma preocupação ativa pelas vidas, e mais amor por Ele.

Para o Estudo em Grupo

Planeje com Antecedência. Antes de encontrar o seu grupo, leia e marque o capítulo como se estivesse se preparando para o estudo individual. Dê uma olhada nas perguntas fazendo anotações mentais de como poderia contribuir para a discussão do seu grupo. Traga uma Bíblia e o texto para a sua reunião.

Escolha um ambiente que propicie o debate. Disponha cadeiras confortáveis casualmente em círculo, pois isso convida as pessoas a falar umas com as outras. Depois, diga: "Estamos aqui para ouvir e responder uns aos outros, e para aprender juntos". Se você é o líder, certifique-se de se sentar onde possa fazer contato visual com todas as pessoas.

A pontualidade é importante. Para muitas pessoas, o tempo é tão valioso quanto o dinheiro. Se o estudo terminar tarde (por ter começado tarde), essas pessoas se sentirão tão roubadas quanto se você houvesse lhes tirado as carteiras. Então, a não ser que vocês tenham feito algum acordo prévio, comece e termine na hora.

Procure envolver todos na discussão. O aprendizado em grupo funciona melhor se todos participarem de forma mais ou menos igual. Se você é um *falante* por natureza, faça uma pausa antes de começar a conversar. Depois, pergunte a uma pessoa calada o que ela acha. Se você é um *ouvinte* por natureza, não hesite em entrar na conversa. Os outros serão beneficiados por seus pensamentos – mas somente se você falar com eles. Se você é o *líder*, tenha cuidado para não monopolizar a reunião. Naturalmente, você terá pensado a respeito do estudo antes da reunião, mas não presuma que as pessoas estão presentes apenas para ouvi-lo, por mais agradável que isso possa soar. Em vez disso, ajude os membros do grupo a fazerem suas próprias descobertas. Faça as perguntas, mas insira suas próprias idéias somente à medida que elas forem necessárias para preencher lacunas.

Organize o ritmo do estudo. As perguntas para cada reunião destinam-se a durar cerca de uma hora. As perguntas feitas antecipadamente formam a estrutura para uma discussão posterior, portanto, não se apresse a ponto de perder a formação de uma base sólida. As

perguntas feitas posteriormente, porém, em geral se referem ao aqui e agora. Portanto, não desperdice o tempo na parte inicial a ponto de não ter tempo de entrar nas questões pessoais. Embora o líder deva assumir a responsabilidade por organizar o tempo do fluxo de perguntas, é função de cada pessoa do grupo ajudar a manter o estudo correndo em um ritmo regular.

Orem uns pelos outros, juntos ou a sós. Depois veja a mão de Deus operando na vida de todos vocês.

Cuide para que cada reunião inclua os seguintes itens:

Tópico da Reunião – breve relato resumindo a reunião.

Elemento de Coesão – atividade para se tomar conhecimento do *tópico da reunião e/ou uns dos outros.*

Perguntas – lista de perguntas para incentivar as descobertas e aplicações individuais e em grupo.

Foco de Oração – sugestões para se transformar o aprendizado de uma pessoa em oração.

Atividades Opcionais – idéias suplementares que aperfeiçoarão o estudo.

Tarefa – Atividade ou preparação a ser realizada antes da próxima reunião.

UM

Um Coração Firmado em Deus

Tópico da Reunião

Um crente cujo coração está firmado em Deus cultivará uma atitude constante de oração ao longo de cada dia.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. A sociedade de hoje nos apresenta muitas opções de como gastarmos nosso tempo livre. Cite uma atividade que você gosta de fazer como lazer. Você acha que isto consome muito do seu tempo?
2. Você é uma pessoa diurna ou noturna? Ou a hora do dia não afeta a sua disposição? Como suas reações são influenciadas quando você passa um tempo prolongado em oração?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. O ato de respirar é uma boa ilustração de como deveria ser a oração? Por que, ou por que não?
2. Por que um cristão iria querer se portar como um humanista prático? Cite e discuta diversas coisas (programas, métodos, recursos) que você acha que poderiam levar a esta atitude.

3. Como os acontecimentos milagrosos do Dia de Pentecostes afetaram as práticas de oração da igreja primitiva? (At 1-2; 6.4).
4. O que você imaginou quando ouviu pela primeira vez a declaração "Orai sem cessar?" Foi diferente do seu atual entendimento acerca de 1 Tessalonicenses 5.17? Em caso positivo, como foi ele?
5. Como a redação inicial de Efésios 6:18 ajuda a explicar a natureza da oração, que tem o poder de abranger todas as coisas?
6. Quais são as duas lições importantes, porém contrastantes, que podemos aprender com o tempo de oração no Jardim do Getsêmani? (Mt 26.36-46; Lc 22.40-46).
7. Como as parábolas em Lucas 11.5-10 e 18.1-8 diferem das outras que Jesus contou?
8. O que é tão significativo sobre orar "no Espírito"? (Vide Rm 8.26-27).

Foco de Oração

- Ore para que, ao começar este estudo, Deus ajude você e cada membro do seu grupo a se tornarem mais conscientes acerca da necessidade da oração diária.
- Decida-se a separar tempo suficiente no final de cada reunião para orar em grupo e dar prosseguimento aos pedidos de oração das semanas anteriores.

Atividades Opcionais

1. Releia a longa citação de Charles Spurgeon. Tente reescrevê-la em uma linguagem mais contemporânea. Use pelo menos uma ilustração moderna que exemplifique a verdade de como a oração deve ser um modo de vida.

2. Mantenha um diário de oração durante todo o próximo mês. Faça uma lista das pessoas e coisas pelas quais você precisa orar. Deixe também espaço para anotar as respostas de oração. Compartilhe com um amigo cristão pelo menos uma das respostas que o Senhor lhe der.

Tarefa

1. Memorize Efésios 6.18.
2. Leia o capítulo 2.

DOIS

Buscando ao Senhor em Secreto

Tópico da Reunião

Deus quer que nos aproximemos dele em oração com humildade, franqueza e sinceridade, e não com orgulho e hipocrisia como os fariseus.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Compartilhe qual é o seu tipo predileto de "esconderijo" (onde você pode estar só). Alguns poderão querer descrever mais especificamente onde é o seu e como ele é.
2. Nenhum de nós gosta de falta de sinceridade e pequenas mentiras na vida diária. Você pode pensar em uma experiência (talvez com um vendedor de telemarketing) que tenha sido especialmente irritante para você?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Qual foi a visão do Antigo Testamento sobre a importância da oração? (cf. Sl 65.2; 91.15; 145.18).
2. Como o profeta Isaías expressou reverência quando ficou face a face com Deus? (cf. Is 6)

3. Os judeus tinham um senso de solidariedade? Em caso positivo, em que se baseava e como ele afetava a sua vida de oração?

4. Quais eram algumas das características e atitudes da oração ritualística? Quais os nomes das duas orações formais mais comuns usadas pelos judeus?

5. Você tem a tendência de fazer orações em público longas demais? Em caso positivo, observe novamente a advertência de Jesus em Marcos 12.40 e reflita sobre algumas formas de acelerar suas orações.

6. Que pecado estava no centro da abordagem de oração dos fariseus? (Mt 6.5).

7. Que tipo de oração os judeus tomaram emprestado dos gentios? Ela acrescentava ou subtraía alguma coisa do conteúdo das orações oferecidas a Deus?

Foco de Oração

- Separe algum tempo durante a próxima semana para examinar seus motivos de oração. Peça a Deus para lhe revelar as coisas que podem impedir os seus períodos regulares de oração.
- Você tem um lugar calmo onde possa ir para orar? Se não, peça a Deus para providenciar um lugar onde você possa fugir de tudo o mais e estar com Ele. Se você tem esse lugar, agradeça a Ele por tê-lo providenciado.
- A disciplina da oração diária pode se tornar monótona. Peça a Deus para lhe dar uma força renovada e um novo desejo de ser fiel na oração.

Atividades Opcionais

1. Vá até à biblioteca de sua igreja ou até à livraria cristã mais próxima e consiga outro livro sobre oração. Leia-o nas próximas semanas e anote as coisas que venham a complementar o tema deste livro.
2. Muitos de nós recebemos pelo menos duas cartas de pedido de oração de missionários ou de ministros cristãos. Releia várias dessas cartas mais recentes e avalie o modo como apresentam seus pedidos de oração. Você sente que elas são egocêntricas, ou procuram colocar a atenção em Deus? Anote sua opinião.

Tarefa

1. Releia Mateus 6.8-13 e Lucas 11.1-4. Observe as diferenças no contexto e nas palavras da Oração do Pai-nosso.
2. Leia o capítulo 3.

TRÊS

"Pai Nosso"

Tópico da Reunião

A oração deve sempre começar e terminar com o reconhecimento de que podemos e devemos glorificar a Deus como nosso Pai.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Algumas igrejas recitam a Oração do Pai-nosso todas as semanas como parte de uma tradição do culto de adoração. Você considera essa uma prática bíblica? Por que ou por que não?

2. Há cerca de vinte anos atrás, o comentarista bíblico J.B. Phillips escreveu um livro intitulado *Your God is Too Small* [O Seu Deus é Pequeno Demais]. As pessoas ainda esperam muito pouco de Deus hoje? Ou elas fazem exigências demais a Ele quando oram?

Perguntas para Análise em Grupo

1. Que grande verdade Jonas, Daniel e Jeremias exemplificam nas suas orações? Dê mais uma olhada em Jonas 2, Daniel 9, e Jeremias 32.

2. Que título mais preciso poderíamos dar à Oração do Senhor?

3. Reconstrua um dos esboços ou padrões da Oração que você acredita que demonstra melhor o propósito de Jesus ao compartilhá-la com os discípulos. Justifique sua escolha.

4. O que distingue os filhos da luz dos filhos das trevas? (Vide Ef 5.8; 2 Pe 1.4).

5. Quais os cinco elementos compreendidos pela Paternidade de Deus para os judeus do Antigo Testamento? A qual ou a quais deles você acha que os crentes de hoje podem se referir mais facilmente?

6. Qual palavra Jesus usava freqüentemente para "pai" quando se referia a Deus? O que ela significa em português?

7. Leia Mateus 7.7-12 novamente. O que você acha mais útil ou confortador nesta passagem?

8. Quais são os seis benefícios de termos Deus como nosso Pai? Eles estão apresentados em ordem de importância? Em caso negativo, como você os reordenaria?

Foco de Oração

- Atualmente, nem todos têm um bom relacionamento (ou boas lembranças) com seu pai terreno. Ore e agradeça a Deus por Ele estar sempre disponível para ser um Pai celestial amoroso.
- Qual foi o foco dos seus períodos de oração mais recentes? Caso tenham sido egocêntricos demais, peça a Deus para ajudar sua oração a ser mais centralizada nEle.

Atividades Opcionais

1. Faça um breve estudo da pessoa e atributos de Deus. Leia uma obra padrão sobre o assunto, como *The Knowledge of the Holy* [O Conhecimento do Sagrado], de A.W. Tozer, ou *The Attributes of God* [Os Atributos de Deus], de Arthur W. Pink. Faça algumas anotações sobre sua leitura e conte ao grupo o que mais aproveitou de seu estudo.
2. Leia o Salmo 139 e medite no que ele diz sobre a onipresença e a onisciência de Deus. Registre alguns versículos chave para memorizá-los.

Tarefa

1. Comece a memorizar Mateus 6.9-13.
2. Leia o capítulo 4.

QUATRO

"SANTIFICADO SEJA O TEU NOME"

Tópico da Reunião

Quando os cristãos se aproximam de Deus em oração, eles devem se lembrar da Sua santidade e da grandeza do Seu Nome.

Elemento de coesão (Escolha Um)

1. Como você reage quando ouve alguém usar o nome do Senhor em vão? Você acha que, via de regra, é melhor apenas ignorar a advertência ou admoestar a pessoa?
2. Os nomes das pessoas são importantes para elas. Compartilhe, se puder, alguns fatos interessantes sobre o seu nome ou sobre a escolha do nome de um filho.

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Qual a razão primordial para a existência da igreja e de cada indivíduo dentro dela?
2. Qual o nome hebraico mais familiar para Deus? (cf. Ex 3.14). Por que os judeus não diziam esse nome em voz alta?
3. Nas Escrituras, os nomes eram mais do que simples títulos. Qual é a coisa mais importante que eles representam ou à qual equivalem?

4. Como Jesus revelou o caráter de Deus a Seus discípulos? (cf Jo 1.14; 14.9).

5. Que versículo do Antigo Testamento enumera mais nomes para Jesus Cristo do que qualquer versículo do Novo Testamento?

6. Quais as palavras contemporâneas que podem ser usadas como sinônimos de *santificado*? O que elas nos dizem sobre nosso relacionamento com Deus?

7. Qual é a verdade mais central, ou o atributo mais importante com relação a Deus? (Is 6.3).

8. Nove "anseios pela santidade" são enumerados. Quais deles você acha que são os mais difíceis de alcançar e por quê?

9. Quais são as três verdades que devem ser captadas a fim de se "santificar" plenamente o nome de Deus?

Foco de Oração

- Como tem sido o seu zelo pela dignidade do nome de Deus e o seu progresso na busca da sua própria santificação ultimamente? Passe algum tempo em oração revendo suas atitudes. Peça a Deus para perdoar sua indiferença e aumentar o seu desejo de conhecê-Lo.
- Qual nível de respeito você confere ao nome (reputação) de irmãos cristãos, especialmente aqueles que são líderes na sua igreja? Ore para que você seja fiel sobre isso e para que esses líderes apresentem bons testemunhos na comunidade.

Atividades Opcionais

1. Escreva todos os nomes hebraicos de Deus com a sua tradução para o português, em uma folha de papel em separado ou em um cartão de fichário. Tente memorizar o significado de todos os onze termos. Procure e registre as passagens do Antigo Testamento onde eles são usados.
2. Você já experimentou uma "ansiedade por santidade?" Pode ter ocorrido quando você se tornou cristão, ou em alguma data posterior. Dê um testemunho curto dessa experiência na próxima reunião de estudos. Você pode querer recontar a experiência de alguém (alguém que não é parte do seu grupo atual) caso ache que é mais apropriado ou oportuno. Caso você não compartilhe um testemunho com o grupo, escreva as suas recordações como alguém que ora ou como uma "carta aberta" de gratidão a Deus.

Tarefa

1. Continue a trabalhar na memorização de Mateus 6.9-13. Reveja algumas partes desse trecho todos os dias.
2. Leia o capítulo 5.

CINCO

"Venha o Teu Reino"

Tópico da Reunião

As nossas orações devem apoiar o estabelecimento do Reino de Deus e do governo de Cristo.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Qual fato acerca da cultura brasileira atual mais o preocupa? Como isso contribui para a atmosfera pós-cristã ou anti-cristã em seu país?
2. Você tem algum plano ou visão de futuro para a sua carreira, sua família, ou para o seu aperfeiçoamento pessoal? Como a quantidade de tempo gasto com esses planos se compara com o tempo que você dedica à igreja e a promover o Reino de Deus? É difícil manter um equilíbrio?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Qual a principal missão da igreja neste mundo? Que tipo de influências procuram desviá-lo desta missão?

2. É válido que um cristão traga suas próprias preocupações e causas diante de Deus em oração? Qual a única coisa que lhes dá validade?

3. O que constitui a maior oposição ao Reino de Cristo e ao viver cristão?

4. Qual a característica comum de todos os grandes impérios que existiram através da história do mundo?

5. Dos três aspectos temporais do Reino de Deus – passado, presente e futuro –, qual deve ser o nosso foco principal na oração?

6. O que pode nos ajudar a reconciliar as aparentemente contrastantes verdades de que o Reino de Deus pode estar vindo agora, mas também virá no futuro?

7. Quais são as duas principais características relacionadas à vinda do Reino à terra agora?

Foco de Oração

- Ore por sua nação e cultura. Peça a Deus para desviar o coração das pessoas para longe do pecado e voltá-lo para Ele.
- Agradeça a Deus pelo maravilhoso privilégio de ser um membro do Seu Reino. Ore por diversas pessoas que você sabe que não pertencem ao Reino de Deus, citando seus nomes.
- Quais são as suas prioridades com relação a servir no Reino de Deus e ajudar a promovê-lo? Caso elas precisem estar mais alinhadas com as prioridades de Deus, peça a Ele a sabedoria e a direção para fazer os ajustes necessários.

Atividades Opcionais

1. Faça um estudo adicional sobre a natureza do Reino de Deus. Para ter uma visão de como o reino contrasta com o sistema do mundo, leia *Studies on the Sermon on the Mount* [Estudos sobre o Sermão da Montanha], de D. Martyn Lloyd-Jones, focalizando especialmente os capítulos que tratam de Mateus 6-7. Para obter direção sobre como os crentes devem viver no Reino de Deus hoje, leia meu livro *Kingdom Living Here and Now* [Vivendo no Reino Aqui e Agora].
2. Leia e estude as parábolas do Reino em Mateus 13.1-52. Resuma em suas próprias palavras os temas dessa passagem. Registre as semelhanças e as diferenças que observar entre as várias parábolas do Reino.

Tarefa

1. Faça a revisão do seu trabalho de memorização de Mateus 6.9-13. Comece a aprender o Salmo 2.6-8 também.
2. Leia o capítulo 6.

SEIS

"Seja Feita a Tua Vontade"

Tópico da Reunião

Quando oramos, a nossa vontade concorda com a vontade de Deus, e passamos a desejar que a Sua vontade se cumpra em todo o mundo.

Elemento de coesão (Escolha Um)

1. Como você tende a encarar suas orações; mais do ponto de vista do seu próprio poder de persuasão, ou do ponto de vista de como Deus respondeu às suas petições? Explique sua resposta.

2. Descreva um exemplo recente de como você queria muito resolver as situações do seu próprio modo. Sua atitude criou dificuldades para você ou para outros?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Como Davi (Sl 40.8) e Jesus (Jo 4.34) demonstram estarem familiarizados com a atitude da terceira petição?

2. Como você descreveria a visão do poeta Omar Khayyam acerca de Deus? Pense em um ou dois adjetivos que seriam adequados.

3. O que a história de Atos 12 nos diz a respeito da vulnerabilidade da vida de oração da antiga igreja primitiva? (vide At 12.1-17).
4. Com relação ao curso dos acontecimentos da vida, que tensão sempre existiu entre Deus e o homem? (p.79). Como você resolveu esta tensão na sua própria mente?
5. Como e quando Jesus demonstrou um senso de rebelião justa com relação à vontade de Deus?
6. Quando se trata de buscar uma diferença ou fazer com que ocorra uma mudança, como a maioria dos cristãos vê a oração? (p.79). Como você resolveu essa tensão em sua mente?
7. Quais os três aspectos da vontade de Deus que são discutidos até o fim desse capítulo? Cite uma ou duas características principais de cada aspecto.
8. Como a oração pode ser um meio de santificação progressiva? Você se lembra de um exemplo de como ela funcionou dessa forma na sua vida ou na vida de um ente querido?

Foco de Oração

- Ore e peça a Deus para moldar sua mente e coração à Sua vontade em tudo. Se você está com dificuldade de aceitar a vontade dele em determinada situação, ore especificamente sobre isso.
- Existe alguma violação da vontade de Deus a respeito da qual a sua atitude poderia fazer diferença definitivamente? Se houver, ore pedindo sabedoria e coragem para tomar a atitude adequada.
- Dedique algum tempo na próxima semana agradecendo a Deus pelas muitas formas como a Sua vontade está se cumprindo em todo o mundo.

Atividades Opcionais

1. Faça algum estudo adicional a respeito dos propósitos de Deus ao permitir o mal. Leia as páginas 105-124 de *The Vanishing Conscience* [A Consciência Efêmera] e anote os pontos chave dessa seção.
2. Leia o livro de Philip Keller, *A Layman Looks at the Lord's Prayer* [Um Leigo Analisa a Oração do Senhor]. Esteja alerta quanto aos tópicos de discussão que são adicionais aos abordados em *A Sós com Deus*.

Tarefa

1. Memorize Romanos 12.1-2.
2. Leia o capítulo 7.

SETE

"O Pão Nosso de Cada Dia, dá-nos Hoje"

Tópico da Reunião

Por Ele ter prometido prover todas as nossas necessidades físicas, podemos orar confiantemente e com gratidão a Deus para que Ele supra essas provisões a cada dia.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Muitos de nós temos alguns sonhos sobre possuirmos bens materiais que seriam adicionais às nossas necessidades essenciais diárias. É errado orar por essas coisas?
2. Houve algum momento recente em que você não estivesse em uma situação de relativa abundância? Se houve, quais foram algumas das formas que o Senhor usou para supriu as suas necessidades do pão de cada dia?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. No contexto familiar, a dependência do crente em Deus é análoga a quê?
2. Que tipo de necessidades o termo *pão* abrange?
3. De que formas práticas e comuns as pessoas negam que Deus é a fonte de tudo o que possuem?

4. A preocupação com o meio ambiente e com os instrumentos técnicos para administrar os recursos naturais é saudável? Como podemos equilibrar essas preocupações com o reconhecimento de que tudo o que temos vem de Deus?
5. Que fato torna o título desse capítulo uma petição válida? (vide Sl 37.3-4, 10-11, 25).
6. Como as religiões não cristãs em geral contribuíram para a falta do pão de cada dia em algumas partes do mundo? Que exemplo específico é dado?
7. Deus certamente pode suprir nossas necessidades através de meios milagrosos, mas como Ele normalmente as supre? (1 Ts 3.10-12).

Foco de Oração

- Você sabe de alguns missionários que possam estar tendo dificuldades para atender às suas necessidades diárias ou às necessidades diárias das pessoas a quem ministram? Separe algum tempo especial para orar por eles hoje.
- Ore para que Deus ajude você e os outros em seu grupo de estudos a viverem um dia de cada vez e a confiarem em Deus para suprir as suas necessidades diárias.
- Agradeça ao Senhor por Ele ter dado a você, Seu filho, toda a provisão básica de que você necessita.

Atividades Opcionais

1. Faça um breve estudo de 2 Coríntios 9. Faça uma revisão das formas como você está compartilhando os seus recursos e investindo espiritualmente na obra de Deus. Você precisa aperfeiçoar seus esforços ou acrescentar alguns que vem omitindo?

2. Ofereça voluntariamente uma parte do seu tempo das próximas semanas a uma entidade local de serviço de alimentação, abrigo para os sem-teto, ou similar (Caso na sua comunidade não exista nenhuma dessas entidades, ore por uma oportunidade de ajudar uma família da sua igreja que possa estar necessitando de ajuda material).

Tarefa

1. Tente recitar todo o trecho de Mateus 6.9-13. Se você ainda não estiver totalmente pronto para fazer isso, continue a rever e memorizar esse trecho.
2. Leia o capítulo 8.

OITO

"Perdoa-nos as Nossas Dívidas"

Tópico da Reunião

Pelo fato dos cristãos continuarem a pecar, eles precisam orar diariamente pedindo o perdão dos pecados, o que somente Deus, seu Pai amoroso, pode dar.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Que traço de caráter você considera mais intolerável nos outros? O que poderia tornar mais fácil lidar com essas pessoas e perdoá-las?

2. Qual foi a última vez em que você sentiu um grande alívio por ter um débito financeiro quitado? Descreva sua experiência. Que lições você pode extrair disso e aplicar ao perdão espiritual?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Que motivo duplo torna o perdão de Deus aos nossos pecados tão significativo para nós? Como a citação de John Stott se relaciona a esse motivo?

2. Quais os seis efeitos negativos que o pecado exerce sobre o nosso bem estar espiritual? Que outros efeitos maus ele exerce sobre a nossa saúde física e sobre o nosso bem estar social?
3. Quais são as cinco palavras gregas mais comumente usadas para indicar os vários aspectos do pecado? (p.101). Que palavra ou palavras captam melhor o sentido para você?
4. Descreva com suas próprias palavras a magnitude do perdão judicial de Deus. Esse perdão está disponível a quem?
5. Por que os crentes ainda têm necessidade do perdão paterno de Deus?
6. Que verdades importantes o ato de Jesus de lavar os pés dos discípulos simboliza?
7. Que benefícios recebemos ao confessarmos nossos pecados? O que acontece quando não o fazemos? O que torna a confissão tão difícil?
8. Quais são os princípios simples que nos mostram que perdoar os outros é o teste definitivo para os cristãos?
9. São apresentadas sete razões para perdoarmos as pessoas. Quais são as três que você e seu grupo consideram serem as mais significativas? Discutam, como grupo, o seu raciocínio, e observem os versículos das Escrituras que forem relevantes.

Foco de Oração

- Dê graças ao Senhor por Sua maravilhosa solução para o problema do pecado.
- O apóstolo Paulo nos diz para examinarmos a nós mesmos (2 Co 13.5). Somos orientados a fazer isso principalmente

antes de tomar parte na Ceia do Senhor. Antes da próxima Ceia na sua igreja, examine o seu coração e leve qualquer pecado não confessado à presença do Senhor pedindo o Seu perdão.

- Como está o seu espírito perdoador com relação aos demais cristãos? Se existir algum rancor ou pecado não confessado entre você e outro crente, peça perdão agora e ore pedindo a oportunidade de consertar as coisas com a outra pessoa.

Atividades Opcionais

1. Leia todo o livro de John Stott *Confess Your Sins* [Confesse Seus Pecados]. Registre seus comentários, pensamentos, e perguntas enquanto lê. Escreva uma breve sinopse do tema do livro e seus pontos principais.
2. Faça um estudo da palavra *perdão* ou de um dos termos para pecado. Se possível, use um dicionário de termos do Novo Testamento, uma enciclopédia bíblica, ou um dicionário teológico, assim como uma concordância.

Tarefa

1. Leia e medite sobre Mateus 18. Observe as muitas advertências que ele contém sobre pecado, confissão e perdão.
2. Faça uma revisão de Mateus 6.9-13. Você consegue recitá-lo com facilidade?
3. Leia o capítulo 9.

NOVE

"Livra-nos do Mal"

Tópico da Reunião

É válido pedirmos a Deus para proteger-nos do mal ao nos depararmos com as diversas provas e problemas da vida.

Elemento de Coesão *(Escolha Um)*

1. Na sua opinião, qual é o maior desafio proveniente do mundo que pode impedir os cristãos de terem êxito em sua caminhada com Deus? Quais são algumas das razões para a sua resposta?

2. Em uma escala de 0 a 10, como você se classificaria na atividade de confrontar dificuldades e perigos? 0 – Tento evitar o confronto sempre que possível porque parece que sempre fracasso? 10 – Espero ansiosamente por esses desafios e gostaria que mais deles surgissem? Ou estou em algum lugar entre esses dois extremos?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Que tipo de palavra grega é usada para "tentação" em Mateus 6.13? Como ela difere da conotação em português?

2. Como podemos equilibrar melhor o que diz a sexta petição com as admoestações e explicações de Tiago 1?

3. Toda provação tem necessariamente de transformar-se em uma tentação? Se não, qual o fator chave que impede que isto aconteça?
4. Qual verdade aparece em Jó 23.10, 1 Coríntios 10.13, e 1 Pedro 1.6-7?
5. Qual é a chave definitiva para se lidar com êxito com a tentação? (vide Sl 119.11; Tg 4.7).

Foco de Oração

- Agradeça ao Senhor porque, pelo poder do Espírito Santo, o mal é impedido de ser ainda mais desenfreado do que já é.
- Você tem alguma dificuldade atualmente com uma tentação ou pecado específico? Reivindique a promessa de 1 Coríntios 10.13 e peça a Deus força para resistir à tentação na próxima vez que ela vier.

Atividades Opcionais

1. Faça um estudo comparativo de Mateus 4.1-11 e Lucas 4.1-13, dois relatos da tentação de Jesus no deserto. Observe a semelhança entre os relatos. Que referências ao Antigo Testamento as duas passagens citam?
2. Durante o seu tempo devocional particular do próximo mês, procure versículos que confirmem o poder da Palavra de Deus para vencer o mal. Faça uma lista desses versículos e escolha vários para memorizá-los (Tente incluir esse exercício no seu tempo normal de leitura e estudo).

Tarefa

1. Termine o seu trabalho de memorização de Mateus 6.9-13. Faça uma revisão do mesmo tantas vezes quanto for necessário, a fim de recitá-lo em seu próximo grupo de estudos.
2. Leia o capítulo 10.

DEZ

Orando pelas Coisas Certas

Tópico da Reunião

Se estivermos orando realmente pelas coisas certas, focalizaremos os nossos pedidos de oração naquilo que diz respeito ao Reino de Deus e ao nosso próprio crescimento espiritual.

Elemento de coesão *(Escolha Um)*

1. Quais são as duas ou três categorias que em geral são mais freqüentes nos pedidos de oração feitos durante as reuniões de oração regulares das igrejas? A maioria dos pedidos está alinhada com as prioridades de Deus?
2. Como você avaliaria o seu sistema de valores nesse instante no que se refere à posse de bens materiais? De que item (ou itens) seria especialmente difícil abrir mão? Existe outra coisa sem a qual seria fácil passar?

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Que tipo de desilusão atingiu o jovem advogado da história de Anton Chekhov? O que aconteceu em virtude de seu desencantamento?
2. De acordo com as orações do apóstolo Paulo, qual a sua maior preocupação?

3. Nas epístolas de Paulo, a que a frase "sua vocação" sempre se refere?

4. O conceito de dignidade abrange que área básica? Quais são algumas formas práticas pelas quais você poderia testar a sua própria dignidade?

5. Por que é tão importante para os cristãos andarem dignamente? Quais são alguns dos resultados negativos de não andarmos dignamente?

6. Como Davi podia ser tão ousado no seu desejo pela verdadeira realização espiritual?

7. Qual é a razão principal em virtude da qual muitos incrédulos continuam a rejeitar o Cristianismo? Como podemos nos comportar de modo que as pessoas ao nosso redor não rejeitem a verdade? (vide Mt 5.16).

Foco de Oração

- Nossos pedidos de oração geralmente estão fora do alvo onde Deus gostaria que estivessem. Faça uma revisão das principais coisas pelas quais você orou recentemente. Elimine aquelas que são egocêntricas e peça a Deus para ajudá-lo a se concentrar nas coisas certas.
- Dedique algum tempo a agradecer ao Senhor por Ele estar preocupado com o seu crescimento espiritual e por Ele suprir os recursos para auxiliá-lo nesse crescimento.
- Todos os dias durante a próxima semana, ore por uma pessoa diferente do seu grupo para que ele ou ela ande de modo digno da sua profissão cristã.

Atividades Opcionais

1. O Novo Testamento contém trinta e três orações do apóstolo Paulo. Escolha ao menos dez dessas para ler e estudar mais profundamente (Muitas delas são bastante breves). Faça uma lista dos elementos-chave contidos nas orações de Paulo.
2. Consulte a lista de características que manifestam uma caminhada cristã. Escolha sete delas (uma para cada dia da semana) e anote-as, juntamente com os seus versículos, em fichas separadas. Medite em uma por cada dia da próxima semana.

Tarefa

1. Memorize um dos versículos da lista de características de uma caminhada digna.
2. Leia o capítulo 11.

ONZE

Orando Pelos Perdidos

Tópico da Reunião

Para nos envolvermos em alcançar os perdidos, primeiro precisamos compreender os aspectos essenciais da oração evangelística.

Elemento de coesão (Escolha Um)

1. Você acha difícil orar pelos que estão investidos de autoridade, tais como os líderes mundiais e nacionais? Por que é tão fácil esquecermos essas pessoas nas nossas orações?
2. Às vezes as pessoas se convertem a Cristo depois de terem sido objeto de oração por muitos anos. Se alguém do seu grupo conhece os detalhes de um caso assim, peça a ele para compartilhar essa história com todo o grupo.

Perguntas para Discussão em Grupo

1. Que expressão em Romanos 9.1-4 demonstra o forte desejo do apóstolo Paulo de ver seus compatriotas judeus salvos?
2. Quais são os quatro termos que Paulo usa em 1 Timóteo 2.1 com relação à oração evangelística? Dê um exemplo de como as diferentes nuances de significado podem aplicar-se a múltiplas necessidades.

3. Orar pela salvação de *todos* os perdidos é compatível com o coração de Deus de diversas formas. Quais são elas? (vide Ez 33.11; At 17.30; 1 Tm 2.4).
4. O ativismo político de alguns grupos cristãos nos últimos anos fez alguma diferença no que diz respeito a alcançar os perdidos? Qual verdade de 2 Coríntios 10.4 é geralmente esquecida?
5. Que condições favoráveis em nossa nação e sociedade a igreja e os crentes individualmente verão como resultado da fidelidade na oração evangelística?
6. Em que a sua tarefa de orar pelos perdidos é diferente da oração de Jesus em João 17? (compare o vers. 9 com 2 Co 5.20).
7. Como o eterno propósito de salvação de Deus, aliado ao Seu desejo de que ninguém pereça, pode ser um consolo para nós ao orarmos pelos perdidos e testemunharmos a eles? (vide 2 Tm 2.19).
8. Como o fato de só existir um único Deus pode nos incentivar a orar pelos perdidos?
9. Dedique algum tempo a discutir a natureza da expiação de Cristo. Como ela pode ser ilimitada em sua suficiência, porém limitada em sua aplicação?
10. Sobre que verdades se baseava a comissão de Paulo como apóstolo e pregador? Como isso está relacionado à responsabilidade que Deus nos deu?

Foco de Oração

- Qual foi seu grau de diligência durante o ano passado em orar por seus amigos e parentes não salvos? Peça ao Senhor que o ajude a manter, ou, se necessário, a melhorar os seus esforços.

- Escolha o nome de uma pessoa não salva, talvez um membro de sua família, e dedique tempo extra durante o próximo mês para orar pela sua salvação.
- Expresse sua gratidão a Deus pela Sua grande salvação e pelo Seu maravilhoso amor ao atraí-lo para Si.

Atividades Opcionais

1. Leia o livro de J.I. Packer, *Evangelism and the Sovereignty of God* [O Evangelismo e a Soberania de Deus] ou o livro de C.H. Spurgeon, *The Soul Winner* [O Ganhador de Almas]. Procure por indicações de como você pode aplicar o que o livro diz às suas atividades evangelísticas (testemunhando, assim como orando).
2. Se você conhece um pastor missionário que está envolvido com plantação de igrejas, escreva-lhe uma carta e conte-lhe a respeito do seu apoio em oração. Compartilhe alguns dos princípios que você aprendeu nesse capítulo e se comprometa com ele a orar em favor das pessoas que ele está tentando alcançar com a ajuda do Senhor.

Tarefa

1. Faça uma revisão do seu trabalho de memorização de Mateus 6.9-13. Tente terminar de memorizá-lo na próxima semana ou duas caso não tenha sido possível terminar a tarefa antes.
2. Comece a memorizar 1 Timóteo 1.1-6. Coloque um alvo para si mesmo de quando deverá ter aprendido toda a passagem.